

# MATTOS da Bahia 2º Tomo

Que contem varias poezias  
â clerigo, Frades, e Freyras  
e algumas obras  
discretas,  
e tristes

/1/ POEZIAS  
SATYRICAS  
CLERIGOS

## **Aos capitulares**

do seu tempo.

### **Decima**

A nossa Sé da Bahia,  
com ser hum mappa de festas,  
he hum prezepio de bestas,  
se não estribaria:

/2/ varias bestas cada dia  
vemos, que o sino congrega,  
caveyra mula gallega,  
o Deam burrinha parda,  
Pereira besta de albarda,  
tudo para à Sé agrega.

**Aos Missionarios,**  
á quem o Arcebispo  
D. Fr. Joaõ da Madre de Deos  
se recomendava muyto as vias sacras,  
que enchendo a cidade de cruces  
chamavaõ do pulpito as pessoas por seus nomes,  
reprehendendo, à quem faltava.

**Soneto.**

Via de perfeyção he a sacra via,  
Via do ceo, caminho da verdade:  
Mas ir ao céu com tal publicidade,  
Mais que à virtude, ó boto à hypocrezia.  
O odio he d'alma infame companhia,  
A paz deyxou-a Deos à cristandade:  
/3/ Mas arrastar por força huma vontade,  
Em vez de perfeyção he tyrannia.  
O dar pregões do púlpito he indecencia,  
Que de Fulano? venha aqui Sicrano:  
Porque o peccado, e peccador se veja:  
He proprio de hum Porteyro d'audiencia,  
E se nisto maldigo, ou mal me engano,  
Eu me submetto à Santa Madre Igreja

## **Ao Cura**

da Sé

que era na quelle tempo  
introduzido ali por dinheyro,  
e com presunções de namorado

Satyriza o Poeta

como creatura do Prelado.

## **Decimas**

O Cura, à quem toca a cura  
de curar esta cidade,  
cheya à tem de enfermidade  
tam mortal, que não tem cura:  
/4/ dizem, que à si só se cura  
de huma natural sezaõ,  
que lhe dá na occasiaõ  
de ver as Moças no eyrado,  
com que o Cura he o curado,  
e as Moças seu cura saõ.

2

Desta meyzinha se argue,  
que ao tal Cura asezoado

mais lhe rende o ser curado,  
que o curado, que possui,  
grande virtude lhe influe  
o curado exterior:

mas o vicio interior  
Amor curá-lo procura,  
porque Amor todo locura,  
se a cura he de louco amor.

3

Disto cura o nosso Cura,  
porque he curador maldito,  
mas ao mal de ser cabrito  
nunca pôde dar lhe cura:  
he verdade, que a tonsura  
mette o cabra na sé,  
/5/ e quando vai dizer = Te  
Deum laudamus = aos doentes,  
se lhe revella entre dentes,  
e em lugar de Te diz me.

4

Como ser douto cobia,  
à qualquer Moça de geyto  
onde por o seu direyto,  
logo acha, que tem justiça:

a dar lhe favor se atiça,  
e para o fazer com arte,  
não só favorece a parte,  
mas toda a prozapia má,  
se justiça lhe não dá,  
lhe dá direyto, que farte.

5

Porque o demo lhe procura  
tesser laços, e urdir teas,  
não cura de almas alheyas,  
e so do seu corpo cura:  
de baxo da cappa escura  
de hum beato capuchino  
he beato tam maligno  
o cura, que por seu mal  
/6/ com calva sacerdotal  
he sacerdote calvino.

6

Em hum tempo he tam velhaco,  
tam dissimulado, e tanto,  
que so por parecer santo  
canoniza hum santo hum caco:  
se conforme o adagio fraco  
ninguem póde dar, senão

aquillo, que tem na mão,  
claro está, que no seu tanto  
não faria hum ladraõ santo,  
senaõ hum santo ladraõ.

7

Estou em crer, que hoje em dia  
ja os canones sagrados  
naõ reputaõ por peccados  
peccados de simonia:  
os que vêm tanta ouzadia,  
com que comprados estaõ  
os curados maõ por maõ,  
devem crer, como ja creram,  
que ou os canones morréram,  
ou estaõ a santa unçaõ.

## **/7/ Ao Vigario**

da Villa de S. Francisco  
por huma pendencia, que teve  
com hum Ourives  
a respeyto de huma Mulata,  
que se dizia correr por sua conta.

### **Decimas**

1

Na quelle grande motim,  
onde acodio tanta gente,  
a titulo de valente  
tambem veyo Valentim:  
puxou pelo seu faim,  
e tirando lhe à barriga,  
vosse sequer, que lho diga,  
dice ao Ourives da prata,  
na obra desta Mulata  
mette muyta falsa liga:  
Briga, briga.

2

He homem tam desalmado,  
que por lhe a prata faltar,



/8/ e estar sempre a trabalhar  
bate no vazo sagrado: não vé, que está excomungado,  
porque com tanta fadiga  
a pessa da igreja obriga  
n'uma casa excomungada  
com censura reservada,  
pela qual Deos ó castiga:  
Briga, briga.

3

Porque com modos violentos  
à hum vigario tam capaz  
sobre quatro, que ja traz,  
cornos, lhe poem quatrocentos?  
deyx-se desses intentos,  
e reponha a rapariga,  
pois a repô-la se obriga,  
quando affirma, que à possue,  
e se a razaõ não conclue,  
vay esta ponta à barriga:  
Briga, briga.

4

Senhor Ourives, vossé  
não he ourives da prata?  
/9/ pois que quer dessa Mulata,

que cobre, ou tambaca he?  
restitua a Moça, que  
he pessa da Igreja antiga;  
restitua a rapariga,  
que se vingará o vigario  
talvez no confissionario,  
e talvez na desobriga:  
Briga, briga.

5

A Mulata ja lhe peza  
de trocar odre por odre,  
pois oleygo he membro podre,  
e o Padre membro da igreja:  
sempre esta telha goteja,  
sempre dá grão esta espiga,  
e a bolha da rapariga  
quer desfazer esta troca,  
e deyxando a sua toca  
quer fazer c'o Padre liga  
Briga, briga.

6

Largay a Mulata, e seja  
logo logo a bom partido,  
/10/ que como tem delinquido

se quer acolher à igreja:  
porque todo o mundo veja,  
que quando a carne inimiga  
tenta à huma rapariga,  
quer no cabo, quer no rabo  
a Igreja vence ao diabo  
com outra qualquer cantiga.  
Briga, briga.

## **A Outro**

Vigario

de certa freguezia,  
contra quem se amotináram  
os Freguezes  
por ser muyto ambicioso.

## **Sylva**

Reverendo vigario,

Que he titulo de zotes ordinario,

Como sendo tam bobo,

E tendo tam languissimas orelhas,

/11/ Fogem vossas ovelhas

De vos, como se fosseis voraz lobo.

O certo he, que sois pastor damnado,

E temo, que se a golpe vem de fome,

Vos hade cada ovelha dar hum couce:

Sirva de exemplo à vosso desalinho,

O que ovelhas tem feyto ao Padre Anginho,

Que por sua tontice, e sua asnia

Ó tem ja embolçado na enxouvia;

Porem à vos, que sois fidalgo asneyro,

Temo, que haõ de fazer-vos camareyro.  
Quizestes tosquear o vosso gado,  
E saistes do intento tosqueado;  
Naõ vos cay em capello,  
O que o proverbio tantas vezes canta,  
Que quem ouzadamente se adianta,  
Em vez de tosquer\ar fica sem pêllo?  
Intentastes sangrar toda a comarca,  
Mas ella vos sangrou na vea d'arca,  
Pois ficando faminto, e sem sustento,  
Heis de buscar a dente qual jumento  
Erva para o jantar, e para a cêa,  
E se talvez o campo à escacea,  
Mirrado heis de acabar no campo lhano,  
/12/ Fazendo quarentena todo o anno:  
Mas entaõ poderá vossa porfia  
Declarar aos Freguezes cada dia.  
Sois tam grande velhaco,  
Que a pura excomunhaõ metteis no sacco:  
Ja diz a freguezia,  
Que tendes de Saturno a natureza,  
Pois os Filhos tratais com tal crueza,  
Que os comeis, e roubais, qual huma arpia;  
Valha-vos; mas quem digo, que vos valha?

Valha-vos ser hum zote, e hum canalha:  
Mixello hoje de chispo,  
Hontem hum passa aqui do Arcebispo.  
Mas oh se Deos a todos nos livrára  
De Maraõ com poder, villaõ com vara!  
Fabula dos rapazes, e bandarras,  
Conto do lar, cantiga das guitarras.  
Em quanto vos não parte algum corisco,  
Que talvez vos despreza como cisco,  
E fugindo a vileza desse couro,  
Vos vay poupando a cortadoura espada,  
Azagaya a molada,  
A veloz setta, o rapido pelouro:  
Dizey à hum confessor dos aprovados,  
/13/ Vossos torpes peccados,  
Que se bem ò fazeis, como he preciso,  
Fareis hum dia cousa de juizo:  
E huma vez confessado,  
Como vos tenha Deos ja perdoado,  
Todos vos perdoaremos  
Os escandalos mil, que de vos temos,  
E comendo o suor do vosso rosto  
Dareis à Deos prazer, aos homens gosto.

## **Ao Vigario**

Antonio Marques de Perada  
encomendado na Igreja da V<sup>a</sup> de S. Francisco  
ambicioso, e desconhecido.

## **Decimas**

De tua Perada mica  
naõ te espantes, que me enoje,  
porque he força, que à entoje,  
sendo doce de botica:  
o gosto naõ se me applica  
à huma conserva afamada,  
/14/ e embotes tam redomada,  
que sempre por ter que almoces,  
achas para tam maos doces  
a tutia preparada.

2

Se tua Thia arganzaz  
te fez essa alcomonia,  
com colher naõ t'a faria,  
com espartula t'a faz:  
creaste de rapaz

c'o pingue dessas redomas,  
e hoje tal asco lhe tomas,  
que tendo huma herança rica  
nas raizes da botica,  
com tudo não tens, que comas.

3

Teu juizo he tam confuso,  
que quando à qualquer christão  
lhe entra o uso de razão,  
de então lhe perdeste o uso:  
sempre foste tam obtuso,  
que ja desde estudantete  
te tinhaõ por hum doutete,  
porque eras visto por alto  
/15/ na falla falso contralto,  
na vista fino falsete.

4

Correndo os annos cresceste,  
e se dizia em sussurro,  
que era o teu crescer de burro,  
pois cresceste, e aborreceste:  
logo em tudo te metteste,  
querendo ser eminente  
nas artes, que estuda a gente,



mas deyxou-te a tua asnia  
Abel na filosofia,  
na poezia innocente.

5

Deram-te as primeyras linhas  
versos de tam baxa esfera,  
que o seu menor erro era  
serem feytos ás Negrinhas:  
com estas mesmas pretinhas,  
por mais que te desbaptizes  
do Marques fino herbolario,  
porque todo o Boticario  
he muy rico de raizes.

/16/ [6]

Sendo um zote tam supino,  
es tam confiado alvar,  
que adnas por hi a pregar  
geringonças ao divino:  
prégas como hum capuchino,  
porque essa traça madura  
hum curado te assegura,  
crendo Sua Senhoria,  
que a botica te daria  
as virtudes para a cura.

7

Mas elle se acha enganado,  
porque vé evidentemente,  
que os botes para hum doente  
saõ, mas não para hum curado:  
entraste tam esfaymado  
a comer do sacrificio,  
que todo o futuro officio  
contaste sobre fiado,  
pelo tirar de contado  
ao demo do beneficio.

8

Nenhuma outra cousa he  
este andar dos teus alparques,  
/17/ mais que ser filho do Marques  
visinho da Santa Sé:  
outro da mesma relé  
tam Marques, e tam bribante  
te serve agora de Atlante,  
porque para conjurar-se,  
he facil de congregar-se  
hum com outro semelhante.

**Esta Satyra**  
dizem que fez  
certa Pessoa de auctoridade ao Poeta,  
pelo ter satyrizado, como fica dito,  
e a publicou em nome  
do vigario Lourenço Ribeyro.

### **Satyra**

Hoje a Musa me provoca,  
aque bem pelo miudo  
nada calle, e diga tudo,  
quanto me vier à bocca:  
como digo, hoje me toca  
/18/ metter minha colherada,  
que nem sempre ter callada  
a bocca parece bem:  
mas naõ ó sayba ninguem.

2

Parece, que ja começo  
a dizer alguma cousa,  
e para que o mundo me ouça,  
ja mil attenções lhe peço:

que não sou sabio, confesso,  
para fallar elegante;  
porem digo, andando avante,  
que vejamos o desdem;  
mas não o sayba ninguem.

3

Conheça toda a Bahia,  
quem he o satyro magano,  
que lhe há feyto tanto dano  
deshonrando-a cada dia:  
pois sem ser de estribaria,  
mais do que hum burro esfaymado,  
se jacta de gram letrado,  
sendo asninho palafrem:  
mas não ó sayba ninguem.

/19/ [4]

Ser à todos preferido  
no saber, he, o que pertende:  
porem quem se não entende,  
mal póde ser entendido:  
mas se he sabio, e advertido,  
como em vez de achar venturafoy topar na cornadura,  
que demaziada tem:  
mas não o sayba ninguem.

5

Quiz por ser em tudo novo,  
que he somente o que elle quer,  
ter com sigo huma mulher,  
que he tambem de todo o povo:  
eu só nesta parte ó louvo  
de discreto, e de entendido,  
pois que quiz ser seu marido  
juntamente com mais cem;  
mas não o sayba ninguem.

6

Como Cam, que acha dinheyro,  
se contentou da consorte,  
que merecendo lhe a morte,  
existe a puta em viveyro:  
/20/ imaginou ser primeyro,  
porem outros antes d'elle  
lhe tinhaõ surrado a pelle,  
que elle róe daque d'alem:  
mas não o sayba ninguem.

7

Por segundo caracol  
se deve ja conhecer,  
porque lhe há posto a mulher

os cornos, que deyta ao sol:  
por tal ò tenho em meu rol  
para ò metter em dous fornos,  
porque lhe aqueçam os cornos,  
e se lhe cortem tambem:  
mas não ò sayba ninguem.

8

De Vulcano sey, que herdou  
o saber muy bem malhar,  
não à Bartolo ensinar,  
como sey, que se gabou:  
se dicera; que ò forjou  
seu Avô estando malhando,  
credito lhe iria dando,  
segundo aqui se contem:  
/21/ mas não o sayba ninguem.

9

Nunca soube fazer verso,  
senaõ como teririca,<sup>1</sup>  
porque como ella he, que pica,  
e corta todo o universo:  
pica à todos por perverso;

---

<sup>1</sup> Teririca he [ ] hua erva qu[ ] ta

mas foy elle bem picado,  
conforme nos haõ contado,  
os que de Lisboa vem:  
mas naõ o sayba ninguem.

10

Com levar tantos vay vens  
ficou com cara muy leda  
letrado de trez amoeda,  
ou de trez pou dous vintens:  
Só lhe daõ os parabens  
outros asnos como elle,  
que fazem hum Baldo delle,  
como se elle fosse alguem:  
mas naõ o sayba ninguem.

11

Que fora Juiz, se alista  
este burro, este asneyraõ,  
/22/ e com tal jurisdicãõ  
nada teve de Jurista:  
e por mais que ser insista  
Juiz, como significa,  
entaõ mayor asno fica,  
dos que vaõ, e dos que vem:  
mas naõ o sayba ninguem.

12

Muy contente, e muyto ledo  
mostra, que não tem mais trato,  
do que arranhar como gatto  
no Parnaso de Quevedo:  
traz o mundo em hum enredo  
com satyras tam malditas,  
que achando-os em livro escritas  
se admiram todos, que ás vem:  
mas não o sayba ninguem.

13

Todas as tenho contadas  
neste Parnaso das Musas,  
que ficáram muy confusas,  
vendo, que às tinhas furtadas:  
ao portuguez retratadas  
do castelhano ás acháram,  
/23/ e como mudas ficáram  
posto que não vay, nem vem:  
mas não o sayba ninguem.

14

A todos satyras fez,  
sem ninguem exceptuar,  
porem não lhe hade faltar,



quem lhe faça desta vez:  
se eu estou bem nos meus trez,  
agora fica talhado,  
pois o corte, que lhe hey dado,  
parece, que lhe está bem:  
mas naõ o sayba ninguem.

15

Que fora Juiz de fora,  
diz, que passa na rivera,  
mas que fora de Juiz era,  
affirmarey eu agora:  
porque em seu peyto naõ mora  
nem justiça, nem razaõ,  
pois naõ está em sua maõ  
ja mais poder fallar bem:  
mas naõ o sayba ninguem.

16

/24/ Muy caro lhe tem custado  
o mais do que tem escrito,  
pois ó naõ livrou seu dito,  
dos que lhe haviaõ jurado:  
o muyto, que tem fallado,  
(se acaso me naõ engano)  
me fez ouvir, que à Fulano

matáram, e eu direy quem:  
mas não o sayba ninguem.

17

Por debaxo de huma amarra  
na Nao, em que se embarcou,  
este magano escapou  
the sair fora da barra:  
e por ser ja cousa charra,  
o naò ter elle vergonha,  
he razaõ, que ó descomponha  
de quanto à bocca me vem:  
mas não ò sayba ninguem.

18

Bocca, que males hà feyto,  
bem he, que males se faça,  
bocca, que para mordança  
só parece, que tem geyto:  
/25/ eu se isto tomar à peyto,  
juro à Deos omnipotente,  
naõ lhe deyxar hu so dente,  
pois que morde, e diz à quem:  
mas não o sayba ninguem.

19

Ja que à todos descompõem,

quiz agora por meu gosto,  
que elle fosse o descomposto,  
para ver se se compoem:  
mil males sobre si poem,  
quem de todos falla mal,  
e assim que ja cada qual  
me póde dizer amen.  
mas não o sayba ninguem.

20

De Christaõ não he, senaõ  
de herege, tudo, o que obra,  
pois nelle a herigia sobra,  
e lhe falta o ser christaõ:  
remetté-lo à Inquisiçaõ  
já huma vez se intentou,  
mas bem sey, quem atalhou,  
senhores, tam grande bem:  
/26/ mas naõ o sayba ninguem.

21

Digo-te ja de enfadado,  
que se fores atrevido,  
naõ só te has de ver perdido,  
mas sim de todo acabado:  
olha, que o que tens fallado,

he muy bastante motivo  
para te não deyxar vivo,  
do teu fallar mal te vem:  
mas não ó sayba ninguem.

22

Naò cuydes me has de escapar  
por mais occulto que estejas,  
para que magano vejas,  
há, quem te possa ensinar:  
emenda esse teu fallar,  
corta essa lingua mordaz,  
vé, que este aviso te faz,  
quem ella mordido tem,  
mas não o sayba ninguem.

## **/27/ Escandalizado**

o Poeta  
da Satyra antecedente,  
e ser publicada  
em nome do vigario de Passé  
Lourenço Ribeyro  
homem pardo,  
quando elle estava innocente  
na factura della,  
e callava porque assim convinha:  
lhe assenta agora o Poeta o cacheyro  
com esta petulante

### **Satyra.**

1  
Hum Branco muyto encolhido,  
hum Mulato muyto ousado,  
hum Branco todo coytado,  
hum canaz todo atrevido:  
o saber muyto abatido,  
a ignorancia, e ignorante  
muy ufano, e muy farfante

sem pena, ou contradição:

/28/ milagres do Brazil são.

2

Que hum cam revestido em Padre

por culpa da Santa Sé

seja tam ousado, que

contra hum Branco ousado ladre:

e que esta ousadia quadre

ao Bispo, ao Governador,

ao cortesaõ, ao senhor,

tendo nãos no Maranhãõ:

milagres do Brazil são.

3

Se á este pudengo asneyro

o Pay ó alvanece já,

a May lhe lembre, que está

roendo em hum tamoeyro:

que importa hum branco coeyro,

se o cu he tam denegrado!

mas se no mixto sentido

se lhe esconde a negridaõ:

milagres do Brazil são.

4

Prega o Perro fradulario,

e como alicença, ó ceya,  
/29/ cuyda, que em pulpito prega,  
e ladra num campanario:  
Thios, e Thias do Congo,  
e se suando o mondongo  
elles só gabos lhe daõ:  
milagres do Brazil saõ.

5

Que hade pregar o caxorro,  
sendo huma vil creatura,  
se naõ sabe da escriptura  
mais que aquella, que á poz forro?  
quem lhe dá aguda, e soccorro,  
saõ quatro sermões antigos,  
e se amigos tem hum cam,  
milagres do Brazil saõ.

6

Hum cam he o timbre mayor  
da ordem predicatoria,  
mas naõ acho em toda historia,  
que o cam fosse pregador:  
se nunca falta hum senhor,  
que lhe alcance esta licença  
/30/ a Lourenço por Lourença,

que as Pardas tudo farám:  
milagres do Brazil saõ.

7

Ja em versos quer dar pennada,  
e porque o genio desbrocha,  
como cam atroche mocha  
mette a unha, e dê dentada:  
o Perro não sabe nada,  
e se com pouca vergonha  
tudo abate, he porque sonha,  
que sabe alguma questaõ:  
milagres do Brazil saõ.

8

Do Perro affirmaõ Doutores,  
que fez huma apologia  
ao Mestre da poezia,  
outra ao sol dos Pregadores:  
se da lua aos resplandores  
late hum cam a noyte inteyra,  
e ella seguindo a carreyra  
luz sem mais ostentaçaõ:  
milagres do Brazil saõ.

9

/31/ Que vos direy do Mulato,



que vos não tenha ja dito,  
se será amanhã delicto  
fallar delle sem recato:  
não faltará hum mentecapto,  
que como villaõ de encerro  
sinta, que dêm no seu perro,  
e se ponha como hum cam:  
milagres do Brazil saõ.

10

Imaginais, que o insensato  
do canzarraõ falla tanto,  
porque sabe tanto, ou quanto,  
naõ, senaõ porque he mulato:  
ter sangue de carrapato  
ter estoraque de Congo  
cheyrar lhe a roupa a mondongo  
he cifra de perfeçãò:  
milagres do Brazil saõ.

/32/ **Resposta**  
do Vigario  
Lourenço Ribeyro  
escandalizado  
de que o Poeta ó satirizasse  
do modo que fica dito.

Doutor Gregorio Guadanha,  
pirata do verso alheyo,  
caco, que o mundo tem cheyo,  
do que de Quevedo apanha:  
ja se conhece a maranha  
das poezias, que vendes  
por tuas, quando as emprendes  
traduzir do castelhano;  
naõ te envergohas, magano?

2

Cuyda o mundo, que saõ tuas  
as satyras, que accomódas,  
supposto que à essas todas  
póde chamar obras suas:  
os rapazes pelas ruas  
ó andaõ publicando ja  
/33/ e o mundo vaya te dá,

quando vé tal desengano:  
naõ te envergonhas, magano?

3

O soneto, que mandaste  
ao Arcebispo elegante  
he do Gongora ao Infante  
Cardeal, e lho furtaste:  
logo mal te appellidaste  
o Mestre da poezia  
furtanto mais em hum dia,  
que mil ladrões em hum anno:  
naõ te envergonhas, magano?

4

Cuydas, que os outros naõ sabem?  
o que sabes, he muy pouco,  
e assim te gabas de louco  
temendo, que te naõ gabem:  
só nos ignorantes cabem  
as asneyras, que em ti vemos,  
pelas quais te conhecemos  
seres das honras tyranno:  
naõ te envergonhas, magano?

5

/34/ Naõ há no mundo soldado,

cavalheyro, homem sciente,  
que tu logo maldizente  
não deyxes vituperado:  
porem dizes mal do honrado  
ou por odio, ou por inveja,  
ou porque o teu genio seja  
fazer aos honrados dáno:  
não te envergonhas, magano?

6

Dizes mal alguma vez,  
dos que não procedem bem;  
mas dirás, que não com vem,  
por serem, como tu es:  
dize do Pay, que te fez,  
que bem tens, que dizer delle  
o mal, que há na tua pélle,  
ja que ninguem te acha humano:  
não te envergonhas, magano?

7

Se com satyras tu só  
à todos des acreditas,  
trazendo sempre infinitas  
na forge de teu Avô:  
/35/ como não temes, que o pó

te sacuda algum bordaõ:  
pois sabes, que a tua mão  
naõ pega obras de Vulcano?  
Naõ te envergonhas, magano?

8

Sendo Neto de hum Ferreyro  
trazes espada de pao,  
nisso fazes, berimbao,  
o adagio verdadeyro:  
porem se em nada es guerreyro,  
para que te chamas guerra,  
e á fazes à toda a terra  
c'o a lingua, que he mayor dáno?  
naõ te envergonhas, magano?

9

Tua Avó, de que tomaste  
de Guerra o falso appellido  
à hum, e à outro marido  
lhe fez de cornos engaste:  
se temes, que te naõ baste  
por agora, o que ella fez,  
na tua cabeça vés  
milhares delles cada anno:  
/36/ naõ te envergonhas, magano?

10

Sendo casado em Lisboa,  
achava logo qualquer  
remedio em tua mulher  
e se provou, que era boa:  
a fama desta outra sôa  
naõ menos que na Bahia;  
sendo tua naõ podia  
deyxar de ter genio humano:  
naõ te envergonhas, magano?

11

Pois he cousa bem sabida,  
que o teu casamento çujo  
veyo por hum Araujo,  
que à tinha bem sacudida:  
casou com tigo saida  
da casa delle, onde esteve  
por sua amiga, e naõ deve  
dizer alguem, que te engano:  
naõ te envergonhas, magano?

12

Fazes, o que fez teu Pay,  
porque a mesma fama cobres,  
/37/ que por fazer bem à pobres

amou muyto à tua May:  
na tua progenie vay  
herdado como de officio,  
pois toma por exercicio  
dar carne ao genero humano:  
naõ te envergonhas, magano?

13

Tuas Irmaãs se casáram  
publicamente furtadas,  
e ha, quem diga, que furadas  
d'outros, que se naõ declaram:  
oh se as paredes falláram!  
inda hoje bem poderias  
ouvir varias putarias  
de tanto caminho lhano:  
naõ te envergonhas, magano?

14

Teu Pay foy outro Gregorio  
no pouco aceyo, elimpeza,  
de cuja muyta escareza  
se lembra este territorio:  
que andou roto com notorio  
escandalo, athe fazer  
/38/ o luto, que quiz trazer

por certo Rey em tal anno:  
naõ te envergonhas, magano?

15

De teus Irmaõs te asseguro,  
que tem sido na Bahia  
hum labeo da companhia,  
outro sequaz do Epicuro:  
mas ambos juntos te juro,  
que em nenhum vicio te igualam;  
oh que de cousas se fallam  
e todas tanto em teu dano!  
naõ te envergonhas, magano?

16

Dizes, que dos Pregadores  
o sol he teu Irmaõ, quando  
Vieyra esta-se aclamando  
pelo melhor dos melhores?  
dize, que aos esfregadores  
póde dar elle lições;  
naõ sabes quantos baldões  
tem soffido pelo cano?  
naõ te envergonhas, magano?

17

/39/ Diga esse Frade maldito,



se injuriado ficou,  
quando c'o a negra se achou  
na mesma cano do Brito:  
sey, que se ria infinito,  
quando o Pintor lhe quiz dar  
depois de ó injuriar,  
vendo-o com a amiga ufano:  
naõ te envergonhas, magano?

18

O que se rio n'uma festa,  
dando elle satisfação  
d'alma da quelle sermaõ,  
publicou, que era muy besta:  
e se tudo isto naõ presta,  
para mayor gloria sua,  
veja-se amando à Pirua  
que diz, que Euzebio he seu mano:  
naõ te envergonhas, magano?

19

Se teu Irmaõ este he,  
como he sol dos Pregadores?  
e se tens erros mayores,  
que nome he bem, que te dé?  
/40/ lembra-te o quanto na Sé

escandalizou á todos  
o picaro dos teus modos,  
amando sempre o profano:  
não te envergonhas, magano?

20

Por não querer confessar-te,  
o Cura te declarou,  
e esta Quaresma tornou  
o vigario declarar-te:  
da Igreja ó vî eu lançar-te,  
mas tu de huma acção como esta  
não te corres, sendo humano:  
não te envergonhes, magano?

21

Tens mudado mais estados,  
que formas teve protheo,  
não sey, que estado he o teu,  
depois de tantos mudados:  
sey, que estamos admirados  
de te vermos regeytar  
a murça capitular,  
para casar como infano:  
/41/ não te envergonhas, magano?

22

Á nenhum Jurista vés  
que logo não vituperes,  
chamando-lhe nescio, e queres  
contradizer, quanto les:  
eu sey, que mais de huma vez  
dicesse ja na Bahia,  
que Bartulo não sabia,  
e que era hu asno Ulpiano:  
não te envergonhas, magano?

23

Arrezoando em hum feyto,  
por mofar do Julgador,  
fizeste do mal peyor  
fazendo torto o direyto:  
porem se no teu conceyto  
todos os mais sabem nada,  
tua sciencia he palhada,  
se se vé com desengano:  
não te envergonhas, magano?

24

Lembra-te, quando o Prelado  
pelas tuas parvoices  
/42/ decretou, que te despisses  
do habito a tensusado:

naõ ficaste envergonhado,  
porque naõ há, quem te ponha  
na cara alguma vergonha  
ante o Povo Bahiano:  
naõ te envergonhas, magano?

25

Vieste de Portugal  
acutillado, e ferido,  
e do Burgos soccorrido,  
à quem pagaste tam mal:  
essa satyra fatal  
te desterrou à esta terra,  
mas cutilladas em guerra  
sempre as deo valor humano:  
naõ te envergonhas, magano?

26

Admira excessivamente,  
que mandando-te apear  
certo homem para te dear,  
dicesse = naõ sou valente:  
mas se es gallinha entre gente,  
assim havias fazer,  
/43/ cacarejar, e correr,  
que em ti he officio lhanos:

naõ te envergonhas, magano?

27

Falla de ti, que bem tens,  
que fallar de ti, Gregorio,  
e à todo o mundo he notorio,  
que tens males, e naõ bens:  
naõ queyras pôr-te aos itens,  
com quem sobre castigar-te  
sey, que hade esbofetear-te,  
e com este desengano,  
naõ te envergonhas, magano?

28

Vé, que te quero cascar  
por outra satyra agora,  
pois nem a ver o sol fora,  
queres à porta chegar:  
pois sabe, que has de apanhar  
mais de quatro bordoadas,  
e com mayores pancadas,  
que as do teu papel infano:  
naõ te envergonhas, magano?

/44/ **Ao Padre**

Damaso da Sylva  
parente do Poeta, e seu opposto,  
homem dsbocado, e presunçoso  
com grandes impulsos de ser vigario,  
sendo por algum tempo  
em Nossa Senhora do Loreto.

**Romance**

Damaso, a quelle madraço,  
que em pés, mãos, e mais miudos  
póde bem dar seis, e az  
ao mayor Frizaõ de Amburgo:  
Cuja bocca he mentideyro,  
onde acode todo o vulgo  
a escutar sobre la tarde  
las mentiras como punho:  
Mentideyro frequentado  
de quantos senhores burros  
perdem o nome de limpos  
pela amizade de hum çujo.  
Cuja lingua he relação  
aonde achaõ os mais puros  
/45/ para accusar hum fiscal,

para cortar hum verdugo.

Zote muyto parecido

aos vicios todos do mundo,  
pois nunca os alheyos corta,  
sem dar no seu proprio escudo:

Santo Antonio de baeta,

que em toda a parte do mundo  
os casos, que succederam  
vio, e foy presente à tudo:

O Padre papa jantares,

hospede tam importuno,  
que para todo o banquete  
traz sempre de trote o bucho:

Professo da providencia,

que sem lograr bazaruco,  
para passar todo hum anno  
nem dous vintens faz de custo:

Que os amigos ó sustentaõ,

e lhe dão como de juro  
o jantar, quando lhes cabe  
à cada qual por seu turno

Essa vez, que tem dinheyro,

que he de sette em sette lustros:  
/46/ trez vintens com hum tostaõ,

ou dous tostões quando muyto:  
Com hum vintem de bananas,  
e de farinha dous punhos,  
para passar dia, e meyo  
tem certo o pam, e conducho:  
Lizongeyro sem recato  
adulador sem rebuço,  
que por papar lhe un jantar  
de hum sacristaõ faz hum Nuncio:  
De hum Tambor hum General,  
hum Branco de hum Mamaluco,  
de huma sanzalla hum palacio,  
e hum galleaõ de hum pantufo.  
E em passando a occasiaõ,  
tendo ja replecto o buxo,  
desanda c'o a taramella,  
e à todos despe de tudo:  
Outro satyro de Izopo,  
que c'o mesmo bafo astuto  
esfriava o caldo quente,  
e aqueitava o frio punho:  
O Zote, que tudo sabe  
o grande Jurisconsulto  
/47/ dos letigios fedorentos



desta cidade munturo:

O Bartulo de improviso,  
o subitaneo Licurgo,  
que anoytece hum sabe nada,  
e amanhece hum sabe tudo:

O letrado gratis dato,  
e o que com saber infuso  
quer ser legista sem mestre,  
canonista sem estudo:

Agraduado de douto  
na academia dos burros,  
que he braba universidade  
para doutorar branduzios:

Magano sem repugnancia,  
desaforado sem susto,  
entremettido sem riso,  
e sem desar abelhudo:

Filho da puta com dita,  
alcoviteyro sem lucro,  
cunhado do Mestre Escola,  
parente que preza muyto.

Fraquissimo pelas mãos,  
e valentaõ pelo vulto,

/48/ no corpo hum grande de Espanha,

no sangue escoria do mundo.

Este tal, de quem fallamos,  
como tem grandes impulsos  
de ser baptiza creanças,  
para ser soca defuntos:

A Magestade d'El Rey  
tem ja com mil escojuros  
ordenado, que ò não collem  
nem n'uma igreja de juncos.

Elle por matar dezejós  
foy-se ao adro devoluto  
da Senhora do Loreto,  
onde está Paroco intruso:

Ouvir he hum grande prazer  
e vê-lo he hum gosto su'mo,  
quando diz = os meus freguezes =  
sem temor de hum ab renuntio.

Item he hum grande prazer  
nas manhãs, em que madrugo,  
vê-lo repicar o sino,  
para congregar o vulgo.

E como ninguem acode,  
se fica o triste mazullo  
/49/ em solitaria estação

dizendo missa aos defuntos.  
Quando o Frizaõ considero,  
o menos que delle cuydo,  
he ser Parocho boneco  
feyto de trapos immundos.

### **Retrato**

do mesmo clerigo.

1  
Pois me enfada o teu feytio,  
quero, Frizaõ, neste dia  
retratar-te em quatro versos  
as maravi, maravi, maravilhas.

ouçam, olhem,  
venhaõ, venhaõ, veram  
o Frizaõ da Bahia,  
que está retratado  
as maravi, maravi, maravilhas.

2  
A cara he hum fardo de arroz,  
que por larga, e por comprida  
/50/ he rufiaõ de hum Elefante  
vindo da India.

Ouçã, olhem  
venhaõ, venhaõ, verãm  
o Frizaõ da Bahia,  
que está retratado  
as maravi, maravi, maravilhas.

3

A bocca desempenada  
he a ponte de Coimbra,  
onde naõ entram, nem saem,  
mais que mentiras:  
ouçaõ, olhem,  
venhaõ, venhaõ, verãm  
o Frizaõ da Bahia,  
que está retratado  
as maravi, maravi, maravilhas.

4

Naõ he alingua de vacca  
por maldizente, e maldita,  
mas pelo muyto, que corta  
de Tiriricas.  
Ouçaõ olhem  
venhaõ, venhaõ, verãm  
o Frizaõ d Bahia,

que está retratado  
as maravi, maravi, maravilhas.

5

No corpazil torreaõ  
a natureza prevista  
formou a fresta da bocca

para guarita.

Ouçãõ, olhem  
venhaõ, venhaõ, verám  
o Frizaõ da Bahia,  
que está retratado

as maravi, maravi, maravilhas.

6

Quizera as mãõs comparar lhe  
ás do Gigante goliás,  
se as do Gigante não foram

tam pequeninas.

Ouçãõ, olhem,  
venhaõ, venhaõ, verám  
o Frizaõ da Bahia,  
que está retratado

as maravi, maravi, maravilhas.

/52/ [7]

Os ossos da cada pé

encher podem de reliquias  
para toda a christandade

as sacristias.

Ouçãõ, olhem,  
venhaõ, venhaõ, verám  
o Frizaõ da Bahia,  
que está retratado  
as maravi, maravi, maravilhas.

8

He grande conimbricense,  
sem ja mais pôr pé em Coimbra,  
e sendo ignorante sabe

mais que gallinha.

Ouçãõ, olhem,  
venhaõ, venhaõ, verám  
o Frizaõ da Bahia,  
que está retratado  
as maravi, maravi, maravilhas.

9

Como na ley de Mafona  
naõ se argumenta, e se briga,  
elle, que naõ argumenta,

tudo por dia.

/53/ Ouçãõ, olhem,

venhaõ, venhaõ, verám  
o Frizaõ da Bahia,  
que está retratado  
as maravi, maravi, maravilhas.

## **Ao Mesmo**

Clerigo

appellidando de asno ao Poeta.

### **Soneto**

Padre Frizaõ, se Vossa Reverencia  
Tem licença do seu vocabulario  
Para me pôr hum nome incerto, e vario,  
Póde faze-lo em sua consciencia:  
Mas se não tem licença, em penitencia  
De ser tam atrevido, e temerario  
Lhe quero dar com todo o Kalendario,  
Mais que a testa lhe rompia, e a paciencia.  
Magano, infame, vil, alcoviteyro,  
Das fodas corrector por dous tostões,  
E em fim dos arreytaços alveytar:  
Tudo isto he notorio ao mundo inteyro,  
Senaõ seres tu obra dos culhões  
De Dyarte Garcia de Bivar.



## **Ao Mesmo**

com presunções de sabio, e ingenhoso.

### **Soneto.**

Este Padre Frizaõ, este sandeo  
Tudo o demo lhe deo, e lhe otorgou,  
Naõ sabe musa muse, que estudou,  
Mas sabe as sciencias, que nunca aprendeo.  
Entre catervas de asnos se metteo,  
E entre corjas de bestas se aclamou,  
Naquella Salamanca o doutorou,  
E nesta salacega floreceo.  
Que he hum grande alquimista, isso naõ nego,  
Que alquimistas do esterco tiram ouro,  
Se cremos seus apocrifos conselhos.  
E o Frizaõ as Irmaãs pondo ao pespêgo,  
Era força tirar grande thesouro,  
Pois soube em ouro converter pentelhos.

**/55/ Ao Outro**

Clerigo  
amigo do Frizaõ,  
que se dezia estar amancebado  
de portas adentro  
com duas mulheres  
com hua negra, e huma mulata.

**Decimas**

1

A vos, Padre Balthezar,  
vaõ os meus versos direytos,  
porque saõ vossos deffeytos  
mais que as areyas do mar:  
e bem que estais n'um lugar  
tam remoto, e tam frofundo  
com concubinato immundo,  
como sois Padre Miranda,  
o vosso podre trezanda  
pelas conteyras do mundo.

2

Cá temos averiguado,  
que os vossos concubinatos

/56/ são como hum par de çapatos

hum negro, outro apolvilhado:

de huma, e outra cor calçado

sahis pela porta fora,

hora negra, e parda hora,

que hum zote camaleão

toda a cor toma, senaõ

que a da vergonha ó não cora.

3

Vossa luxuria indiscreta

he tam pezada, e violenta,

que em dous putões se sustenta

huma Mulata, e huma Preta:

c'uma puta se aquieta

o membro mais deshonesto,

porem o vosso indigesto

há mister na occasiaõ

a negra para travaõ,

e a parda para cabresto.

4

Sem huma, e outra cadella

naõ se embarca o Polifemo,

porque a negra ó leva a remo,

e a mulata ó leva a vela:

/57/ Elle vay por centinella,  
porque ellas não dem a bomba;  
porem como qualquer zomba  
do Padre, que maravilha,  
que ellas dizponhaò da quilha,  
e elle ao fedor faça tromba.

5

Ellas sem magua, nem dor  
lhe poem os cornos em pinha,  
porque a puta, e a gallinha  
tem o officio de pôr:  
ovos a franga peyor,  
cornos a puta mais casta,  
e quando a negra se agasta,  
e c'o Padre se disputa,  
lhe diz, que antes quer ser puta,  
que fazer com elle casta.

6

A negrinha se pespega  
c'um amigaõ de corona,  
que sempre o Frizaõ se entona,  
que ao mayor amigo apegã:  
a mulatinha se esfrega  
c'um mestiço requeymado

/58/ destes do pernil tostado,  
que a cunha do mesmo paó  
em obras de bacalhaó  
fecha como cadeado.

7

com toda esta cornualha  
diz elle cego do amor,  
que as negras tudo he primor,  
e as brancas tudo canalha:  
isto faz a herva, e palha  
de que o burro se sustenta,  
que hum destes não se contenta,  
salvo se lhe daõ por cappa  
para a cama huma jumenta.

8

Há bulhas muyto renhidas  
em havendo algum cúme,  
porque elle sempre presume  
de ás ver sempre presumidas:  
mas ellas de muy queridas  
vendo, que o Padre de borra  
em fogo de amor se torra,  
andaõ por negar lhe a graça  
/59/ ellas com elle de massa,

se elle com ellas a porra.

9

Veyo huma noyte de fora,  
e achando em seu vituperio  
a mulata em adulterio  
tocou alarma por fora:  
e porque pegou com mora  
no rayo de chumbo ardente,  
foy-se o cam seguramente:  
que como estava o coytado  
tam leve, e descarregado  
se pôde ir livremente.

10

Porque he grande demandaõ  
o senhor zote Miranda,  
que tudo, o que vé demanda,  
seja de quem for o chaõ:  
por isso o Padre cabraõ  
de contino está a jurar,  
que os caens lhe haõ de pagar,  
e que os fodas, que tem dado,  
lhas haõ de dar de contado,  
e elle as ha de recadar.

**/60/ Ao Padre**

Manuel Alvares

capelaõ de Marapé

remoqueando ao Poeta huma pedrada  
que lhe deram de noyte estando-se provendo:  
e perguntando lheporque se naõ satyrizava della?  
escandalizado, e picado,  
porque o Poeta havia satyrizado  
os clerigos, que vinhaõ de Portugal,  
como trata na satyra  
do Lº 3º fl. 12

**Decimas**

1

Naõ me espanto, que vossé,  
meu Padre, e meu camarada,  
me desse a sua cornada  
sendo res de Marapé:  
mas o que lhe lembro, he,  
que se acaso a carapuça  
da satyra sê lhe aguça,  
e na testa se ajustou,  
/61/ a chuçada eu naõ lha dou,  
vossé se mette na chuça.

2

E se por estes respeytos  
diz, que versos não farey  
a pedrada, que eu levey,  
quando fazia os meus feytos:  
agora os dará por feytos,  
pois eu de boga arrancada  
à huma, e outra pedrada  
ós faço, à que levey ja,  
e à que agora vosse dá,  
que he inda mayor pedrada.

3

Era pelo alto seraõ,  
fazia hum luar tremendo,  
quando eu estava fazendo  
ou camara, ou vereação:  
não sey, que noticia entãõ  
teve hum Moço, hum boapeça,  
poz-se à janella com pressa  
tam sem proposito algum,  
que quiz ter commigo hum  
quebradeyro de cabeça.

/62/ [4]

C'um torraõ na maõ se apresta,



e tirando-o com seu momo  
me fez o memento homo,  
pondo-me a terra na testa:  
fez-me hum pequena fresta,  
de que arto sangue corria,  
mas eu dice, quem seria  
hum Medico tam sem ley,  
que primeyro me purguy,  
do que levasse a sangria

5

Ergui me com pressa tanta,  
que hum amigo me gritou,  
inda agora se purgou  
tam de pressa se levanta?  
Sim, senhor, de que se espanta?  
Se este Medico, este trampoço  
he Medico tam forçoso,  
que faz levantar n'um dia  
depois decurso, e sangria  
ao doente mais mimoso.

6

Este caso, e desventura  
foy na verdade contado,  
/63/ e sendo eu por mim curado,

o Moço me deo a cura:  
com huma, e outra brabura  
jurey, e prometti, que  
lhe daria hum ponta pé;  
mas o Moço acautellado  
me deyxou calamocado  
para servir à vossé.

**Entra**  
agora o Poeta  
a satirizar o dito Padre.

**Decimas.**

Reverendo Padre Alvar,  
basta, que por vossos modos  
sahis à campo por todos  
os Mariollas de altar?  
mal podia em vos fallar,  
que noticia, nem suspeyta  
tem d'asno de tam ná ceyta;  
mas como vos veyo ao justo  
/64/ a satyra, estais com susto,  
de que por vos fora feyta.

2

Com vosco a minha camena  
naõ falla, se vos naõ poupa,  
porque sois muy fraca roupa  
para alvo da minha penna:  
se algum se queyma, e condéna,  
porque vê, que os meus apoddos

vão frizando por seus modos,  
ninguem os tome por si,  
hum pelo outro isso si,  
que assim frizarám com todos.

3

Vos com malicia veloz  
applicay-o à hum coytado,  
que este tal terá cuydado  
de vo-lo applicar à vos:  
desta applicação atroz  
de hum por outro, e outro por hum,  
como não livrar nenhum,  
ninguem do Poeta então  
se virá aqueyxa, senaò  
do poema, que he cõmum.

/65/ [4]

Bonetes da minha mão,  
como os lanço ao ar tireyos,  
caindo em varios sugeytos  
n'uns servem, e n'outros não:  
não consiste o seu senaõ,  
nem menos está o seu mal  
na obra, ou no official,  
está na torpe cabeça,

que se ajusta, e endereça  
pelos moldes de obra tal.

5

E pois, Padre, vos importa  
nos meus moldes não entrar,  
deveis logo indereytar  
a cabeça, que anda torta:  
mas sendo huma praça morta,  
e hum zotíssimo ignorante  
vir-vos ha a Musa picante  
á vos, Padre mentecapto,  
de molde como çapato,  
e ajustada como hum guante.

6

Outra vez vos não mettais  
sentir alheyos trabalhos,  
/66/ que dirám, que comeis alhos  
gallegos, pois vos queymais:  
e porque melhor saybais,  
que os zotes, de que havey dor,  
saõ de abatido valor,  
vede nos vossos sentidos,  
quais serám os defendidos,  
sendo vos o defensor.

## **Ao Padre**

Manuel Domingues Loureyro  
que rehusindo ir por Capelaõ  
para Angolla  
por ordem de Sua Illustrissima,  
foy ao depois prezo, e maltratado,  
proque resistio as ordens  
do mesmo Prelado

## **Decimas**

1

Para esta Angolla enviado  
vem por força do destino,  
/67/ hum marinheiro ao divino,  
ou mariolla sagrado:  
com ser no monte gerado  
o espirito lhe notey,  
que com ser besta de ley,  
tanto o ser villaõ esconde,  
que vem da Villa do Conde  
morar na casa d'El Rey.

2

Por não querer embarcar

com ousadia sobeja  
atado das mãos da Igreja  
veyo ao braço secular:  
a empuxões, e a gritar  
deo baque o Padre Loureyro:  
rio-se muyto o carcereyro,  
mas eu muyto mais me ri,  
pois nunca loureyro vî  
enxertado em limoeiro.

3

No argumento, com que vem  
da navegação moral,  
diz bem, e argumenta mal,  
diz mal, e argumenta bem:  
/68/ porem não cuyde ninguem,  
que com tanta matinada  
deyxou de fazer jornada,  
porque a sua teyma astuta  
ó poz de cuberta enxuta,  
mas mal acondicionada.

4

O Mestre, ou o Capitão  
(diz o Padre Fr. Orello,  
que hade levar hum capello,

se não levar capellaõ:  
vinho branco, e negro pam  
diz, que no mar fez a guerra,  
pois logo sem razaõ berra,  
quando na passada magua  
trouce vinho como agua,  
e farinha como terra.

5

Com gritos a casa atroa,  
e quando o caso distinga,  
quer vomitar na moxinga,  
antes que cagar na proa:  
querem leva-lo à Lisboa  
com brandura, e com carinho,  
/69/ mas o Padre he bebedinho,  
e ancorado a porfiar  
diz, que não quer navegar  
salvo por hum mar de vinho.

6

Aquentou muyto a historia  
sobre outras acções velhacas  
ter lhe aborcado as patacas  
o magano do Chicoria:  
mas sendo a praça notoria,



diz o Padre na estacada,  
que ficarám a pancada,  
quando hum, e outro desfeche  
se o Loureyro de escabeche,  
o Chocoria de sellada.

**/70/ Ao Vigario**

da Madre de Deos

Manuel Rodrigues

Se queyxa o Poeta de trez clerigos  
que lhe foram a casa  
pela festa do Natal,  
onde tambem elle estava:  
e com galantaria ó persuade,  
a que sauda os hospedes fora de casa  
pelo gasto, que faziam.

**Decimas**

1

Padre, a casa está abrazada,  
porque he mais damnosa empreza  
por trez boccas n'uma mesa,  
que trezendas n'uma espada:  
esta trindade sagrada,  
com que toda a casa abafa  
á tomára ver ja safa,  
porque á casa não convem  
trindade, que em si contem  
trez Pessoas, e huma estafa.

/71/ [2]

Vos não podeis sem dar pena  
pôr à mesa trez Pessoas,  
nem sustentar trez coroas  
em cabeça tam pequena:  
se a fortuna vos condéna,  
que vejais a casa raza  
com gente, que tudo abraza,  
não soffro, que desta vez  
vos venhaõ coroas trez  
fazer principio de casa.

3

Se estamos na Epiphania,  
e os trez coroas saõ Magos,  
haõ de fazer mil estragos  
no cajú, na balancia:  
magica he feytiçaria,  
e a terra he tam pouco experta,  
e a gentinha tam incerta,  
que os trez a vosso pezar  
não vos haõ de offerta dar,  
e haõ de mamar-vos a offerta.

4

O incenso, o ouro, a myrrha,  
que elles vos haõ de deyxar,

/72/ he, que vos haõ de mirrar,  
se vos naõ defende hum irra:  
o Crasto por pouco espirra,  
porque he dado a valentaõ,  
e se lhe formos a maõ  
no comer, e no engolir,  
aqui nos hade frigir  
cõmo postas de casiaõ.

## **Aos Mesmos**

Padres hospedes  
entre os quais vinha o Pe. Perico,  
que era pequenino.

## **Soneto**

Vieram Sacerdotes dous e meyo  
Para a casa do grande Sacerdote,  
Di\ous e meyo couberam em hum bote,  
Notavel carga foy para o grangeyo.  
O barco, e o Arrais, que hia no meyo,  
Tanto que em terra por hum, e outro zote,  
/73/ Se foy buscar a vida a todo o trote,  
Deyxando a carga, o susto, e o recreyo.  
Assustas-me em ver tanta clerezia,  
Que como ó trago enfermo de remella,  
Cuydey, vinhaõ rezar-me a agonia.  
Porem ao pô da mesa, e postos nella,  
Entendi, que vieram da Bahia  
Naõ mais que por papar a cabedella.

## **Ao Mesmo**

Vigario

galantea o Poeta

fazendo chistes de hum mimo,

que lhe mandára Brites

huma graciosa comadre sua

entre o qual vinha para o Poeta

hum cajú.

## **Decimas**

1

Ao Padre Vigario a flor,  
ao pobre Doutor o fruyto,  
/74/ ha nisto, que dizer, muyto,  
e dirá muyto o Doutor:  
tenho por grande favor,  
que a titulo de compadre  
deis, Brites, a flor ao Padre,  
mas dando-me o fruyto a mim,  
o que se me deo assim,  
he força, que mais me quadre.

2

quadra-me, que o fruyto influa,

que huma flor, que eu naõ queria,  
se dê, â quem continua:  
se o fruyto faz, que se argua,  
que eu sou o dono da planta,  
a flor seja tanta, ou quanta,  
sempre o dono à quer perdida,  
porque pelo cham caida  
faz, que o fruyto se adianta.

3

quem he do fruyto senhor  
sabe as leys d'agricultura,  
que todo o fruyto assegura,  
e despreza toda a flor:  
*/75/* e inda que chamaõ favor  
dar a sua flor a Dama  
à aquelle, por quem se inflâma,  
eu entendo de outro modo,  
e no fruyto mais me accomodo,  
que honra, e proveyto se chama.

4

Porque na testa vos entre  
o misterio, que insto encerra  
quem me dá o fruyto da terra,  
me póde dar do seu ventre:

e porque se reconstre  
este vaticinio immundo  
no vosso peyto fecundo,  
digo qual bom agureyro,  
que quem me deo o primeyro,  
me póde dar o segundo.

5

O Padre andou muyto tollo  
em vos estimar a flor,  
porque era folha o favor,  
e o meu todo era miollo:  
com emu favor me consollo:  
de sorte, e tam por inteyro,  
/76/ que affirmo por derradeyro,  
que hum favor, e outro supposto,  
eu levo de vos o gosto,  
e o Padre Vigario o cheyro.

6

Eu do Vigario zombey,  
porque vejo, que levou  
huma flor, que se murchou,  
e eu o fruyto vos papey:  
este exemplo lhe gravey,  
y este desengaño doy



de la dicha, en que me estoy  
cantando a su flor así,  
que ayer maravilla fui,  
y hoy sombra mía aun no soy.

/76/  
CLERIGOS

/77/ FRADES

**A Morte**  
do Padre  
Antonio Vieyra

**Soneto**

Corpo a corpo â capanha embravecida,  
Braço a braço, â batalha rigorosa  
Say Vieyra com sanha bellicosa,  
De impaciente a morte sey vestida.

Invistem-se crueis, e na investida

A morte se admirou menos lustrosa,

Que Vieyra com força, portentosa

Sua ira cruel prostrou vencida.

Porem elle vendo entãõ, que na empreza

Deyxava a morte à morte: e ninguem nega,

Que seus foros perdia a natureza;

E porque se exercite bruta, e cega

Em devorar as vidas com fereza,

Á seu poder rendido a sua entrega.

**/78/ A Fr. Pascoal**

que sendo abbade de N. S. das Brotas  
hospedou ali com grandeza  
a D. Angela, e seus Pays,  
que foram de romaria à aquelle santuario

**Soneto**

Prelado de tam alta perfeccion,  
Que supo en un aplauso, en un festin  
Congregar en su casa un serafin  
Cercado de tan alta relacio:  
Ya mas tenga en su cargo disencion,  
Ni en sus Praylecitos vea motin:  
Ninguno Hijuelo suyo sea ruin,  
Y los crie en su Santa bendicion.  
Llena esté la cosina de Sarten,  
Y siempre el refectorio abunde en pan,  
Que bien merece Freyle tan de bien.  
A quien el Sacro bago se le dan  
Regir la casa Santa de Belen,  
Y que ya se la quite al Soliman.

## **/79/ A Sagacidade**

cavillosa,  
com que este Religioso fez prender  
à Thomaz Pinto Brandaõ:  
dá o Poeta conta  
a hum amigo da cidade  
desde a Villa de S. Francisco.

### **Decimas**

1

Ja que entre as calamidades,  
em que a fortuna me encerra,  
naõ colho os fruytos da terra,  
vos mando outras novidades:  
e como nesta as verdades  
tem mais que n'outra amargor,  
será ardil de mercador  
embarcá-las alem mar,  
porque a risco vaõ ganhar  
dez por cento em seu valor.

2

Succedem nesta conquista  
cada dia sobre os vazos

/80/ [2]

casos, que por serem casos,  
se propoem à hum Moralista:  
cursava hum Frey Algebista  
de Certa ordem sagrada  
na escolla de huma casada,  
que lia em falsa cadeyra  
putaria verdadeyra  
por postilla adulterada.

3

Hia tomar lhe apostilla  
hum curioso Estudante  
secular como hum diamante  
Moço honrado desta villa:  
e como tinha quigilla  
o Frade no companheyro,  
lhe grunhia o dia inteyro  
ao pobre do secular,  
porque lhe havia encayxar  
a penna no seu tinteyro.

4

Naõ cuyde, que temo agouros,  
nem crea de mim, que sinta,  
que me ande gastando a tinta,

mas não destrinpe os poedouros:

/81/ queria dar lhe huns estouros

ao pobre do secular,

que como vinha a furtar,

e lhe convinha o soffrer,

callava só por comer,

comia só por callar.

5

Mas o Frade impaciente

com tam leyga sociedade

se vestio de caridade,

e foy queyxa-se ao Regente:

dice, que o Moço insolente

defamava huma casada,

e tinha a vida arriscada,

porque em certa occasião

o Frade lhe dera ao cam,

e o cam não lhe dera nada.

6

O Regente, que encaminha

tudo à boa providencia,

supposto que tem prudencia

com tudo não adivinha,

entendeo, que a casadinha

era parenta do Frade,  
/82/ não se enganou em verdade,  
porque estando ella cõ mez  
he parenta, em que lhe pez,  
do Frade em sanguinidade.

7

Prezo em fim o secular,  
porque à todos nos espante,  
foy o primeyro estudante,  
que prendem por estudar:  
o que venho a perguntar,  
he, quem foy o alcoviteyro  
deste Fradinho embusteyro,  
se a prizaõ, se o Regedor,  
ou se acaso o prendedor,  
que se diz Manuel Monteyro?

6 [= 8]

O Prezo tudo he gritar,  
que se ouve por toda a villa,  
que delle tomar postilla  
tem todos, que argumentar:  
o Frade tudo he instar,  
que a culpa he muyto maligna,  
que a popa, ou pela bolina



deve ir n'uma paviolla  
/85/ o secular para Angolla,  
porque elle fique na mina.

7 [=9]

Affirma o Prezo em verdade,  
que à aquella escolla ruim  
hia aprender mao latim,  
por se querer metter frade:  
e sua Paternidade  
uzava de ingraticidãõ,  
pois sem causa, nem razaõ,  
à quem lhe fez o favor  
de ó ir desprender de amor,  
ó tinha posto em prizaõ.

8 [=10]

Item, que sempre fugia  
do Fradinho as encontradas,  
pois hia em horas mingradas,  
quando o Frade as cheyas hia:  
que sempre se lhe escondia,  
por lhe ouvir, que he sua Prima,  
e porque elle ó não opprima,  
tomava em horas traydoras  
as lições das outras horas,

e lhe deyxava as da Prima.

/84/ [11]

Eu vos proponho os motivos  
do successo, e seus fracassos,  
porque quem ignora os casos,  
naõ sabe os nominativos:  
eu perco logo os estrivos  
com estas filatarias,  
pois vejo todos os dias,  
que hum Frade (seja quem quer)  
pelo meyo de as perder  
assegurava as putarias.

10 [= 12]

O pobre do secular,  
porque o caso vá destinto,  
se chama Fulano Pinto,  
mas ja Pinto de gallar:  
porem o Frade alveytar,  
que eu tenho por macacaõ,  
naõ entra em publicaçaõ,  
por que eu perca esse regallo,  
pois morro por baptiza-lo,  
para que morra christaõ.

## **/85/ A Certo**

Provincial  
de certa religião  
que pregou o mandato  
em termos tam ridiculos  
que mais servio de motivo de riso,  
do que de compayxaõ.

## **Decimas**

Inda está por discidir,  
meu Padre Provincial,  
se aquelle sermaõ fatal  
foy de chorar, se de rir:  
cada qual póde inferir,  
o que melhor lhe estiver  
porque aquella mâ mulher  
de perversa sinagoga  
fez no sermaõ tal chinoga,  
que ó naõ deyxou entender.

2

Certo, que este lavapés  
me deyxou escangalhado,  
/86/ e quanto à mim foy traçado

para risonho entremez:  
eu lhe quero dar das trez  
à outro qualquer Pregador,  
seja elle quem quer que for,  
ja philozopho, ou ja letrado,  
e quero perder dobrado,  
se fizer outro peyor.

3

E vossa Paternidade,  
pelo que deve à virtude,  
de tais pensamentos mude,  
que préga mal na verdade:  
faça actos de caridade,  
e trate de se emendar,  
não nos venha mais prégar,  
que jurou o Mestre Escolla,  
que por pregar para Angolla  
ó haviaõ de degradar.

**/87/ A Fr. Thomaz**

d'Apresentaçõ

pregando em termos laconicos  
a primeyra Dominga da Quaresma.

**Soneto**

Padre Thomaz, se Vossa Reverencia  
Nos prégar as Payxões desta arte mesma,  
Viremos a entender, que na Quaresma  
Naõ há mais pregador do que Vossencia.  
Prégar com tam laconica eloquencia  
Em hum só quarto, o que escreveo em resma,  
A fé, que ó naõ fazia Frey Ledesma,  
Que pregava huma resma de abstinencia.  
Quando pregar ó vî, vî hum Sam Francisco,  
Senaõ mais efficaz, menos chagado,  
E de ó ter por hum Anjo estive em risco.  
Mas como no prégar he tam azado,  
Achey, que no evangelico obelisco,  
He Christo no burel resucitado.

**/88/ Hum Amigo**  
deste Relligioso  
pedio ao Poeta suas aprovações  
sobre a mesma predica,  
a peditorio do mesmo Pregador neste

### **Motte**

Louvar vossas orações  
he proprio do Pregador,  
e á mim me dá mais temor  
o Pregador, que os semões.

### **Gloza**

1  
Só o vosso entendimento  
vos póde Thomaz louvar,  
e eu se podéra imitar  
qualquer vosso pensamento:  
para mostrar seu talento  
fez hum circulo em borrões  
Apelles com dous carvões;  
quem vira hua risca vossa?  
riscay vos, para que eu possa

/89/ Louvar vossas orações.

2

A causa he melhor, que o effeyto  
na boa philozophia,  
e assim he vossa inergia  
menor, que o vosso sugeyto:  
Logo se no humano peyto  
não há alcançar o primor  
nas obras de tal author,  
mal a causa alcançarám,  
pois o prégar do sermaõ  
He prégar do Pregador.

3

Se louvo vossa alta idea,  
sou culpado em me atrever,  
e sou culpado em metter  
a fouce em seara alheya:  
nesta empreza, em que recea  
entrar o ingenho mayor,  
entra o nescio sem pavor,  
porque a louca valentia  
dá ao nescio a ouzadia,  
E à mim me dá mais temor.

4

/90/ Ou cobarde, ou atrevido,  
ou ouzado, ou não ousado  
Hey de dizer empunhado,  
o que callára entendido:  
hum amigo á vos rendido  
pede á vossas orações  
as minhas aprovações,  
e eu callando lhe obedeço,  
porque fique em mayor preço  
O Pregador, que os sermões.



## **O Mesmo**

Amigo

pedio ao Poeta em outra occasiã

lhe glozasse este motte,

cuja materia

foy haver triunfado

o dito Fr. Thomaz

de certa opposiçaõ capitular.

## **Motte**

Nuvens, que em opposiçaõ

o sol querem desluzir,

/91/ seus rayos sabem sentir

por ser seu cuydado em vaõ.

## **Goza**

1

No cêo pardo de Francisco

pardo a força de nublados

há vapores humilhados,

e soberbos com seu risco:

o soberbo ao sol arrisco

se põem, e o humilhado não,  
e o sol menos queyma então  
ás nuvens, que chegr vé  
em acatamentos, que  
Nuvens, que em opposição.

2

As nuvens, que se lhe oppoem  
com tam nescio atrevimento,  
o sol de hum rayo violento  
queyma, abraza, e descompoem:  
tudo o mais o sol dispoem  
para ó manter, e cobrir,  
crear, e reproduzir,  
e com razaõ não tem fé  
/92/ cõ as nuvens ingratas, que  
O sol querem desluzir.

3

O sol por sua altiveza,  
e nativo luzimento  
não recebe abatimento,  
e abatê-lo he louca empreza:  
quando se atreve a vileza  
do vapor, que o vai seguir  
na nuvem, que ó quer cobrir,

se a subir não tem desmayos,  
ao resistir dos seus rayos  
Seus rayos sabem sentir.

4

Sentem com tanto pezar,  
que tem por melhor partido  
não haver ao sol subido,  
que subir para baxar:  
era força escarmentar  
na queda de Phaetaõ,  
e na icaria perdição,  
que estes outros se arruináram,  
quando ao sol subir cuydáram,  
Por ser seu cuydado em vaõ.

**/93/ Ao Sobredito**

Religioso

desdenhando critico

de haver Goncallo Ravasco, e Albuquerque

na presença de sua Freyra

vomitado humas nauseas,

que logo cobrio com o chapeo.

**Decimas**

1

Quem vos mette, Fr. Thomaz,

em julgar as mãos de amor,

fallando de hum amador

que póde dar-vos sais e ar?

Sendo vos disso incapaz,

quem vos mette, Fr. Franquia,

julgar, se foy policia

o vomito, que arrotastes,

se quando vos ó julgastes,

vomitastes huma asnia.

2

Sabeis, porque vomitou

aquelle amante em jejum?

/94/ lembrou lhe o vosso budum,  
e a lembrança ó enjoou;  
e porque considerou,  
que o tal budum vomitado  
era hu fedor refinado,  
por naõ ver poluto hum cêo,  
ó cobrio com seu chapeo,  
e em cobri-lo ó fez honrado.

3

Vos sois hum pantufo em lanços,  
mais oco do que hum tonel,  
e se estudais no burel,  
entendereis de tamancos:  
que as acções dos homens brancos,  
tam brancos como Fuaõ,  
naõ ás julga hu maganaõ  
creado em hum oratorio,  
julgador do reffectorio,  
que dá o nosso Guardiaõ.

4

O que sabeis, Frey Garrafa,  
he a traça, e a maneyra,  
com que estafais huma Freyra,  
dizendo, que vos estafa:

/95/ vos sahis com a manga gafa  
da palangana, e tigella  
d'ovos moles com canella,  
e tam mal correspondeis,  
que esse tempo, que à comeis,  
saõ as temporas para ella.

5

Item sabeis tresladar  
falto de proprios conselhos  
de trezentos sermões velhos  
hum sermaõ para pregar:  
e como entre o pontear,  
e cirgir obras alheyas  
se enxergaõ vossas ideas,  
mostrais pregando de falso,  
que sendo hum Frade descalço,  
andais pregando de meyas.

6

E pois Vossa Reverencia  
quiz ser julgador de nora,  
tenha paciencia, que agora  
se lhe tira a residencia:  
e inda que a minha clemencia  
se há com dissimulaçaõ,

/96/ livre-se na relação  
dos cargos, em que he culpado,  
ser glotaõ como hum capado,  
Como hum bode fodinchaõ.

## **A Certo**

Frade

que tratava com huma depravada Mulata  
por nome Vicencia  
que morava junto ao Convento  
e actualmente á estava vigiando  
desde o campanario

## **Decimas**

1

Reverendo Fr. Sovella,  
sayba vosso Reverencia,  
que a carissima Vicencia  
poem cornos de cabedella:  
tam varia gente sobre ella  
vay, que não entra em disputa,  
se a puta he muy dissoluta,  
sendo, que em todos os povos  
/97/ a gallinha põem os ovos,  
e põem os cornos a puta.

2

Se está vossa Reverencia  
sempre a janella do coro,



como não vé o desaforo  
dos vicencios cõ a Vicencia?  
como não vé a concurrencia  
de tanto membro, e tam navio,  
que ali entra de ordinario?  
mas se he Frade caracol,  
bote esses cornos ao sol  
por cima do campanario.

3

Do alto verá vossé  
a puta sem intervallos  
tangida de mais badallos  
que tem a torre da Sé:  
verá andar a cabra mé  
berrando atraz dos cabrões,  
os ricos pelos tostões  
os pobres por piedade,  
os leygos por amizade,  
os Frades pelos pismões.

/98/ [4]

Verá na realidade  
aquillo, que já se entende  
de huma puta, que se rende  
às porcarias de hum Frade:

mas se não vé de verdade  
tanto lascivo exercicio,  
he, porque cego do vicio  
não lhe entra no oculorum  
o secula saeculorum  
de huma puta de ab initio.

## **Ao Louco**

desvanecimento,  
com que este Frade tirando esmollas  
cantava regaçando o habito  
por mostrar as pernas,  
com presunções  
de gentilhomem, bom membro, e boa voz.

## **Liras**

Ouve, Magano, a voz, de quem te canta  
Em vez de doces passos de garganta,  
/99/ Amargos pardieyros de gasnate:  
Ouve cujo Alparcate,  
As aventuras vis de hum Dom Quixote  
Revestido em remendo de picote.  
Remendado dos pes athe o focinho  
Me persuado, que es Frade Antoninho:  
Por Frey Bazilio sais de Sam Francisco,  
E entras Frey Basilisco,  
Pois que deyxas à morte as Putas todas,  
Ou ja pela má vista, ou pelas fodas.  
Tu tens hum membralhaz aventureyro,

Com que sais cada trique ao terreiro  
A manter caralhadas, e fodengas,  
Com que as putas derrengas;  
Valha te: e quem cuydára, olhos de alpistre,  
Que seria o teu membro o teu enristre!  
Gabas-te, que se morrem as Mulatas  
Por ti, e tens razaõ, porque as matas  
De puro pespegar, e não de amores,  
Ou de puros fedores,  
que exhallaõ, porcalhaõ, as tuas bragas,  
Com que matas ao mundo, ou ás estragas.  
Dizem-me, que presumes de trez partes,  
E as de Pedro serám de malas artes:  
/100/ Boa voz, boa cara, bom badallo,  
Que he parte de cavallo:  
Que partes podes ter, villaõ agreste,  
Se não sabes a parte, onde nascestes?  
Vestido de burel hum salvajolla  
Que partes póde ter? de mariolla:  
Quando o todo he suor, e porcaria,  
A parte que seria?  
Cada parte budum, catanga, e lodos,  
Que estas as partes são dos Frades todos.  
Não te desvaneça andar-te a puta ao rabo,

Que Joanna Lopes dormira cõ diabo;  
e posto que o Mangá tambem forniques,  
Que he moça de alfiniques,  
Suppoem, que tinha entã faminta a golla,  
E que te quiz mamar o pam da esmolla.  
Naõ haõ mister as putas gentilezas,  
que arto bonitas saõ, arto bellezas:  
O que querem somentes, he dinheyro,  
E se ás cavalgas tu, pobre sendeyro,  
He, porque dando esmollas, e offertorio,  
Quando as pespegas, geme o reffectorio.  
Pezas-te de galan, bonito, e pulchro,  
E os fedores da bocca he hum sepulchro  
/101/ A caens mortos te fede a dentadura,  
E se há puta, que te atura  
Tais alentos de bocca, ou de trazeyro,  
He porque tu ás incensas com dinheyro.  
O habito levantas no passeio,  
E cuydas, que está nisso o galanteyo,  
Mostras a perna muy lavada, e enxuta,  
Sendo manha de puta  
Erguer a saya por mostrar as pernas,  
Com que es hermafrodita nas cavernas.  
Tu es Filho de hum sastre de bainhas,

E botas muyto mal as tuas linhas,  
Pois quando fidalgaõ te significas,  
A ti mesmo te picas,  
E dando pontos em grosseyro pano,  
Mostras pela entertella, que es magano.  
Torna em teu juizo, louco Durantarte,  
Se algum dia ó tiveste, à que tornar-te;  
Teme a Deos, que em tam louco desatino  
De algum celeste signo  
Hey medo, que hum badallo se despeça,  
E te rompa a cabaça, ou a cabeça.  
Se es Frade, louva ao Santo Patriarca,  
Que te soffre calçar lhe a sua alparca,  
/102/ Que juro à tal, se ao seculo tornáras,  
Nem ainda te fartáras  
De ser hum tapanhuno de carretos,  
Por não ser mariolla, onde ha pretos.

## **Ao Mesmo**

Frade

torna a satyryzar o Poeta, sem outra materia nova,  
senaõ presumindo,  
que quem o Demo toma huma vez  
sempre lhe fica hum geyto.

## **Decimas**

1

Reverendo Fr. Fodaz,  
naõ tenho materia nova,  
de que vos faça huma trova,  
mas da antiga tenho assaz:  
que como sois tam capaz  
de ires de mao a peyor,  
supponho do vosso humor,  
que em quanto a velha, e o frade  
/103/ sois sempre em qualquer idade  
mais ou menos fodedor.

2

Na boa philozophia  
mais ou menos naõ differe,  
e assim vos que estais, se infere,

na mesma velhacaria:  
lembra-me a mim cada dia  
tanto successo indecente,  
que de vos refere a gente,  
que inda que d'outra monçaõ,  
sey, que de hoje para entãõ  
nada tendes differente.

3

Se o burel, que se remenda,  
e o ser frade, e ser villaõ  
vos fazem mais fodinchaõ,  
como haveis de ter emenda?  
será in util contenda  
querer, que vos emendeis,  
pois como vos não deyxéis  
de ser frade, e ser villaõ,  
sempre heis de ser fodinchaõ,  
fodereis, e mais fodereis.

/104/ [4]

Quem a causa não des faz,  
não destroe o seu effeyto,  
com que vos no habito estreyto  
sempre haveis de ser fodaz:  
valha o diabo o mangaz,



que em vendo a pinta, e a franga  
aqui, e em Jacaracanga,  
em publico, e em secreto,  
se lhe cheyra o vazo preto,  
logo a porra se lhe emmanga.

5

De hum pirtigo tam velhaco,  
que tam subito se engrossa,  
que direy, senaõ que almoça  
vinte picas de Macaco:  
membro, que em todo o buraco  
se quer metter apressado,  
qual arganaz assustado,  
fugindo ao ligeyro gato,  
que direy, que he membro rato?  
naõ: porque este he consumado.

6

Pois logo que hey de dizer,  
como, e com que paridade  
/105/ porey o membro de hum frade,  
à quem naõ farta o foder!  
eu naõ me sey nisto haver,  
nem porque apoddo me reza;  
mas o mundo sayba, e veja,

que o membro deste mangado  
he ja membro desmembrado  
da justiça, mais da Igreja.

## **A Certo**

Frade

que se metteo a responder  
à huma satyra, que fez o Poeta,  
elle agora lhe retruca com est'outra.

## **Sylva**

Illustre, e reverendo Frey Lourenço,  
Quem vos dice, que hum burro tam immenso,  
Siso em agraz, miollos de pateta  
Póde metter-se em restia de poeta!  
Quem vos dice, magano,  
Que fará verso bom hum Franciscano?  
/106/ Cuydais, que hum tonto revestido em sacco  
O mesmo he ser poeta, que velhaco?  
Seres mestre vos na velhacaria  
Vos vem por recta via  
De trajar de burel essa librea,  
E o ser poeta nasce de outra vea;  
Naõ entreis de Aganippe mais na barca,  
Porque nella cõ a mesma vossa alparca  
Apollo tem mandado,

Que vos espanquem por desaforado.  
Não sabeis, Reverendo Mariolla,  
Remendado de frade em salvajolla,  
que cada gotta, que o meu sangue peza,  
Vos poderá a quintais vender nobreza?  
Fallais em qualidade,  
Tendo nessas arterias quantidade  
De sangue vil, humor meretricano,  
Pois nascestes de semen franciscano,  
E sobre vossa May em tempos francos  
Cairam mil tamancos,  
De sorte que não soube a sua pelle,  
Se vos fundio mais este, do que aquelle:  
E nem vos, Frey munturo, ou Frade Cisco,  
Sabeis se filho sois de Sam Francisco,  
/101/ Porque sois, vos prometto,  
Filho do Santo não, porem seu ento.  
Quem vos metteo a vos, villaõ de chapa  
A tomares as dores do meu mappa,  
Se no mappa, que fiz não se esquadrinha  
Linha tam má, como he a vossa linha?  
Mas como comeis alhos,  
Vos queymais, sem chegares aos burrinhos;  
E se acaso vos toca a putaria,

Que ali pintou a minha Fantezia,  
Naõ vos canceis em defender as putas,  
Pois sendo dissolutas,  
Naõ vos querem soldado aventureyro,  
Querem, que lhe acudais com bem dinheyro;  
E querem pelo menos, Frey Bolorio,  
Que os sobejos lhe deis do rectorio,  
Que as dadas de hum Frade  
Sobejos saõ da leyga caridade.

E se acaso esforçaste a ousadia  
A vista de huma larga companhia,  
Ides, Frey Maganaõ, muyto enganado,  
Que o capitaõ preterito he passado:  
Naõ he cousa possivel,  
Que vos livre de trago tam terrivel;  
/108/ Tornay em vos, Frey Burro, ou Frey Cavallo,  
que cair sobre vos póde o badallo  
De algum celeste signo, que vos abra,  
E sem dizer palavra  
Vos leve em corpo, e alma algum demonio  
Por mao imitador de Santo Antonio;  
Confessay vossas culpas, Frey Munturo,  
Que anda a morte de ronda pelo muro,  
E se na esphera vos topar a puta,

Vos heis de achar no inferno a pata enxuta.

## **A Certo**

Frade

na villa de Sam Francisco,  
a quem huã Moça fingindo se agradecida  
á seus repetidos galanteyos,  
lhe mandou em simulações de doce  
huma panella de merda.

## **Decimas**

1

Reverendo Frey Antonio  
se vos der venerea fome,  
/109/ praza a Deos, que Deos vos tome,  
como vos toma o demonio:  
huma purga de antimonio  
devia a Moça tomar,  
quando houve de vos mandar  
hum mimo, em que dá a entender,  
que ja vos ama, e vos quer  
tanto, como o seu cagar.

2

Fostes-vos muy de lampeyro  
vos, e os amigos da cella

ao miollo da panella,  
e achastes hum camareyro:  
mettestes a maõ primeyro,  
de que vos desenganasses,  
e foy bem feyto, que achasses  
cagalhões, que entaõ sentistes,  
porque aquillo, que naõ vistes,  
quiz o demo, que cheyrasses.

3

A hora foy temeraria,  
o caso tremendo, e atroz,  
/110/ e essa merda para vos,  
se naõ serve, he necessaria:  
se a peça he muy ordinaria,  
eu de vos naõ tenho dô:  
e se naõ dizey-me: he pô  
mandar-vos a ponto crû  
a Moça prendas do cú,  
que tam visinho he do cô?

4

Se vos mandára primeyro  
o mijo n'um panellaõ,  
naõ ficaveis vos entaõ  
muy longe do mijadeyro:



mas à hum Frade malhadeyro  
sem Correa, nem Lacerda,  
que não sente a sua perda,  
seu descredito, ou desar,  
que havia a Moça mandar,  
senaõ merda com mais merda?

5

Dos cagalhões afamados  
diz esta plebe inimiga,  
/111/ que eram de ouro de má liga  
não dobrões, porem dobrados:  
aos Fradinhos esfaymados,  
que abrindo a panella estaõ,  
day por cabeça hum dobraõ,  
e o mais manday-o fechar,  
que por isso, e por guardar,  
manhaã sereis guardiaõ.

6

Se os cagalhões saõ tam duros,  
tam gordos, tam bem dispostos,  
he, porque hoje foram postos,  
e ainda estaõ mal maduros:  
repartam-se nos munturos,  
que na enxurrada dos tais

he de crer, que abrandem mais,  
porque a Moça christamente  
naõ quer, que quebrais hum dente,  
mas dezeja, que os comais.

## **/112/ A Certo**

Frade

que galanteando huãs senhoras  
no convento de Odivellas,  
lhes entregou habito, e menores  
para hum fingido entremez,  
e conhecendo o chasco,  
em alta noyte deo em cantar o miserere,  
borrando, e ourinando todo o parlatorio,  
pelo que a Abbadeçalhe deo os seus habitos, e huã  
lanterna  
para se retirar à Lisboa.

## **Decimas**

1

Reverendo Frey Carqueja,  
quentariad com cordaõ,  
magano da religiaõ,  
e mariolla da Igreja:  
Frey Sarna, ou Frey Bertoeja,  
Frey Pirtigo, que o centeyo  
móes, e não dás recreyo,  
Frey burro de lançamento,  
/113/ pois que sendo hum Frey Jumento,

es hum jumento sem freyo.

2

Tu, que nas pardas cavernas  
vives de hum grosso sayal,  
es carvoeyro infernal, pois andas com sacco em pernas:  
lembrem-te aquellas fraternas,  
que levaste a teu pezar,  
quando a Prelada bivar  
por culpa, que te cavou,  
de dia te desfradou  
para a noyte te expulsar.

3

Pela dentada, que Adaõ  
deo no vedado fruteyro,  
de folhas fez hum coeyro,  
e cobrio seu cordavaõ:  
à ti o querer ser glotaõ  
de outra maçãa reservada,  
ao vento te poz a ossada,  
mas com differença muyta,  
que se nû te poz a fruyta,  
tu naõ lhe deste a dentada.  
/114/ De José se diz cad'hora,  
que ó fez hum servo de chapa

deyxar pela honra a cappa  
nas mãos da amante senhora:  
tu namaõ, que te namora,  
por honra, e por pundonor  
deyxas habito, e menor,  
mas com desigual partido,  
que José de accomettido,  
e tu de accomettedor.

5

Desfradado em conclusãõ  
te vistes em couro puro,  
como vinho bem maduro,  
sendo, que es hum cascarraõ:  
era pelo alto seraõ,  
quando agente as adivinhas  
vio entre queyxas mesquinhas  
na varanda hum Frade andeyro  
saido do Limoeyro  
a berrar pelas casinhas.

6

Como Galleno na praça  
appareceste ao luar  
/115/ pobre, roubado do mar,  
que era ver-te hum mar de graça:

quando hum pasma, e outro embaça;  
naõ me tenhaõ por visaõ,  
pregavas ao povo entaõ: frade sou inda em coeyros,  
torney-me aos annos primeyros,  
e Bivar foy meu Jordaõ.

7

Porque luz se te naõ manda,  
tu por naõ dar n'um ferrolho,  
dizem, que abriste o teu olho,  
que he cancella, que trezanda:  
chovias por huma banda,  
e por outra trovejavas,  
viva tempestade andavas,  
porque á comedia assistias,  
que era tramoya fingias,  
e na verdade ó passavas.

8

Ninguem ha, que vitupere  
aquelle lanço estupendo,  
quando o teu peccado vendo  
tomaste o teu miserere:  
/116/ mas he bem, que me exaspere  
de ver, que todo o sandeo,  
que nos tratos se metteo

de Freyras, logo confessa,  
que isso lhe deo na cabeça,  
e à ti só no cú te deo.

9

Dessa hora temeraria  
ficou a grade de guiza,  
que se athe ali foy precisa,  
desde entã foy necessaria:  
tu andaste como alimaria,  
mas isso não te desdoura,  
porque fiado na coura  
da brutescia fradaria  
estecaste estribaria,  
o que gostas manjedoura.

10

Que es frade de habilidade,  
dás grandissima suspeyta,  
pois deyxas camara feyta,  
o que foy the agora grade:  
tu es hum corrente Frade  
nos lances de amor, e brio,  
/117/ pois achou teu desvario  
ser melhor, e mais barato,  
do que dar o teu retrato,

pôr na grade o teu feytio.

11

Corrido em fim te ausentaste,  
mas obrando ao regataõ,  
pois levaste hum lampeaõ  
pela cera, que deyxaste:  
çujamente te vingaste  
Frey Azar, ou Frey Piorno,  
e estás com grande sojorno,  
e posto muyto de perna,  
sem veres, que essa lanterna  
te deram, por dar-te hum corno.

12

O com que perco o sentido,  
he ver, que em tam çujo tope  
levando a Freyra o xarope  
tu ficaste o escorrido:  
na camara estás provido  
e de ruybarbo com cappa,  
mas lembro-te Frey Jalapa,  
que por cagar no sagrado  
/118/ o cú tens excomungado,  
se não recorres ao Papa.

13



Muyto em teus negocios medras  
com furor, que te destampa,  
pois sendo hum louco de trampa  
te tem por louco de pedras:  
he muyto, que não desmedras,  
vendo-te trapo, e farrapo,  
antes cõ a Freyra no papo,  
como no sentido à tinhas,  
parece, que a vela vinhas,  
pois vinhas com todo o trapo.

14

Tu es magano de lampa,  
Bivar he Freyra travessa,  
a Freyra pregou-te a peça,  
mas tu armaste lhe a trampa:  
se o teu cagar nunca escampa,  
nunca esê o seu capricho,  
e pois t'a pregou, Frey Mixo,  
chame-se por todo o mappa  
ella travessa de chapa,  
e tu magano de esguixo.

### **/119/ A Certo**

Frade,  
que querendo embar-se  
para fora da cidade,  
furtou hum cabrito,  
o qual sendo conhecido da may pelo berro  
o foy buscar dentro do barco,  
e como não teve effeyto o dito roubo,  
tratou logo de furtar outro, e o levou assado.

### **Decimas**

1

De fornicario em ladraõ  
se converteo Frey Foderibus  
o lascivo em mulieribus,  
o muy alto fodinhaõ:  
foy o caso, que hum veraõ  
tratando o Frade maldito  
de ir da cidade ao destrito,  
querendo a cabre levar,  
para mais à assegurar,  
embarcou logo o cabrito.

/120/ [2]

Mas a cabra esquiva, e crua

à outro pasto ja inclinada  
naõ quiz fazer a jornada,  
nem que à faça cousa sua:  
balou huma, e outra rua  
com tal dor, e tal payxaõ,  
que respondeo o mamaõ  
alcançou todo o destrito  
nas respostas do cabrito  
o codilho do cabraõ.

3

Estava elle muyto altivo  
com seu jogo bem assaz,  
porem por roubar sem az  
perdeo bolo, cabra, e chibo:  
porque sem pôr pé no estrivo  
saltou na barca do Alparca,  
e dizendo desembarca  
sahio cõ filho a correr,  
porque entãõ naõ quiz metter  
com tal cabraõ pé em barca.

4

O Frade ficou n'um berro,  
porque temia o maldito  
/121/ se naõ levasse o cabrito,

de achar, quem lhe pegue hum perro:  
e por não cair nesse erro  
n'um rebanho em boa fé  
foy, e prendeo por hum pé  
outro, à quem o Frey Caziqui,  
quando elle dizia mihi,  
elle respondia mé.

[5]

Do mé desaparecido  
foy logo o dono avisado,  
que o Frade lhe havia achado,  
antes delle ó haver perdido:  
e sendo o sitio corrido,  
se achou, que a modo de pá  
n'um forno o cabrito está,  
que o Frade he destro ladraõ,  
porem nesta occasiaò  
sahio lhe a fornada má.

## **/122/ A Certo**

Frade

que pregando muytos despropositos  
na Madre de Deos  
foy apedrejado pelos rapazes,  
e se fingio desmayado po escapar:  
mas depois furtando ao Poeta hum bordaõ,  
e ao Arpista da festa hum chapeo, se retirou:  
porem sabendo-se do furto  
lhe foy ao caminho tirar das maõs  
hum Mulato de Domingos borges.

## **Decimas**

1

Reverendo Padre em Christo,  
Fr. Porras por caridade,  
Padre sem paternidade  
salvo à tem pelo Antechristo:  
naõ me direis, que foy isto,  
que dizem, quando pregastes,  
tam depressa vos pagastes,  
que antes que o sermaõ findáva  
/123/ no sacco da vossa cara

tanto cascalho embolçastes.

2

Pregastes tanta parvoice  
de tollo, e de beberraõ,  
que o povo barbaro entã  
entendeo, que era Louquice:  
quiz-vos seguir a doudice,  
e posto no mesmo andar,  
em lugar de persignar  
huma pedrada vos préga,  
que atesta ainda arrenega  
de tal modo de pregar.

3

Ah que d'El Rey me aturdistes,  
e como hum Paulo pregaveis,  
entendi, quando gritaveis,  
que do cavallo caistes:  
vos logo me desmentistes,  
dizendo, não tenho nada,  
fingi aquella gritada,  
porque entre tantos maraos  
com seyços, limões, e paos  
não viesse outra pedrada.

/124/ [5]

Bem creyo eu, Peralvilho,  
que sois cavallo de Troya,  
e fazeis huma tramoya  
cõ a morte no garrotilho:  
mas se perdendo o codilho,  
que ganhais a maõ, dizeis,  
à vos o engano fazeis,  
porque se quem compra, e mente,  
se diz, que na bolça o sente,  
vos na testa o sentireis.

5

Vendo-vos escalavrado  
o Vigario homem do cêo  
em casa vos recolheo,  
por vos salvar no sagrado:  
vos sois tam desaforado,  
que não quizestes cear,  
não mais que pelo poupar,  
sendo que sois tam má prea,  
que lhe poupastes a cea,  
por lhe roubar o jantar.

6

Fostes-vos de madrugada,

deyxando lhe aberta a porta,  
/125/ mas a porta pouco importa,  
importa a casa roubada:  
fizestes huma trocada,  
que só à podéra fazer  
d'hum por outro chapeo podre,  
que trocar odre por odre  
venha o demo a escolher.

7

Ficou o Mestre solfista  
sem chapeo destro, ou sinestro,  
e ainda que na arpa he destro,  
vos fostes mayor arpista:  
quem por ladraõ vos alista,  
sayba, que sois mao ladraõ,  
que naõ perdendo occasiaõ,  
la em cima na vossa estada,  
levastes a bordoadada,  
cá embaxo o meu bordaõ.

8

Tomastes do rio a borda,  
e vendo os amigos Borges,  
que levaveis tais alforges,  
tratávam de dar-vos corda:



/126/ mas vendo, que vos engorda,  
mais do que a vacca, o capim,  
puzeram-vos hum celim,  
hum freyo, e hum barbicacho,  
porque sendo hum burro baxo  
logreis honras de rucim.

9

Vendo-vos ajaezado,  
pela occasiaõ não perder,  
botastes logo a correr  
atraz das aguas mangado:  
apenas tinheis chegado  
de ceippe à casaria  
quando hum Mulataço arpia  
arrogante appareceo,  
sem vos fazer cortezia.

10

Tirou-vos o meu cajado,  
porque sois ladraõ tam mao,  
que levastes o meo pao,  
que não serve a hum barbado:  
e vendo-vos despojado  
dos furtos deste lugar  
/127/ vos puzestes a admirar,

de que hum Mulato valente  
de vos despir se contente,  
podendo-vos açoutar.

11

Nunca vos, borracho alvar,  
a pregar-nos vos mettais,  
que se a rapazes pregais,  
elles vos la haõ de pregar:  
tratay logo de buscar  
alguma Dona Bertolla,  
para pregar pela golla,  
como aqui sempre fizestes,  
que esse he o pregar, que aprendestes,  
do que podeis pôr escolla.

12

E guarday-vos, maganaõ  
bebado, geribiteyro,  
de tornar à este oiteyro  
fazer vossa pregação:  
que o Mestre Panthaleaõ,  
e o Doutor, à quem roubastes,  
e os mais, que aqui encontrates  
vos esperam com escarbás.

/128/ para arrancar-vos as barbas,  
se he, que a vinho as não pelastes.

## **Satyriza**

o Poeta

o encontro, que teve

Joanna Gefeyra,

de quem fallaremos largamente  
nas Damas de Villa de S. Francisco  
com certo Frade em hum bananal.

## **Decimas**

1

Hum Frade no bananal,  
inda que diga Joanna,  
que foy despencar banana,  
jurarey, que não foy tal:  
não foy o Frade ao quintal  
para roubar à seu dono,  
mas dizem por seu abono,  
que foy ao quintal prover-se,  
deve crer-se, e entender-se,  
que foy prover-se de cono.

/129/ [2]

Como havia de ir o Frade  
prover-se no bananal,

se eu sey, que foy ao quintal  
com outra necessidade:  
que Sua Paternidade  
la fosse, à mim me constou,  
mas como à Joanna achou  
estirada, e tartamuda,  
deytou lhe o Frade huma ajuda,  
com que Joanna cagou.

3

Que cagasse não me espanto,  
se a calda o quintal empossa  
com seringa hum tanto grossa,  
e comprida hum tanto quanto:  
sentio-se Joanna tanto,  
que o Frade assim à sacuda,  
que chamando, que lhe acuda,  
dizia, que na verdade  
antes queria do Frade  
o xarope, do que ajuda.

4

O xarope he cordial,  
e ajuda he culantrina  
/130/ xarope he cousa divina,  
a ajuda he cousa infernal,

nunca eu fora ao bananal!  
mas que havia de crer,  
que o Frade lá fosse ter,  
para que ali me sacuda,  
e não deyxasse huma ajuda,  
com que eu podesse viver.

5

Elle me fez de maneyra,  
quando o canudo mettia,  
que eu cuydey, que me dormia  
com tronco de bananeyra:  
e quando na derradeyra  
o licor senti correr  
da calda, me puz a crer,  
e crî, que em toda a verdade  
o Frade como bom Frade  
vinha ajudar-me a morrer.

6

Mas logo senti a mingua,  
quando a dizer me esforçava  
Jesus, elle me tapava  
a bocca com toda a lingua:  
/131/ nunca a piedade mingua,  
se não n'um grosso sayal,

e foy este Frade tal,  
que me impedio, que fallasse,  
porque Deos mais não chamasse,  
que o demo do bananal.

7

Que fosse ajuda não sey,  
e so sey, que a puros topes  
me deo o rey dos xaropes,  
e não xarope de rey:  
o Frade he Frade sem ley,  
e de consciencia torta,  
pois na minha mesma horta,  
quando a sua seringada  
me houvera deyxar curada,  
então me deyxou mais morta.

8

Morréra em todo o rigor  
desta feyta excomungada,  
se a força da vardascada  
não me absolve meu senhor:  
o Frade como traydor  
com outro a fuga confere  
/132/ e porque mais me exaspere,  
cruzou o xarco salgado,

porque sendo ó excomungado  
levasse eu o miserere.



## **Satyriza**

outro caso  
de huma Negra  
que foy achada com outro Frade,  
e foy bem moida com hum bordaõ  
por seu Amazio,  
por cuja causa se sangrou, e se fingio  
manca de hum pé.

## **Decimas**

1

Nunca cuydey do burel,  
nem menos do seu cordaõ,  
que fosse tam cascarraõ,  
tam duro, nem tam cruel:  
mas vos como sois novel,  
e ignorais o bom, e o mao,  
vos fiastes do marao,  
/133/ e o que tirastes do escote  
foy ver, que era o seu picote  
tam duro como hum bom páo.

2

Vos fostes bem esfregada

do burel esfreador,  
mas depois o páo do amor  
vos deyxou mais bem pizada:  
no bananal enramada  
vos atastes ao cordaõ,  
que vos fez a esfregaçaõ;  
depois quem vos vigiou,  
nas costas vos assentou  
as custuras c'um bordaõ.

3

Fingistes-vos muy doente,  
e atastes no pé hum trapo,  
sendo a doença o marzapó  
do Franciscano insolente:  
enganastes toda a gente  
fingidamente traydora,  
mas eu soube na mesma hora,  
que nos tinheis enganado,  
e por haver-vos deytado,  
/134/ fingis deytar-vos agora.

4

Eu sinto em todo o rigor,  
os vossos successos maos,  
pois levastes com dous paos

hum do Frade, outro do amor:  
qual destes paos foy peyor  
vos nos haveis de dizer,  
que eu não deyxo de saber,  
que sendo negras, ou brancas  
he sempre hum só pao de trancas  
pouco para huma mulher.

5

Naõ vades ao bananal,  
que he cousa escorregadia,  
e heis de levar cada dia  
lá no cô, cá de costal:  
sed libera nos a mal  
dizey no vosso rosario,  
e se o Frade he frandulario,  
vá folgar á seu convento,  
que vos no vosso aposento  
tendes certo o centenario.

6

/135/ Muyto mal considerastes,  
no que o successo parou,  
que o Frade vos não pagou,  
e vos em casa ó pagastes:  
tal miserere levastes,

que vos digo na verdade,  
fora melhor dâ-lo ao Frade,  
porque he mayor indecencia  
dâ-lo á vossa negligencia,  
que à sua Paternidade.

## **A Barbora**

huma Mulata meretriz  
(de quem fallaremos largamente)  
a quem certos Frades  
lhe passáram hum geral,  
do qual ficou tam perigosa  
que veyo a sacramentar-se.

## **Decimas**

1

Naõ era muyto, Babú,  
ó sentires dor de madre,  
/136/ se vos pespegou hum Padre,  
ou Padres o sururú:  
grandes poderes tens tu,  
e vigor mais que papal,  
que no clima Americal,  
onde hum Rodella te topa,  
estando fora de Europa,  
escamastes hum geral.

2

A Macotinha, e julû,  
Luiza, e Ignacia leváram

o geral, porem ficáram,  
naõ como ficastes tu:  
ou foy o caralho assu,  
que ó interno te burnio,  
porque jamais ninguem vio,  
que molestasse hum caralho,  
havendo tanto escorrvalho,  
como o teu vaso cumprio.

3

Se fora a primeyra vez,  
seria por fraca via,  
mas a tua serventia  
mil velhacarias fez:  
/137/ e se tu tam puta es,  
e sentiste o tal baldaõ,  
qualquer era fradigaõ,  
dos que daõ treza por duzia,  
e já que foste branduzia,  
sente a dor do madrigaõ.

4

Chegaste do caso tal,  
a tomares o senhor,  
e fora muyto melhor  
dar-te Bersabú bestial:

que quem peccado mortal  
comette, e delle enfermou,  
logo ó diabo ó levou,  
e quem se serve do demo,  
navegando a vela, e remo  
nos infernos ancorou.

/138/ **A Brazia**

do Calvario

outra Mulata meretriz

de quem tambem fallaremos,

que estando em acto venereo

com hum Frade Franciscano,

lhe deo hum accidente

q que chamaõ vulgarmente lunduz,

de que o bom do Frade não fez caso,

mas antes foy continuando

no mesmo exercicio sem desencavar,

e somente ó fez,

quando sentio o grande estrondo,

que o fazo lhe fazia.

### **Decimas**

1

Brazia: que brabo desar!

vos me cortastes o embigo,

mas inda que vosso amigo,

naõ vos hey de perdoar:

puzestes-vos a cascar,

e invocastes os lunduz;



/139/ Jesus, nome de Jesus~  
quem vos metteo no miollo,  
que se enfeytiçava hum tollo  
mais que cõ jogo dos cú.

2

O Fradinho Franciscano  
sendo hum servo de Jesus,  
que lhe dava dos lunduz,  
se he mais que os lunduz magano?  
tinha elle alimpado o cano  
quatro vezes dabis arma,  
e como nunca desarma  
tam robusta artilharia,  
dos lunduz que lhe daria,  
se elle estava cõ aquella arma?

3

Chegados os tais lunduz  
os vio no vosso accidente,  
qu se os vé visivelmente  
tambem lhe dera o seu truz:  
desamarrados os cú,  
porque o Frade desenteze,  
foy-se elle, pêze à quem pêze,  
e vos assombrada toda

/140/ perdestes a quinta foda,  
e talvez que fossem treze.

4

O melhor deste desar  
he, que o Padre, que fodia,  
quando o jogo lhe acodia,  
vos tocava o alvarar:  
vos enforcando no ar  
esse cono abalravento,  
entaõ o Frade violento  
entrava como hum cavallo,  
e o cono com tanto aballo  
zurrava como hum jumentol

5

Eu naõ vî cousa mais vãa,  
do que o vosso cono bento,  
pois com dous dedos de vento  
roncava huma Itapuã:  
estava agora louçãa,  
crendo, que salva seria  
toda aquella artelharia,  
mas vos ó desenganastes,  
quando o murraõ lhe apagastes  
com chuva, e com ventania.

/141/ [6]

Se achais, que vos anniquillo,  
porque mais pede inda o caso,  
digo, que há no vosso vazo  
as catadupas do Nilo:  
e se o vazo vos perfilo  
com rio tam idiondo;  
crede, que o Nilo redondo  
com todas as sete boccas  
tem ruido, e vozes poucas  
a vista do vosso estrondo.

7

Ninguem se espanta, que vos  
venteis com tal trovoada,  
porque de muy gallicada  
tendes no vazo comboz:  
he caso aqui entre nos,  
que se o membro he huma viga,  
em tocando na barriga  
huma enche, e outra extravaza,  
e vazo, que enche, e vaza,  
cono de marés se diga.

8

Tantas faltas padeceis

fora do vaso, e no centro  
/142/ que nada ganhais por dentro,  
por fora tudo perdeis:  
ja por isso recorreis  
ao demo, à quem vos eu dou,  
e tanto vos enganou,  
que o Frade o demo sendindo,  
delle, e de vos foy fugindo,  
e cõ demo vos deyxou.

9

O demo, que he muy manhoso,  
veyo entã a conjurar-vos,  
que a força de espedorrar-vos  
veja o mundo hum Frey Potrojo:  
coytado do religioso  
corria com reverencia,  
nos colhões tendo esquinencia  
da vossa ventozidade,  
mas se á casta tira o Frade,  
sey, que ha de ter paciencia.

### **/143/ Passando**

dous Frades Franciscanos

pela porta de Agueda

pedindo esmolla,

deo ella hum peydo,

e respondeo hum delles estas palabras =

irra, para tua Thia.

### **Decimas**

1

Sem tom, nem som por detraz

espirra Agueda à janella,

mas foy espirro de trella,

porque tal estrondo faz:

que hum Reverendo sagaz

lastimado, do que ouvia,

se ja não foy, que sentia

ouvir tal ronco ao trazeyro,

dice para o companheyro,

= irra para tua Thia.

2

Sentio-se Agueda do irra,

e dice, perdoe Frade,

/144/ quem pede por caridade,  
naõ se agasta com tal birra:  
aqui nesta casa espirra  
todo o coytado, e coytada;  
passe avante, que isto he nada,  
e se acaso se enfastia,  
será para sua Thia,  
ou para seu camarada.

3

Basta, que se escandaliza  
do meu cú, porque se caga?  
Venha cá bocca de praga,  
que cousa mais mortaliza?  
o peyto, que penaliza,  
he surrateyro, e callado:  
o peydo ha de ser fallado,  
ou ao menos estrondoso,  
porque aquelle, que he fanhoso,  
he peydo desconsolado.

4

Quantas vezes, Frey Remendo,  
dará cõ meyo do cú  
peydo tam rasgado, e crû,  
que lhe fique o rabo ardendo?

/145/ perdôe pois, Reverendo,  
naõ cuydey, tam bem ouvia;  
e se esmolla me pedia,  
aceyte-o por caridade,  
se naõ servir para hum frade,  
leve-o para sua Thia.

## **Pinta**

o Poeta

as porqueyras de hum Frade,  
e seus depravados modos  
em materias amorosas,  
satyrizando de caminho  
a trez Moças irmaãs  
da Villa de Sam Francisco,  
que á tanto se inclinavaõ.

## **Liras**

A vos digo, Putinhas Franciscanas,  
Com vosco fallo, manas,  
/146/ Ouvî pacito, e respondey-me quedo,  
Que quero me digais certo segredo.  
Porque com Frades vos dormis aos pares,  
E tendes odio aos membros seculares?  
Naõ sois vos outras laminas de prata,  
Que na officina grata,  
Em que o seu malho o senhor Pay batia,  
Saistes animada argentaria?  
Pois como em tais diafanos argentos,  
Engastais tantos membros fedorentos!



Era qualquer de vos prata sem liga,  
E hoje não sey se diga,  
Liga fazeis cõ xumbo vil de hum Frade,  
Que dá com xumbo, e faz caridade;  
Oh infaustas Moças, na mofina raras,  
Que fazem tais baratos de tais caras!  
Que esperais, que vos dê, ou vos proveja  
Hum magano da Igreja,  
O lixo ecclesiastico do mundo,  
Que he senaõ hum Franciscano immundo,  
De cujas bragas nos avisa o cheyro,  
Que ali o cepo vem do Pastelleyro.  
O Frade porqueyraõ esfamiado  
Apenas tem entrado,  
/147/Quando sem mais razaõ, nem mais palavra  
Pega, arregaçã, embocca, e escalavra;  
Naõ gasta a voz, naõ se detem, nem póde,  
Arremette, cavalga, impinge, e fode.  
O secular, que he todo almiscarado,  
Já do amor obrigado  
Faz à Dama hum poema em hum bilhete,  
Cobarde ó faz, timido ó remette;  
Se lhe responde branda, alegre ó gosta,  
E se tyranna, estimalhe a resposta.

Vay no outro dia passear à Dama,  
Por quem Amor ó inflama,  
E sendo o intento ver á Dama bella,  
Passa lhe a rua, e não lhe vé a janella,  
Que primeyro em hum galan composto  
O credito da Dama, que o seu gosto.  
Depois de muytos annos de suspiros,  
De desdens, de retiros,  
Desprezos, desapegos, desenganos,  
Constancias de jacob, serviços de annos  
Fazem, com que da Dama idolatrada  
Lhe vem recado, em que lhe dá entrada.  
Com tal recado alvoroçado o Moço,  
Quer morrer de alvoroço,  
/148/ Entregue todo ao subito desvello  
Enfeyta a cara bem, pentea o pêllo,  
Galante em cheyros, e em vestir flamante  
Parece hum cravo de arrochella andante.  
A rua sey, e junto ao aposento  
Do adorado portento,  
Onde cuydou gozar da Dama bella,  
Se lhe manda fazer pé de janella;  
Aceyta-o elle, e livre de desmayo  
De amorosos conceytos faz ensayo.

Querido Idolo meu, Prenda adorada,  
(lhe diz com voz turbada)  
Se para hum longo amor he curta a vida,  
Meu amor vos escusa de homicida;  
De que serve matar-me rigorosa,  
Quem tantas settas tira de formosa?  
Day-me essa bella mão, Nympha prestante,  
E nesse rutilante  
Ouro em madeyxas de cabello undoso  
Prendey o vosso escravo, o vosso esposo;  
Naõ peço muyto naõ, e se eu o peço,  
Amor, minha senhora, he todo excesso.  
He modo Amor, que nunca teve modo,  
Amor he excesso todo,  
/149/ E nessa mão de neve transparente  
Pouco pede, quem ama firmemente;  
Day-ma por mais fineza, que os favores  
Saõ leyte, e alimento dos amores.  
Responde lhe ella com hum brando riso,  
E no mesmo improviso  
Ay (lhe diz) que acordou meu Pay agora,  
Amanhã nos veremos, ide embora;  
Fecha a janella, e o Moço mudo, e quedo  
Fica sobre hum penedo, outro penedo.

Fará isto hum Fradinho Franciscano!

Fará isto hum magano,

Que em casos tais quer ir com tudo ao cabo,

E fede ao budum como o diabo?

Hum Frade porqueyraõ, e esfamiado

Naõ fia nos primores tam delgado.

Pois, Putas çujas, desaventuradas,

Quem vos traz deslumbradas,

que naõ vedes a grande diferença,

que vay de huma fodença à outra fodença?

Ora em castigo igual à tais maldades

Praza a Amor, que vos fodaõ sempre Frades.

**/150/ Louva**

o Poeta

o sermaõ, que pregou certo Mestre  
na festa, que a Justiça faz  
ao Spirito Santo  
no convento do Carmo no á 1686.

**Soneto.**

Alto sermaõ, egregio, e soberano  
Em forma tam civil, tam erudita,  
Que sendo o Pregador hum Carmelita,  
Julguy eu, que pregava hum Ulpiano.  
Naõ desfez Alexandre o nô Gordiano,  
Cõ a espada ó rompeo (traça exquisita)  
Vos na forma legal, e requisita  
Soltais o nó do magistrado arcano.  
Oh Principes, Ponntifices, Monarcas,  
Se o Mestre excede à Bartolos, e Abbades,  
Vesti-lhe a toga, despojay lhe alparcas.  
Rompam-se logo as leys das Magestades,  
Ouçaõ Ministros sempre os Patriarcas,  
Pois mais podem, que leys, auctoridades.

## **/151/ Celebra**

o Poeta

(estando homiziado no Carmo)

a burla,

que fizeram os Religiosos  
com huma patente falsa de prior  
a Frey Miguel Novellos,  
appellidado o Latino  
por divertimento  
em hum dia de muyta chuva.

## **Decimas**

1

Victor, meu Padre Latino,  
que agora se soube em fim,  
que so vos sabeis latim,  
para hum breve tam divino:  
era n'um dia mofino  
de chuva, que as canas rega,  
eis a patente aqui chega,  
e eu por milagre ó suspeyto  
na Igreja Latina feyto,

para se pregar na grega.

/152/ [2]

Os sinos se repicaram  
de seu moto natural,  
porque o Padre Provincial,  
e outros Padres lhe ordenaram:  
os mais Frades se aballáram  
a lhe dar obediencia,  
e eu em tanta complacencia,  
por não faltar ao primor,  
dizia à hum: Victor Prior,  
Victor, Vossa Reverencia.

3

Estava aqui retraido  
o Doutor Gregorio, e vendo  
hum breve tam reverendo  
ficou cõ queyxo caido:  
mas tornando em seu sentido  
da galhofa perennal,  
que não vî patente igual,  
dice: e he cousa patente,  
que se a patente não mente,  
he obra de pedra, e cal.

4

Victor, victor se dizia,  
e em prazer tam repentino,  
/153/ sendo os vivos ao latino  
soavam a ingrezia:  
era tanta a fradaria,  
que nesta casa Carmella  
naõ cabia a refestella,  
mas recolhêram-se em fim  
cada qual ao seu celim,  
e eu fiquey na minha cella.



**Indo**  
certo Frade  
a casa de huma meretriz  
lhe pedio esta quinze mil [réis] dantemaõ  
para tirar humas argolas,  
que tinha empenhadas.

Quinza mil [réis] dantemaõ  
Cotta a pedri-me se atreve,  
o diabo a mim me leve,  
se ella val mais que hum tostaõ:  
que outra femea de canhaõ,  
por seis tostões, que lhe dey,  
/154/ toda a noyte à pespeguey,  
e à quem faz tal peditorio

Borrorio

Ora está galante o passo;  
Menina, naõ me direis,  
se vos deo quinze mil [réis],  
quem vos tirou o cabaço?  
fareis de mim tam madraço,  
que vos dê tanto dinheyro  
por hum triste parameyro,

que está junto ao cagatorio?

Borrório.

Quereis argollas tirar  
cõ as moedas, que saõ minhas?  
para tirar argolinhas  
só lança vos posso dar;  
vos pedis por pedinchar  
sem vergonha, nem receyo,  
como se eu tivera cheyo  
de dinheyro hum escritorio:

Borrório.

Sahis muyto à vossa May  
nos costumes de pedir,  
e eu em naõ contribuir  
/155/ me pareço com meu Pay:  
essa petiçaõ deyxay,  
quereis sustentar-vos só  
Vossa May, e vossa Avó,  
e todo o mais avolorio?

Borrório.

Vindesà muy ruim mato,

Menina, fazer a lenha,  
que outra femea mais gamenha  
m'ò fazia mais barato:  
buscay outro melhor pato;  
quereis depennar, à quem  
a penas segura tem  
a rafiaõ do reffectorio?  
Borrorio.

Quereis, que o Prelado astuto  
me tome conta da esmolla,  
e que a bom livrar dé a solla?  
que tal faça? fideputo:  
eu naò sou ambamacuto,  
nem sou tam pouco matreyro,  
que vos comais o dinheyro,  
e eu fique de gorgotorio:  
Borrorio.

/156/ Vos quereis sem mais nem mais,  
que no sermaõ de repente  
eu faça chorar a gente,  
para que vos vos riais?  
tam ruim alma me julgais,

que para as vossas cubiças  
tome capellas de missas,  
e que chore o Purgatorio?  
Borrório.

Ora em fim vos a pedir,  
e eu Cotta a volo lo negar,  
ou vos haveis de cançar,  
ou eu me hey de sacudir:  
com que venho a inferir  
destas vossas petições,  
que heis de pedir-me os culhões,  
a parvoice, e zimborio  
Borrório.

**/157/ A Certo**

Frade

que indo pregar

a hum convento de Freyras,

e estando com huma na grade,

lhe deo tal dor de barriga,

que se cagou por si.

**Decimas**

1

Ficáram neste intervallo

pagos a Freyra, e o Frade,

ella à elle deo lhe agrade,

elle à ella deo lhe o ralo:

fê-lo ir com tanto abállo

o seu çujo proceder,

que à vos não convem correr

com homem tam despejado,

que se andar tam desatado,

logo vos ha de feder.

2

Estas novas enxurradas

fizeram com novo estilo

/158/ na casa da grade hum Nilo,  
catadupa nas escadas:  
naõ foram mal sopportadas  
dos visinhos do lugar,  
se chegáram a alcançar  
(como ouvimos referir)  
que os Indios perdem ó ouvir,  
ca perdessem o cheyrar.

3

Ao Frade, que assim vos trata,  
porque outra vez naõ se entorne,  
manday, que à grade naõ torne,  
athe soldar a culatra:  
que escopeta, que naõ mata,  
quando tam junto atirou,  
bem mostra, que se errou,  
e toda a moniçaõ troca,  
naõ rebentou pela bocca,  
pela escorva rebentou.

4

Neste idiondo tropel  
cem mil causas achareis,  
que naõ saõ para papeis,  
posto que ás ponha em papel:

/159/ o passo foy tam cruel,  
que a dize-lo me tentoou:  
se bem lastimado estou,  
do que deste Frade ouvi,  
torne elle mesmo por si,  
ja que por si se entornou.

5

Do monte Olimpo se conta,  
que quando há mayor tromenta,  
deyxa a sua altura izenta,  
porque das mais se remonta:  
naõ sey, se vos nesta conta  
entrastes, senhora, entaõ  
naquella, çuja occasiaõ;  
só sey, que o Frade seria,  
pelo que delle corria,  
monte, mais o limpo naõ.

6

Deste frade ouvi dizer,  
e he cousa digna de rizo,  
que tendo-se por Narciso  
fez fonte para se ver:  
e deve-se reprehender,  
Dama bella, se vos praz

/160/ o que este Narciso faz,  
pois offende o fino amante,  
deyxando o claro diante,  
ver-se no escuro de traz.

7

Foy o Padre aqui mandado  
para pregar: grande error!  
naõ póde ser pregador  
hum Frade tam despregado:  
seja do officio privado,  
e de entre a gente fallar,  
pois todos vem alcançar,  
a seu salvo presumir,  
que sendo mau para ouvir,  
he peyor para cheyrar.



CONTINUA A PARTE SEGUINTE,  
QUE É INTITULADA

**FREYRAS**

QUE COMEÇA NA PÁGINA 161

ANTERIORMENTE, ESTAVA O  
CAPÍTULO INTITULADO

**FRADES**

**FREYRAS**

## **A Morte**

da Excellentissima Portugueza

D. Felicianna de Milaõ

Religiosa do Convento da Rosa

### **Soneto**

Anna, felice foste, ou Felicianna,  
que só por ver com Deos teu Sp'rito unido  
Te desunes de hum corpo, que eu duvido,  
Se he corpo, ou se materia soberana.  
Hoje, que habitas gloriosa, e ufana  
Esse reyno de luz, que has merecido,  
Naõ te espantes de hum choro enternecido,  
Que de meus saudosos olhos mana.  
Pois ja descança em paz, e ja repouisa  
Tua alma venturosa, e a branda terra  
Te guarda o sono, que romper naõ ousa;  
Peregrino, o temor hoje desterra,  
Chega, e dize ternuras à essa louza,  
Que tam religioso corpo encerra.

/162/ **Ouvindo**

o Poeta cantar no mesmo convento

a Dona Maria

Freyra do véo branco

a quem tocava rebeção

sua Irmã D. Branca,

e dona Clara outro instrumento.

### **Decimas**

1

Clara sim, mas breve esphera  
ostenta em purpureas horas  
as mais breves trez auroras,  
que undoso o Tejo venera:  
Tantos rayos reverbera  
cada qual, quando amanhece,  
nas almas, à que apparece,  
que não foy muyto esta vez,  
que sendo as auroras trez,  
pela tarde amanhecesse.

2

Clara na brancura rara,  
e de candidezas rica,  
/163/ com ser Freyra Dominica

á julguey por Freyra Clara:  
tanta flor a flor da cara  
dada em tam varias maneyras,  
que entre as cinzas derradeyras  
jurou certa Mariposa  
as mais por Freyras da Rosa,  
Clara por rosa das Freyras.

3

Branca, se por varios modos  
ayrosa o arco conspira,  
inda que à todos atira,  
he Branca o branco de todos:  
mas deyxando outros apoddos  
dignos de tanto esplendor,  
vibrando o arco em rigor  
parece em trage finido  
Venus, que ensina á Cupido  
atirar settas de amor.

4

Maria a imitação  
por seu capricho escolheo  
ser Freyra branca no veo,  
ja que as mais no nome o saõ:  
/164/ e em tam candida uniaõ

cõ as duas Irmãas se enlaça,  
que jurada em taõ por Graça  
chove lhe a graça em maneyra,  
que sendo a Graça terceyra,  
naõ he terceyra na graça.

5

Entoando logo hum solo  
em consonancia jucunda  
prima, terceyra, e segunda  
a lyra formaõ de apollo:  
vaguey hum, e outro Põlo,  
mas foy deligencia vãa,  
porque a cara mais louçãa  
cotejando-a nas brancuras  
cõ as trez Irmãas formosuras,  
naõ vî formosura irmãa.

6

Vendo tam novos primores  
para em retrato adorar-vos,  
tratávam de retratar-vos  
estes meus versos pintores:  
e mettendo ja de cores  
essas vossas luzes puras  
/165/ em trez metricas pinturas,

ficaõ de muyto emendados  
meus versos os retratados,  
e naõ vossas formosuras.

## **Celebra**

o Poeta

o caso, que succedeo à huã Freyra  
do mesmo convento  
a quem outras Freyras travessas  
lhe molhãram o toucado,  
com que pertendia fallar à seu amante.

## **Decimas**

1

Pelo toucado clamais,  
e em confusaõ me metteis,  
porque se enxuto o quereis,  
como sobre mais suspiros dais,  
novos extremos fazendo,  
vay vosso damno crescendo,  
e he muy mal esperdiçado  
/166/ sobre a perda do toucado  
andar peluras perdendo.

2

Mas hum peyto lastimado,  
que tem em pouco essas sobras,  
dirá, pois chora por dobras,

que ó deyxem chorar dobrado:  
ditoso o vosso toucado  
nas lagrymas, que chorastes;  
pois tam bem desempenhastes  
as vezes, que vos ornou,  
que se athe aqui vos toucou,  
de perolas ó toucastes.

3

Por ventura, Nise, achais,  
que mais bella a touca estava  
ao tempo, que vos toucava,  
do que agora que á toucais?  
naõ vedes, naõ reparais,  
que aquelles vaõs ornamentos  
humedecidos, e lentos  
de aljofares derretidos,  
o que estaõ de muy caidos,  
isso tem de mais alentos?

/167/ [4]

Chorais com razaõ tam pouca,  
que estaõ todos murmurando,  
que andais as toucas lançando  
naõ mais que por huma touca:  
se por Silvio ides louca,



porque amante vos anhelle,  
e mais por vos se desvelle,  
vinde à grade destoucada,  
e verà, que de empenhada  
botais as toucas por elle.

5

Inundais as escarlatas  
a guiza de bella aurora,  
como se muy novo fora,  
que n'agua se banhem patas:  
se as Professas, ou Donatas,  
que as patas vos mergulháram,  
tanto a peça celebráram,  
zombay das suas invejas,  
naõ se gabem malfazejas,  
que de patas vos virávam.

/168/ **A D. Catherina**

Prelada, que foy  
no mosteyro de Odivellas,  
e agora Porteyra,  
pede o Poeta huma grade.

### **Soneto**

Para bem seja à Vossa Senhoria  
Ser da chave dourada dessa gloria,  
Que ha de dar-nos sem obra meritoria  
Por graça só da sua fidalguia.  
Se quando o cêo monastico regia,  
Deyxou de seu juizo tal memoria,  
Quanto mais, que o reger dará vangloria  
Estar abrindo a gloria cada dia.  
Qualquer alma, que à gloria se avisinha,  
Contente aceyta, alegre se accomóda  
Com toda a gloria não: c'uma casinha.  
Não dé Vossenhoria a gloria toda,  
Mas bem vé, que á crueldade se encaminha,  
Que, sendo Catherina, dê a roda.

**/169/ Repetio**

o Poeta

a mesma rogativa

depois de algum tempo.

**Soneto**

Minha Senhora Dona Catherina,

Posto que montão pouco os meus engoddos,

Agora os junto, e os engrazo todos,

Chamando a minha May minha Menina.

Já sabeis, que me faz fome canina

Lise, de cujos agradaveis modos

Naõ são para servir de seus apoddos

Os astros dessa esphera christalina.

Tratay de me fartar esta vontade

Em huma grade, como em huma boda,

Que he pouco em cada mez huma só grade;

Pois toda a May seus Filhos accomóda,

Adverti, que parece crueldade,

Que sendo Catherina deis a roda.

/170/ **No dia**

em que o Poeta empredeio  
galantear huã Freyra do mesmo convento  
se lhe pegou o fogo na cama,  
e indo apaga-lo, queymou huma maõ.

### **Soneto**

Hontem a amar-vos me dispuz, e logo  
Senti dentro de mim tam grande chama,  
Que vendo arder-me na amorosa flamma,  
Tocou Amor na vossa cella o fogo.  
Dormindo vos com todo o desafogo  
Ao som do repicar saltais da cama,  
E vendo ardeer huma alma, que vos ama,  
Movida da piedade, e naõ do rogo  
Fizestes applicar ao fogo a neve  
De huma maõ branca, que livrar-se entende  
Da chama, de quem foy despojo breve.  
Mas ay! que se na neve Amor se accende,  
Como de si esquecida a maõ se atreve  
A apagar, o que Amor na neve incende.

**/171/ Queyxa-se**  
huma Freyra  
daquella mesma casa,  
de que sendo vista huã vez do Poeta,  
se descuyda-se de à tornar a ver.

**Soneto.**

Quem a primeyra vez chegou a ver-vos,  
Nise, e logo se poz a contemplar-vos,  
Bem merece morrer por conversar-vos,  
E não póde viver sem merecer-vos.  
Não soube ver-vos bem, nem conhecer-vos  
Aquelle, que outra vez dezeja olhar-vos,  
Pois não cahio nos riscos de tratar-vos,  
Quem quer, que lhe queyrais por ja querer-vos.  
Essas luzes de amor ricas, e bellas  
Vê-las basta huma vez, para admirá-las,  
Que vêllas outra vez, será offendê-las,  
E se por resumî-las, e contá-las,  
Não se podem contar, Nise, as estrellas,  
Nem menos á memoria encomendá-las.

/172/ **A Huma**

Freyra,  
que na quella casa se lhe apresentou  
ricamente vestida,  
e com hum regallo de Martas.

**Soneto.**

De huma rustica pelle, que antes dera  
Á hum brutoomonte, fez regallo Armida.  
Por ser na fera agala conhecida,  
Como na condição ja dantes era.  
Menos que Armida ja se considera  
Ser a fera, pois perde a doce vida  
Por Armida cruel: e esta homicida  
Por vestir a fereza, despe a fera.  
Se era negra, e feroz por natureza,  
Com tal maõ animada a pelle goza  
De hum cordeyrinho a mansidaõ, e alvura.  
Oh que tal he de Armida a maõ formosa!  
Que faz perder as feras a fereza,  
E trocar-se a fealdade em formosura.

**/173/ As Religiosas**

da quelle mesmo convento  
que em huma festividade,  
que celebráram,  
lançáram a voar  
varios passarinhos.

**Decima**

Meninas, pois he verdade,  
naõ fallando por brinquinhos,  
que hoje aos vossos passarinhos  
se concede liberdade:  
fazey-me nisto a vontade  
de hum passarinho me dar,  
e naõ o deveis negar,  
que espero m'o concedais,  
pois he dia, em que deytais  
passarinhos a voar.

**/174/ A D. Martha**

de Christo

primeyra Abbadeça do Desterro  
galantea o Poéta obsequiosamente.

**Romance**

Illustrissima Abbadeça,  
generosa Dona Martha,  
que inda que nunca vos vi,  
vos conheço pela fama.  
Hum ludibrio da fortuna,  
epilogo de desgraças  
se offerece á vossos pés  
para beyjar-vos as plantas.  
E bem, que à tam breve pé  
sobra huma bocca tamanha,  
que mal me estavâ fazer-vos  
as adorações sobradas.  
Que dicera eu se vos vira  
a belleza dessa cara,  
dos corações doce enleyo,  
suave encanto das almas?



/175/ Mas ja que nunca vos vi,  
por não ter dita tam alta,  
a informaçaõ, que tirey,  
para dezejar-vos basta.

Vos sois, Senhora Abbadeça,  
fruyto de tam nobre planta,  
que se não nascereis vos,  
mal podéra outro imitá-la.

O que vos peço, he querer-vos,  
ou que me desseis palavra  
de consentir, que vos queyra,  
que he dom, que não custa nada.

Eu sou hum conimbricense  
nascido nestas montanhas,  
e sobre hum ovo chocado  
entre gema, e entre clara.

Servi à Amor muytos annos,  
e como sempre mal paga,  
tenho a alma sabichona  
ja de muyto escarmentada.

Naõ tenho medo de vos,  
que não sois das namoradas,  
dadas a muy pertendidas  
pelo meyo de falsarias.

/176/ Sois huma Freyra muy linda,  
bem nascida, e bem creada,  
e o gabo não vos assuste,  
que ninguem gorda vos chama.

A este pobre fradulario  
day qualquer favor por carta,  
porque no tardar do premio  
não perigue a esperança.

## **Queyxa-se**

o Poeta

das Fundadoras, que viveram em Evora,  
por não poder conseguir  
algum galanteyo na quella casa,  
e serem somente admittidos  
Frades Franciscanos.

## **Decimas**

Estamos na Christandade!  
Soffrer se ha isto em Argel,  
que hum convento tam novel  
deyxé hum leygo por hum Frade?  
/177/ que na roda, rallo, ou grade  
Frades de bom, e mao geyto  
comaõ merendas a heyto,  
e estejaõ a seu contento  
feytos papas do convento,  
porque andaõ cõ papo feyto!  
2  
Se engordar a fradaria  
á esta cidade as trouxeram,

melhor fora, que vieram  
sustentar a Infantaria:  
que importa, que cada dia  
façam obras, casas fundem,  
se os Fradinhos ás confundem  
por modo tam execrando,  
que quanto ellas vão fundando,  
tudo os Frades lhes refundem.

3

Pelo geyto, que isto leva,  
cuydaò, que em Evora estaõ,  
onde de Inverno, e Veraõ  
se poem os marrões de seva:  
nenhuma ja mais se atreva  
sub pena de excomunhaõ  
/178/ a sevar o seu marraõ,  
que se em tais calamidades  
me asseguraõ, que saõ Frades  
arto em sevá-los lhe irám.

4

Sirvaõ-se do secular,  
que ahi está o garbo, o aceyo,  
o primor, o galanteyo,  
a boa graça, o bom ar:

á este lhe haõ de fallar  
á grade, ao pateo, ao terreyro,  
que o secular todo he cheyro,  
e o Frade a muy limpo ser,  
sempre hade vir a feder  
ao cepo de hum Pasteleyro.

5

Em chegando a grade hum Frade  
sem mais carinho, nem graça  
o braço logo arregaça,  
e o trespaça pela grade:  
e he tal a qualidade  
de qualquer Frade faminto,  
que em hum atomo succinto  
se vê a Freyra coytada  
/179/ como hum figo a polegada,  
e molhada como hum pinto.

6

O secular entendido,  
encolhido, e misurado  
naõ pede de envergonhado,  
naõ toma de comedido:  
cortezmente de advertido,  
e de humilde cortezaõ

declara a sua affeyçãò,  
e como se aggravo fora,  
chama lhe sua senhora,  
chama lhe, e pede perdaõ.

7

Mas o Frade mal criado,  
o villaò, o malhadeyro  
nos modos he muy grosseyro,  
nos gostos muy depravado:  
brama, qual lobo esfaymado,  
porque a Freyra se destape,  
e quer, porque nada escape,  
levar logo a cousa ao cabo,  
e fede como o diabo  
ao budum do trapezape.

/180/ Portanto eu vos admoesto,  
que o mimo, o regallo, o doce  
o secular vo-lo almoce,  
que à hum Frade basta hum cabresto,  
toda a Freyra de bom gesto  
se entregue em toda a maneyra  
à hum leygo, que bem lhe queyra,  
e faltando ao que lhe pedem,  
praza a Deos, que se lhe azedem

os doces na cantareyra.

### **Repete**

a queyxa increpando as confianças  
de Fr. Thomaz d'Apresentaçãõ,  
que se intromettia sofregamente naquella casa,  
onde o Poeta ja tinha entrado com D. Marianna,  
Freyra, que blazonando suas esquivanças  
lhe havia dito, que se chamava Ortiga.

### **Decimas**

1

Nenhuma Freyra me quer  
de quantas tem o Desterro,  
/181/ porque todas saõ do ferro  
de Fr. Burro de Almister:  
que me dá do seu querer,  
se eu tambem nenhuma quero;  
mas o rostinho severo  
de soror Madama Ortiga,  
porque me hade dar fadiga,  
se tam rendido ó venero.

2

Que tem Freyrinhas tam bellas  
cõs pobres dos seculares,



que à todos lançaõ azares,  
e nunca a sorte cay nellas:  
deve de vir das estrellas  
de algum signo peçonhento,  
que abaxo do firmamento,  
onde jaz o Escorpião,  
lhos influe hum Fradalhaõ,  
que lhes domina o convento.

3

Alto: vou-me metter Frade  
na Ordem de Fr. Thomaz,  
serey perpetuo lambaz  
do ralo, da roda, e grade:  
/182/ inamerey paternidade,  
Deo gratias se me dará,  
e a penas se me ouvirá  
o estrondo do meu tamanco,  
quando a Freyra sobre o banco  
no ralo me aguardará.

4

Dahi para a grade iremos,  
e apenas terey entrado,  
quando o braço arregaçado  
a os officios nos poremos:

e quando nos não chegemos  
(porque ó não consentirá  
a grade, que longe está)  
o seu, e o meu coração,  
porque vá de mão em mão,  
irá na barca da pá.

5

Pela pá irá o meu zaz,  
e o seu pela pâ virá,  
e a força de tanta pá  
viviremos sempre em paz:  
serey o mayor mangaz,  
que passou de leygo à demo,  
/183/ e a Frade, que he môr extremo,  
e será por meu sojorno  
a pá para ella de forno,  
a pâ para mim de remo.

6

Entaõ me virá buscar  
a Senhora Dona Ortiga,  
Deo gratias, meu Fr. Fustiga,  
Deo gratias, sôr Rozalgar:  
entaõ me hey de pôr a olhar,  
e tam grave me hey de pôr,

que quando me diga Amor,  
esta he a Freyra, que dey,  
dir lhe hey, ja me purguy,  
e evacuey esse humor.

7

A fe Soror Marianna,  
que tanto me hey de vingar,  
que eu mesmo hey de perguntar  
pela Freyra soberana:  
e hade dizer vossa Mana  
(digo Soror Florencinha)  
Senhor doutor, esta he minha  
Irmãa, â quem vosse quiz,  
/184/ e hey de dizer lhe, mentiz,  
que esta he huma coytadinha.

8

Naõ sabeis, Soror Florença,  
naõ sabeis differençar  
hum Frade de hum Secular!  
pois he esta a differença:  
tendo o leygo a cappa immensa  
como homem racional  
nada lhe parece mal,  
toda a Freyra he huma flor:

mas em sendo Frey Fedor,  
a melhor he hum cardal.

## **A Mesma**

Freyra D. Marianna

pelo mesmo caso

de se haver appellidado Ortiga.

## **Quintilhas**

1

Como vos hey de abrandar,  
se dizeis, que sois Ortiga  
/185/ salvo se vos acoutar,  
porque entã heis de ficar  
mais branda que huma bexiga.

2

Outro remedio melhor  
sey eu para a formosura,  
que faz gala do rigor,  
e he não à querer, que amor  
se vé, que vos faz mais dura.

3

Mas se isto de não querer-vos,  
a dureza ha de abrandar-vos,  
sempre hey de vir a perder-vos,  
que o mesmo he morrer de ver-vos,

que morrer de não fallar-vos.

4

Com que a cura de meu mal  
he amar, callar, soffrer,  
que quando o mal he mortal,  
se à vida he prejudicial,  
será remedio o morrer.

5

Eu morro de vos querer,  
e tanto em morrer presisto,  
/186/ que podereis vos fazer,  
que não ficasse mal quisto  
o venturaõ de vos ver.

6

Pois sabida a minha morte,  
e a sua causa sabida,  
fugindo vos de corrida,  
todos terám por mâ sorte  
ver-vos, e perder a vida.

7

Mas eu, que do mal de amor  
faço tanta estimaçaõ,  
não hey de queyxa-me não  
de tam formoso rigor,

nem de tam bella affeyção.

8

antes morte tam luzida  
com tal gosto á ella corro,  
que tomo, minha homicida,  
que me torne dar a vida  
o prazer, com que me morro.

## **/Queyxa-se**

o Poeta a mesma Freyra  
de suas ingratidões desprimorosas:  
imitando a D. Thomaz de Noronha  
em hum soneto, que fez à certa Freyra,  
que principia =Soror Dona Barbata etc.

## **Soneto**

Senhora Marianna; em que vos pez,  
Haveis de me pagar por esta cruz,  
Porque nisto de cornos nunca os puz,  
E sey, que me puzestes mais de trez.  
Não sey, quem vos tentou, ou quem vos fez  
Cruel, que rigor tanto em vos produz,  
Pois com vosco não val, e em mim não luz  
Fé de Tudesco, e amor de Portuguez.  
Se contra vos algum delicto fiz,  
Que do vosso favor fóra me traz,  
Vos não podeis ser Parte, e mais Juiz.  
Não queyrais dar com tudo a trazbarraz,  
Nem vos façais de mim xarrisbarriz,  
que me armeis por diante, e por detraz.



**/188/ A Mesma**

Freyra

ja de todo moderada

de seus arrufos

e correspondendo amante

ao Poeta.

**Decima**

A bella composiçaõ  
dos dous nomes, que lograis,  
bem explica, o que cifrais  
nessa rara perfeiçaõ:  
porque sendo em conclusãõ  
por Maria Mar, e sendo  
Graça por Anna, já entendo,  
que quem logra a sorte ufana  
de estar vendo a Marianna  
hum mar de graça está vendo.

## **/189/ A Mesma**

Freyra

em occasiaõ, que o Poeta  
à ouvio cantar  
com aquella especial graça  
que para isso tinha.

## **Romance**

Oh quem de huma Aguia elevada  
tivera huma penna! eu creyo,  
que só entãõ com fortuna  
descrevéra a sol tam bello.

Porem se tenho de Phenix  
as pennas dentro em meu peyto  
pelo abrazado, em que vivo,  
sejaõ chamas, quanto escrevo.

Mas naõ: sejaõ lavaredas  
a vista desse luzeyro,  
que a vista de sol tam claro  
escurece hum vivo incendio.

Com tudo se o desafogo  
se permite à todo o peyto,

/190/ por não, estallar esta alma,  
coração, desabafemos.

Com vosco fallo, oh Senhora,  
de minhas atenções centro,  
que a voz de hum valle humilhado  
tambem chega ao monte excelso.

Recebey o sacrificio  
de hum profundo rendimento,  
que as Deidades soberanas  
aceytaõ toscos obsequios.

Naõ culpeis esta ousadia,  
nem crimineis tanto excesso  
que o destino de alta estrella  
me influe hum amante excesso.

Vi esse pasmo, que adoro,  
ouvi a voz, que venero,  
de ver fiquey sem sentido,  
e de ouvir sem pensamentos.

Por ouvir fico elevado,  
e por ver fico suspenso,  
se o ver me predeo o corpo,  
o ouvir a alma me tem prezo.

Hum pasmo de formosura  
do corpo he somente enleyo,

/191/ e a voz mais doce, e canora  
he so d'alma firme emprêgo.

Mas ser cantora suave,  
e ser gentil com portento  
he ser labyrintho, e pasmo  
d'alma, e corpo ao mesmo tempo.

Porem se em laços tam doces  
for eterno prisioneyro,  
naõ terám premio mais alto  
meus firmissimos intentos.

No nome sois mar de graça,  
de prendas sois mar immenso,  
naõ permittais, que naufrague  
meu amor sem ter remedio.

Concedey-me hum mar bonança,  
porto seguro, e sereno,  
que a esperança de servir-vos  
he ancora de querer-vos.

Na firmeza sou penhasco,  
mas prompto à qualquer aceno,  
por isso às ondas mais brandas  
desse mar serey ligeyro.

O vento do vosso agrado  
sopra sobre mim preceytos,

/192/ serey baxel, que obediente  
vôe como hum pensamento.

Seguirey o vosso norte,  
e por navegar direyto,  
so esse sol seja o astro,  
que eu observe com empenho.

Naõ haverá tempestade,  
por brabo que sopra o vento,  
que obrigue a mudar de rumo,  
quando em vosso mar navego.

Venhaõ pois de vossas luzes  
os mais brilhantes reflexos,  
porque possa encher a altura  
da viagem dos affectos.

Manday, que a vossa presença  
chegar possa a salvamento,  
pois ao mar dessas ternuras  
com vento em popa navego.

## **/193/ A Mesma**

Freyra

mandando lhe hum presente de doces.

### **Decimas**

1

Hum doce, que alimpa a toce,  
cousa muyto grande era,  
se eu não trocára, e podera  
a doçura pelo doce:  
se quizera Amor, que eu fosse  
tam digno, e tal me fizera,  
que juntos vos merecéra  
hora o doce, a doçura hora,  
maldita a minha alma fora,  
se tudo vos não coméra.

2

Mas ha grande distincão,  
e discrimen temerario  
entre os doces de hum almario,  
e as doçuras de huma mão:  
e quem he tam sabichaõ  
destro no re mi fa sol

/194/ mal póde errar em seu prol,  
quando sabe, que a doçura  
se se come, he por natura,  
e os mais doces por b mol.

3

O que em fim venho a dizer,  
he, que se â minha ventura  
negais comer da doçura,  
doces não hey de comer:  
não hey de troca fazer,  
mais que a palos me moais,  
e se commigo apertais,  
que os vossos doces almoce,  
he fazer-me a bocca doce,  
quando a mim he por demais.

4

Trocay o doce em favor,  
e curay meu mal tam grave  
cõ aquella ambrozia suave,  
com que foy creado o Amor:  
o nectar será melhor,  
que destillaõ vossas flores,  
que se tam secos favores  
saõ de amor effeytos pecos,

/195/ tam maos são amores secos,  
como são secos amores.



## **Ao Mesmo**

Assumpto.

### **Soneto.**

Senhora minha: se de tais clausuras  
Tantos doces mandais à huma formiga,  
Que esperais vos agora, que vos diga,  
Se não forem muchissimas doçuras.  
Eu esperey de amor outras venturas:  
Mas eylo vay, tudo o que he de amor, obriga,  
Ou ja seja favor, ou huma figa,  
Da vossa mão são tudo ambrozias puras.  
O vosso doce à todos diz, comey-me,  
De cheyroso, perfeyto, e aceado,  
E eu por gosto lhe dar, comi, e fartey-me.  
Em este se acabando, irá recado,  
E se vos parecer glotaõ, soffrey-me,  
Em quando vos não peço outro bocado.

**/196/ A Outra**

Freyra

que estanhou ao Poeta satyrizar  
ao Pe. Damaso da Sylva,  
dizendo lhe que era hum clerigo tam benemerito,  
que ja ella tinha emprenhado, e parido delle.

**Soneto.**

Confessa sör Madama de Jesus,  
Que tal ficou de hum tal xesmeninez,  
Que indo-se os mezes, e chegando o mez,  
Paríra em fim de hum conego Abestruz.  
Diz, que hum xisgaraviz deytára à luz  
Morgado de hum Presbitero montez,  
Cara frizona, garras de Irlandez  
Com bocca de coqueyro de alcatruz.  
Dou, que nascesse o tal xisgaraviz,  
Que ó parisse huma Freyra: vade in paz,  
Mas que ó gerasse o senhor Padre! arroz  
Verdade pois o coração me diz,  
Que o Filho foy sem duvida algum traz,  
Para as barbas do Pay, onde se poz.

## **/197/ A Huma**

Freyra,  
que impedio a outra  
mandar hum vermelho ao Poeta de presente,  
dizendo, que à havia satyrizar.

### **Decimas**

1

Oh vos, quem quer que sejais,  
que nem o nome vos sey,  
Freyra, a quem nunca falley,  
e tam mal de mim fallais:  
porque à fome me matais,  
sem vos dar motivo algum!  
pois querendo mandar-me hum  
vermelho huma Freyra guapa,  
vos me destes sem ser papa  
esse dia de jejum.

2

Naõ quizestes por fiosa,  
que se me mandasse o peyxe,  
formando para isso hum feyxe  
de razões de bem má o proza:

/198/ a Freyrinha era medrosa,  
e vos, que o peyxe intentastes  
livrar de tantos contrastes,  
de satyro me arguistes,  
e satyrica naõ vistes,  
que entaõ me satyrizastes.

3

Sendo o conselho tam toscó,  
tam bem a Freyra ò tomou,  
que o peyxe me naõ mandou,  
por naõ se espinhar com vosco:  
com migo, e minha Thalia?  
e se o peyxe vos dohia,  
em que eu agora me escaldo,  
se o fazieis pelo caldo,  
o caldo eu volo daria.

4

Oh: faz à hum cuspir no chaõ  
huma satyra o Doutor:  
satyriza hum Pica flor,  
quanto mais à hum peyxarraõ:  
homem de tal condiçaõ  
naõ se lhe dá de comer,  
/199/ e tem pouco que entender,

que o Doutor ja fraco, e velho  
se hade comer o vermelho  
por força ó hade morder.

5

Pois déstes tam mao conselho,  
rogo ao demo, que vos tome,  
por deyxar morrer a fome  
hum pobre faminto velho:  
rogo ao demo, que ao seu relho  
vos prenda com força tanta,  
que nunca arredeis a planta,  
e que a espinha muyta, ou pouca,  
que me tirastes da bocca,  
se vos crave na garganta.

6

Assim como isto he verdade,  
que pelo vosso conselho  
perdi eu o meu vermelho,  
percais vos a virgindade:  
que vola arrebate hum frade;  
mas isto que praga he?  
praza ao demo, que hum cobe  
vos plante tal mangará,  
/200/ que parais hum Payayá

mais negro do que hum Guiné.

## **A Outra**

Freyra

da mesma casa,

que satyrizando a delgada fisionomia

do Poeta

lhe chamou Pica flor.

## **Decima**

Se Pica flor me chamais,

Pica flor aceyto ser,

mas resta agora saber,

se no nome, que me dais,

metteis a flor, que guardais

no passarinho melhor?

Se me dais este favor

sendo so de mim o Pica,

e o mais vosso, claro fica,

que fico entãõ Pica flor.

**/201/ A Certa**

Freyra

deste mesmo convento  
que em dia de todos os Santos  
mandou a seu amante  
graciosamente por Pam por Deos  
hum cará.

**Decimas**

1

No dia, em que a Igreja dá  
pam por Deos à christandade,  
tenho por mã caridade  
dares vos, Freyra, hum cará:  
se foy remoque, oxalá,  
que vos dem a mesma esmolla,  
que não há mulher tam tolla,  
que por mais honesta, e grave  
naò queyra levar o cabe,  
se poz descoberta a bolla.

2

/202/ Descobristes a intenção,



e o dezejo revelastes,  
quando o cará encayxastes,  
 quem vos pedia o pam:  
como quem diz: meu Irmaõ,  
se quem toma, se obrigou  
a pagar, o que tomou,  
vos obrigado a pagar-me,  
ficais ensinado a dar-me  
o cará, que vos eu dou.

3

Levado desta sequella  
promette o mancebo já  
de dar-vos o seu cará,  
porque fique ella por ella:  
se consiste a vossa estrella  
em dar, o que heis de tomar,  
car n hade de faltar,  
porque o Moço n repara  
em levar a copia, para  
o original vos tornar.

4

/203/ Se assim for, que assim será,  
fareis hum negocio raro,  
porque hum car n he caro

se por hum outro se dá:  
e pois o quer pagar ja  
sem detença, e com cuydado,  
se ó quereis ver bem pagado,  
hade ser com tal partido,  
que por hum cará cosido  
leveis o meu, que anda assado.

5

Vos pois me haveis de dizer  
(assentado este negocio)  
se quereis fazer socrocio,  
porque com migo hade ser:  
de cará heis de coser  
huma boa caldeyrada,  
e de toda esta taxada  
tal conserva heis de tomar,  
que vos venhais a pagar  
do cará cõ a caralhada.

**/204/ A Outra**

Freyra  
que mandou ao Poeta  
hum chourico de sangue.

**Decimas**

1

Conta-se pelos corrilhos  
que o Pellicano as titellas  
sustenta como murcellas  
a puro sangue a seus filhos:  
vos, Dona Fabia Carrilhos,  
se bem cuydo, e não me engano,  
deveis de ser Pellicano,  
que enchestes este chouriço  
com o sangue alagadiço  
desse passaro magano.

2

Com que este chouriço gordo,  
tem gordo, e especiado  
hum filho vosso he criado  
cõ sangue do vosso tordo:  
porem tomou mao acordo,  
/205/ quem quer que ó empapelou,

e à dar-mo vos obrigou,  
pois não tem caminho em fim,  
mandares-me o filho à mim,  
que outro Pay vos encayxou.

3

O que me dita o toutiço,  
he, que o payo se medio,  
e por onde este sahio,  
póde entrar qualquer chouriço:  
dizeis, que vos não dá disso,  
e eu creyo, se vos não dá,  
mas alguem volo dará,  
e que fora o meu quizera,  
porque se fartára, e enchera  
do sangue, que vay por lá.

4

Comi o chouriço cosido  
com socego, e sem empenho,  
porque outro chouriço tenho  
para pagar o comido:  
vos tendes melhor partido,  
mais liberal, e mais franco,  
pois como em real estanco  
/206/ tal seguro vos prometto,

que por hum chouriço preto  
heis de levar o meu branco.

5

Sobre vos aventejar  
nas cores desta trocada,  
vos destes-me huma talhada,  
e eu todo vo lo hey de dar:  
se cuydais de m' o cortar,  
elle he duro de maneyra,  
que a faca mais cortadeyra  
naõ fará cousa, que importa,  
que o meu chouriço ó naõ corta,  
salvo hum remoque de Freyra

6

Eu ó dou por bem cortado  
deste primeyro remoque,  
que ao vosso mais leve toque  
fique de todo esgottado:  
entaõ o vosso cuydado  
vendo, que tanto me emborco,  
e inda assim vos naõ emporco,  
terá por cousa do Olimpo,  
que a tripa de hum homem limpo  
/207/ se dê por tripa de porco.

7

Muyto me soube a talhada  
do chouriço inda que preto,  
e a ser todo vos prometto,  
que a cea fora dobrada:  
mas fora mais acertada  
cousa, e de menos trabalho,  
que dando vos nisto hum talho,  
huma linguiça von cangue,  
que o chouriço coalha o sangue,  
e a linguiva leva o alho.

8

Eu sou tam bom conselheyro,  
que heis de escolher o que digo,  
porque quem falla com migo,  
escolhe em hum taboleyro:  
se vos for mais lizongeyro  
o chouriço, que a linguiça  
dou gosto, e faço justiça:  
mas bem sabe, quem se abroxa,  
que o chouriço a bocca atoxa,  
e a linguiça o fogo atiça.

## **/208/ A Humas**

Freyras  
que mandáram perguntar  
por ociosidade ao Poeta  
a definição do Priapo  
e elle lhes mandou didinido, e explicado  
nestas

## **Decimas**

1

Eylo vay desenfeyado,  
que quebrou na briga o freyo,  
todo vay de sangue cheyo,  
todo vay ensanguentado:  
metteo-se na briga armado,  
como quem nada recea,  
foy dar hum golpe na vea,  
deo outro tam bem em si,  
bem merece estar assi,  
quem se mette em casa alheya.

2

Inda que pareça nova,  
Senhora, a comparaçãõ,  
/209/ he semelhante ao Furaõ,

que entra sem temre a cova,  
quer faça calma, que chova,  
nunca recêa as estradas,  
mas antes se estaõ tapadas,  
para as poder penetrar,  
começa de pellejar  
como porco as focinhadas.

3

Este lampreaõ com talo,  
que tudo come sem nojo,  
tem pezos como relojõ,  
tambem serve de badallo:  
tem freyo como cavallo,  
e como frade capello,  
he cousa engraçada ve-lo  
hora curto, hora comprido,  
anda de pelles vestido  
curtidas ja sem cabelo.

4

Quem seu preço não entende,  
não dará por elle nada,  
he como cobra enroscada,  
que em aquecendo se estende:  
/210/ he cirio, quando se accende,



he relógio, que não mente,  
he pepino de semente,  
tem cano como funil,  
he pão para tamboril,  
bate os couros lindamente.

5

He grande mergulhador,  
e já mais perdeu o nado,  
antes quando mergulhado  
sente então gosto maior:  
traz cascaveis como Assor,  
e como tal se mantem  
de carne crua também,  
e estando sempre a comer,  
ninguém lhe ouvirá dizer,  
esta carne falta tem.

6

Se se agasta, quebra as trellas  
como leão asanhado,  
tendo hum só olho, e vazado,  
tudo acerta as palpadellas:  
amassa tendo gamellas  
doze vezes sem cançar,  
/211/ e traz já para amassar

as costas tam bem dispostas,  
que traz involto nas costas  
fermento de levedar.

7

Tanto tem de mais valia,  
quanto tem de tezo, e relho,  
he semelhante ao coelho,  
que somente em cova cria:  
quer de noyte, quer de dia  
se tem pasto, sempre come,  
o comer lhe accende a fome,  
mas as vezes de cançado  
de prazer entirissado  
dentro em si se esconde, e some.

8

Está sempre soluçando  
como triste solitario,  
mas se avista seu contrario,  
fica como o barco arfando:  
quer fique duro, quer brando,  
tem tal natureza, e casta,  
que no instante, em que se agasta,  
(qual galgo, que à lebre vê)  
/212/ dê com tanta força, que,

os que tem prezos, arrasta.

9

Tem huma continua fome,  
e sempre para comer  
está prompto, e he de crer,  
que em qualquer das horas come:  
traz por geração seu nome,  
que por fim hey de explicar,  
e tambem posso affirmar,  
que sendo tam esfaymado,  
dá leyte como hum damnado,  
à quem ó quer ordinhar.

10

He da condiação do Ouriço,  
que quando lhe tocaò, se arma,  
ergue-se em tocando al arma,  
como cavallo castiço:  
he mais longo, que roliço,  
de condiação muy travessa,  
direy, porque naò me esqueça,  
que he criado nas cavernas,  
e que somente entre as pernas  
gosta de ter a cabeça.

/213/ [11]

He bem feyto pelas costas,  
que parece huma banana,  
com que as mulheres engana  
trazendo-as bem descompostas:  
nem boas, nem más respostas  
lhe ouvirám dizer ja mais,  
porem causa effeytos tais,  
que quem exprimenta, os sabe,  
quando na lingua não cabe  
a conta dos seus signaes.

12

He pincel, que cem mil vezes  
mais que os outros pinceis val,  
porque dura sampre a cal,  
com que caya, nove mezes:  
este faz haver Menezes,  
almadas, e Vasconcellos,  
Rochas, Farias, e Tellos,  
Colelhos, Britos, Pereyras,  
Souzas, e Castros, e Meyras,  
Lancastros, coutinhos, Mellos.

13

Este, Senhora, a quem sigo,  
de tam raras condições,

/214/ é Caralho de Culhões  
das mulheres muyto amigo:  
se o tomais na mão, vos digo,  
que haveis de acha-lo sisudo,  
mas sorombatico, e mudo,  
sem que vos diga, o que quer,  
vos haveis de offerecer  
à seu serviço contudo.

ANTECEDE A ESTE ARQUIVO  
O QUE TEM POR TÍTULO

# FREYRAS

/215/

## DESCRIÇÕES

**Descreve**

o Poeta

huma jornada,

que fez ao Rio Vermelho

com huns amigos,

e todos os acontecimentos.

**Decimas**

1

Amanheceo finalmente

o domingo da jornada

cõ a mais feya madrugada,

que vio nunca o Oriente:

bufava o sul de valente,

de soberbo o mar roncava,  
ninguem a briga apartava,  
e eu perplexo, mudo, e quedo  
entre valor, e entre medo  
en salgo, y no salgo estava.

/216/ Resolvi-me, e levantey-me,  
posto que o quente da cama  
com Gonçalo, e com sua ama  
dizendo estava, comey-me:  
vesti-me, e aderecey-me:  
batem os pays de ganhar,  
mandey lhes abrir, e entrar;  
estava a rede à parede,  
e em pondo o vulto na rede,  
comecey de caminhar.

3

Cheguey a Sam Pedro, e em vaõ  
busquey os mais companheyros,  
que devendo ir os primeyros,  
naõ tinhaõ ido athe entaõ:  
entrey na imaginaçaõ  
de se acaso me enganassem,  
e acaso as bestas faltassem,  
que havia eu de fazer,

e foy facil resolver,  
que por bestas lá ficassem.

4

Assim o crî, e era assim,  
pois a pouco espaço andado  
/217/ veyo o Jardim esbofado  
mais rosado, que hum jardim:  
naõ vem mais outro rucim?  
lhe perguntey com desdem:  
elle respondeo, naõ vem;  
estive aguando os canteyros,  
e naõ acho os companheyros,  
pois naò me cheyra isto bem.

5

Isto dito, assoma o Freytas,  
e eu dice entre duvidoso,  
o Gil he-me bellicoso  
mas tem cara de maleytas:  
chegou, e as minhas suspeytas  
veyo tanto a confirmar,  
que dice, que o seu tardar  
fora causado, e nascido  
de o rucim lhe haver fugido,  
indo ao Tororó parar.



6

Quem deo tam ruim conselho  
(dice eu) à esse catrapóo,  
pois quer ir ao Tororó,  
antes que ao Rio Vermelho?  
/218/ mas hum cavallo tam velho,  
que ja por cerrado perde,  
que muyto, que se desherde  
do vermelho, e seus primores,  
se deyxá todas as cores  
hum cavallo pelo verde.

7

Que he do Gil? não apparece.  
E o Guedes? fica sem besta.  
Eya pois vamonos desta,  
que o sol trepa, e a calma cresce;  
quem não apparece, esquece;  
vamono nos em conclusãõ;  
com que eu na rede hum casiaõ,  
e os dous nas duas cavallas  
faziamos duas alas,  
e as alas meyo esquadraõ.

8

Assim fomos caminhando

sobre os dous cavallos asquas  
alegres como huãs pascuas,  
hora rindo, hora zombando:  
eu que estava perguntando  
pela violla, ou rabil,  
/219/ quando ouvimos bradar Gil,  
que recostado a guitarra  
garganteava a bandarra  
se trilhas de mil em mil.

9

O lâ, ou! chegue o Tudesco:  
e ja elle entre nos vinha  
posto sobre huma tainha,  
feyto Ariaõ ao burlesco:  
rio-se bem, fallou-se fresco,  
e eu da violla empossado  
cantava como hum quebrado,  
tangia como hum criollo,  
conversava como hum tollo,  
e ria como hum damnado.

10

Apertamos logo o trote,  
e em breve fomos chegados,  
onde eramos esperados

pelo ilustre Dom Mingote:  
ali o nosso Sacerdote,  
vendo a nova arquitetura  
da casa da Virgem pura,  
se apeou por venerá-la,  
/220/ os mais puzeram-se em ala,  
passey eu, e houve mizra.

11

Tornamos a cavalgar,  
e vendo tam pouco siso  
tomou o dia tal riso,  
que se poz a escangalhar:  
parou tudo em choviscar,  
e os malditos cavalleyros  
picávam tanto os sendeyros,  
que eu mesmo naò entendia,  
que sendo cavallaria,  
fugissem como piqueyros.

12

Eu fiquey com minha magua  
solitario, e abrazado,  
dando-me pouco cuydado,  
que a rede nadasse em agua:  
por seu officio se enchagua

toda a rede nagua clara,  
e se esta se não molhára,  
com aballo, ou sem aballo  
nem eu vira a Sam Gonçallo,  
nem tambem jantar pescára.

/221/ [13]

Orvalhado hum tanto, ou quanto  
o santo me agazalhou,  
e logo a chuva passou,  
que foy milagre do santo:  
tratava-se no entre tanto  
da missa, e estando esperando,  
ali vieram chegando  
duas bellezas ranhosas,  
sempre á vista bexigosas,  
e feyas de quando em quando.

14

Para a missa do santinho  
muy pouco vinho se achou,  
e elle fez, que inda sobrou,  
porque he milagroso em vinho:  
tomamos da li o caminho  
para o porto das jangadas  
ver as casas afamadas

do nosso Domingos Borges,  
que sem levar-mos alforjes  
nos poz as panças inchadas.

15

O gil, que he tam folgazão  
/222/ se foy ao pasto folgar,  
e se outra cousa hade achar,  
achou hum camaleão:  
lançou lhe intrepido a mão,  
e com pulsos tam violentos  
cortou ao bruto os alentos,  
que de pondo o bruto a ira  
dice, que depois que ó vira,  
pelo Gil bebia os ventos.

16

Deo-nos gosto, e prazer arto  
hum caçador tam gentil,  
porque vimos, que era o Gil  
mais lagarto, que o lagarto:  
e assim como estava farto  
de vento o camaleão,  
Geil assim de presunção  
tam inchado estava, e duro,  
que foy força dar lhe hum furo

para ter evacuaçãõ

17

Sopas de eyte almoçamos,  
e logo o Guedes chegou,  
/223/ que nem pam, nem leyte achou,  
e achou, que ó apregoamos:  
mas todos depois jantamos  
huma olha imperial,  
e houve repolho fatal  
ensopado, e naõ de azeyte  
com pratos de arroz de leyte,  
e vontade garrafal.

18

Ja levantados da meza  
se quiz cantar, senaõ quando  
a pança me estava impando  
a guella intupida, e preza:  
eu tenho esta natureza,  
que depois de mandu ar  
naõ me he possivel piar:  
será, porque certamente  
pança farta, e pé dormente,  
como he adagio vulgar.

19

Sestiamos<sup>2</sup> no areal,  
onde o mar por mazumbaya  
/224/ refrescando estava a parya  
com burrifos de christal:  
a onda pyramidal,  
que nos ares se desata,  
descaindo em graõs de nata  
pedia por bom conselho,  
que em vez de Rio Vermelo  
lhe chamem Rio daprata.

20

O Sol vinha ja descendo  
por grãos, ou degrãos do céu,  
e à todos nos pareceo  
o irmonos acolhendo:  
foram-se os rucins prendendo,  
e sellados, e enfreyados,  
a lon dicemos a brados  
ja postos nos cavallinhos,  
e alvorçoando os caminhos  
chegando, fomos chegados.

---

<sup>2</sup> Nota à margem esquerda: “dormir a sesta”.

## **/225/ Segunda**

função  
que teve com alguns sugeytos  
na roça de hum amigo  
junto ao Dique,  
onde tam bem se achou  
o celebrado Alferes Themudo,  
e seu Irmaõ  
o Doutor Pedro de Mattos,  
que entã andava molesto de sarnas.

## **Decimas**

1

Fez-se a segunda jornada  
da comedia, ou comedia,  
que inda nos deo melhor dia,  
do que a jornada passada:  
vimos a mesma selada,  
e de vinho a mesma copia,  
de ovos mayor cornucopia  
que a de Amalthea florida,  
e sendo a mesma comida,  
com tudo naõ era a propria.



/226/ Ja Pedro esperava adrede  
da culatra tam sarnento,  
que em balaçando-se ao vendo  
era hum Casiaõ em rede:  
versos a materia pede,  
me dice a sua lazeria,  
e se os faço com mizeria,  
naò se espante, quem os lé,  
de que tanta sarna dê,  
(se he podre) tanta materia.

3

Cantou-se galhardamente  
tais solos, que eu dice, ô  
que canta o passaro só,  
e os mais gritaõ na semente:  
tocou-se hum som excellente,  
que arromba lhe vî chamar,  
sahio Themudo a baylar,  
e Pedro, que he folgazaõ  
baylou com pê, e com maõ,  
e o cû sempre n'um lugar.

4

Pasmey eu da habilidade  
tam nova, e tam elegante,

/227/ porque o cú sempre he dançante  
nos bayles desta cidade:  
mas em tal calamidade  
tinha Pedro o cú sarnudo,  
que dando de olho ao Themudo  
dice pelo socarrão,  
assim tivera o cú saõ,  
como tenho o cû sisudo.

5

Poz-se a mesa, e escabellos,  
foram seguindo-se os pratos,  
que eram tanto à vista gratos,  
como ao gasnate eram bellos:  
Pedro se poz a lambê-los,  
e dando-se a Berzabú  
de não beber co Julú  
o licor, que ó intorpeça,  
porque o que dá na cabeça,  
temeo, leh desse no cú.

6

Naõ quiz o cú inflamár,  
por isso bebeo só agua,  
do que nos com grande magua  
nos puzemos a chorar:

/228/ este sim teve hum folgar  
de tanto gosto, e alinho,  
de que eu colho, e esquadrinho  
a exemplo da vida breve,  
que quem rindo o vinho bebe,  
chorando desbebe o vinho.

## **Descreve**

a caçada

que fizeram com elle seus amigos

na villa de S. Francisco

à huma porca reberde.

## **Decimas**

1

Amanheceo quarta feyra  
com face serena, ayrosa  
o famoso Andre Barboza  
honra da nossa fileyra:  
por huma, e outra ladeyra  
desde a marinha athe a praça  
nos bateo com tanta graça,  
que com razões admirandas  
/229/nos tioru dentre as olandas  
para levar-nos à caça.

2

O lindo Avonço Barboza,  
que dos nobres Francas he,  
por filho do dito André  
rama illustre, e generosa:

ha da campanha frondosa  
os mattos mais escondidos  
alvoroçava a latidos,  
quando nos de mal armados  
a vista delle asuntados  
nos vimos todos corridos.

3

Rasgou hum porco da serra,  
e foy tal a confusão,  
que em sua comparaçã  
menino de mama he a guerra:  
depois de correr a terra,  
e de ter os caens cançados  
compassos desalentados  
à nossa estancia vieram,  
onde casos succederam  
ja mais vistos, nem contados.

/230/ Estava eu de huma grimpa  
vendo a caça por extenso,  
naõ à fez limpa Lourenço,  
e so a porca à fez limpa:  
porque como tudo alimpa  
de caens, e toda a mais gente,  
Lourenço intrepidamente

se poz, e ao primeyro emborco  
maõ por maõ aos pés do porco  
veyo a cair çujamente.

5

Tanto que a fera investio,  
tentado de valentaõ  
armou-se lhe a tentaçãõ,  
e na tentaçãõ cahio:  
a espada tambem se vio  
cair na estrada, ou na rua,  
e foy sentença cõmua,  
que nesta tragedia rara  
a espada se envergonhára  
de ver-se entre os homens nua.

6

Lourenço ficou mamado,  
e inda naõ tem descidido  
/231/ se está peyor por ferido  
da parca, se por beyjado:  
má porca te beyje = he fado  
muyto mao de se passar,  
e quem tal lhe foy rogar,  
foy com traça tam subtil,  
que a porca entre Adonis mil

só Lourenço quiz beyjar.

7

Lourenço na terra jaz,  
e conhecendo o perigo  
deo à porca maõ de amigo,  
como quem se punha em paz:  
a porca, que he contumaz,  
e estava enfadada delle,  
nenhuma paz quiz com elle,  
mas botando lhe huma ronca  
por milagre ó naõ destronca,  
e inda assim chegou lhe à pelle.

8

Hia Ignacio na quadrilha,  
e tam de Adonis brazona,  
que diz, que a porca fanchona  
ó investio, pela barguilha:  
/232/ virou-lhe de sorte a quilha,  
que cuydey, que ó naugragava:  
porem tantos gritos dava,  
que infeliz piloto em charco  
a vara botava o barco,  
quando o porco a lanceava

9

Ignacio nestes baldões  
teve tanto medo, e tal,  
que aos narizes deo signal  
do mao cheyro dos calções:  
trouxe na meya huns pontões  
tam grandes, e em tal maneyra,  
que à guerra haõ de ir pro bandeyra,  
onde por armas lhe daõ  
em escudo lamaraõ  
huma porca custureyra.

10

Miguel de Oliveyra hia  
com dianteyra alentada,  
de porcos era a caçada,  
e o que fez, foy porcaria:  
quando o bruto o investia,  
elle com pé diligente  
/233/ se afastava em continente,  
com que ó julguey desta vez  
por muy ligeyro de pés,  
e de maõs por muy prudente.

11

Pissarro sobre hum penedo



vendo a batalha bizarra  
era Pissarro em pissarra,  
que val medo sobre medo:  
nunca vi homem tam quedo  
em batalha tam campal;  
porem como he figadal  
amigo, hey de desculpá-lo,  
com que nunca fez aballo  
do seu posto hum general.

12

Frey Manuel me espantou,  
que o demo ó hia tentando,  
mas vi, que a espada tomando  
logo se desattentou:  
em continente à largou,  
porque soube ponderar,  
que ficava irregular  
matando o animal na tolla,  
/234/ de que so o Mestre Escolla  
ó podia dispensar.

13

O vigario se houve aqui  
c'uma tramoya aparente,  
pois fingio ter dor de dente,

temendo os do Javali:  
porem folga, zomba, e ri  
ouvindo o successo raro;  
e dando lhe hum quarto em claro  
os amigos confidentes,  
a fe, que teve elle dentes  
para comer do Javaro.

14

Cosme de Moura esta vez  
botou as chinellas fora,  
como se ver à Deos fora  
sobre a çarça de Moysés:  
tudo vio, e nada fez,  
tudo conta, e escarnece,  
com que mais o prazer cresce,  
quando o remédo interpreta  
Lourenço, a quem fez Poeta  
hum amor, que ó encoudece.

/235/ [15]

O Silvestre neste dia  
ficou mettido n'um nicho,  
porque como a porca he bicho,  
cuydou, que sapo seria:  
mas agora quando ouvia

o desar dos derrubados,  
mostrava os bofes lavados  
de puras risadas morto,  
porque sempre vi, que hum torto  
gosta de ver corcovados.

16

Bento, que tudo derriba,  
qual valentaõ sem receyo,  
pondo agora o mar em meyo,  
fugio para a Cajaiba:  
naõ quiz arriscar a giba  
nos afilhados comilhos  
de Javáros tam novilhos,  
e se o deyxá de fazer  
por ter filhos, e mulher,  
que maõ he dar caça aos filhos?

17

eu, e o Moraes as corridas  
por outra via tomamos,  
/236/ e quando ao porco chegamos,  
foy ao atar das feridas:  
cõ as mentiras referidas  
de huma, e outra arma donzella  
se nos deo a taramella;

nos callando, só dicemos,  
se em taverna naò bebemos,  
ao menos folgamos nella.

## **Descreve**

o perigo

em que ó poz na Ilha da M<sup>e</sup> de Deos,

huma vacca furiosa

chamada Camisa,

indo divertir-se ao campo

com hum Irmaõ do Vigario

## **Decimas**

1

Tem Lourenço boa ataca;

fomos tourear ao pasto,

e depois de tanto gasto

o tourinho era huma vacca

/237/ Lourenço na sombra opacca

de hum pé de limões grosseyro,

eis a vacca pelo cheyro

deo com elle, e elle entaõ

por naõ morrer na prizaõ

arrombou o limoeyro.

2

Tomou da praya o retorno

porque o morrer melhor he

na reponta da maré,  
do que na ponta de hum corno:  
eu com notavel sojorno,  
n'uma capoeyra estava,  
vendo, em que o caso parava,  
e a vacca com seu focinho  
me tratou como a ratinho,  
pois qual gatto me miava.

3

Temi logo a malquerenca  
de vacca tam marralheyra,  
e o medo me deo em reyra,  
que he melhor do que em corrença:  
rompi pela mata densa,  
e dey com meu involtorio  
/238/ de hum valle no territorio,  
tomando por meu socego,  
naò las de villa Diego,  
mas as de villa Gregorio.

4

Sobi n'um monte comprido,  
que do valle he Polifemo,  
que quando huma vacca temo,  
subo mais do que hum valido:

vim à casa espavorido,  
achey Lourenço pasmado,  
mudo, e desasizado,  
e eu dice: se escapo, vaya,  
que quem fugio pela praya,  
força he, que esteja areado.

5

Deo-se nos grande matraca,  
e com ser dia de peyxe,  
sem que a consciencia se queyxe,  
todos gostamos da vacca:  
o Padre aguçou a faca,  
e affeyçoou hum bordaõ,  
e tais ralhos dice entañ,  
que me convidou em fim  
/239/ para diante de mim  
dar na vacca hum bofetaõ.

6

Mas eu naõ torney ao matto,  
e ao Padre, que me chamava,  
respondi, que naõ gostava  
de vacca, senañ no prato:  
e terey por insensato,  
a quem com páo, ou com faca

brigar com res tam velhaca,  
à quem razão não convence,  
nem terá premio, quem vence  
hum touro, se o touro he vacca.

7

O Custodio, que he prudente,  
pacífico, e socegado  
topou na costa cõ gado,  
e entre elle a vacca nocente:  
e em se pondo frente a frente  
a vaquinha, que ó aguarda,  
e em dar carreyras não tarda,  
disparou como huma setta,  
com que lhe deo a vaqueta  
mais susto, que huma espingarda.

/240/ [8]

Tomou o monte de hum pulo,  
e deo consigo no valle,  
sem dar geyto, a que ó iguale  
a ligeyreza de hum mulo:  
mas o meu Mestiço fulo  
ó emparelhou no correr,  
donde veyo a succeder,  
que custodio hum pé retroce,



sendo pé, que se não troce,  
quando o dono ó há mister.

9

A vacca he terror da aldeya,  
pois faz armada de sanha  
praça de armas a montanha,  
e a praça veyga de areya:  
todo o mundo se recea  
de inimiga tam comuã,  
porque armada a meya lua  
parece pelo cruel  
talvez Fatima de Argel,  
talvez de Salé Gazua.

10

Naõ vî vacca tam ouzada  
de mais brio, e fantezia,  
/241/ pois traz toda a freguezia  
corrida, e envergonhada:  
murmura a gente pasmada,  
que huma vacca parideyra  
nos puzesse em tal fraqueyra,  
e eu tal medo lhe concebo,  
que, quando o leyte lhe bebo,  
me dá logo em caganeyra.

11

Senhor Estevaõ, que he dono  
da rez, que o branco divisa,  
ha que lhe deo a camisa,  
faça-a mansa como hum sono:  
e se naõ em alto tono,  
quando a vacca se remangue,  
drey morto ao pé de hum mangue,  
que se trata de à manter  
para o leyte lhe beber,  
isso he beber-nos o sangue.

12

O Senhor Domingos Borges,  
que he sujeyto de feyçaõ,  
se resistir seu Irmaõ,  
responda lhe logo: alforges:  
/242/ e tu, vacca, naõ me forges  
outra trayçaõ mais precisa,  
a passada passe em risa,  
mas se vens n'outra occasiaõ  
a furar-me occasacaõ,  
hey de raspar-te a camisa.

## **Descreve**

o divertimento  
que teve com alguns amigos  
indo aos Cayjús.

## **Romance**

Valha o diabo os cayjus,  
que à todos tem degradado,  
huns vaõ caminho das ilhas,  
outros caminho dos campos.  
A mim me coube por sorte  
ir hum dia degradado  
para a de Jorge de Sá,  
que he ilha dos meus peccados.  
Saimos com vento em popa,  
mas no mais triste pangayo,  
/243/ que nasceo de embarcações,  
de que foy Eva a Náo Argos.  
Desembarcamos em terra,  
e querendo registrar-nos  
com nossas cartas de guia,  
que nos deo o saybaõ quantos:

Achamos dezerta a ilha  
sem camara, nem senado,  
que os cayjus são restringentes,  
naõ houve camara este anno.

Tornamo nos a embarcar  
no mesmo triste pangayo  
em demanda de outra ilha,  
em que o degredo compramos.

Naõ podemos tomar terra,  
porque era o vento contrario,  
asoprava pelo olho,  
e era o tal olho o do rabo.

Porque vento tam maldito,  
e tam despropositado  
só por tal olho saira,  
para nos ir espeydando.

Tomamos porto na patria  
depois de tantos trabalhos,  
/244/ fomes, que em terra curtimos,  
sustos, que no mar tragamos.

Fomos muy bem recebidos,  
porq o passado passado,  
e sobre os cargos da culpa  
nos deram logo outros cargos.

Todos saimos com vara,  
como meyrinhos do campo  
sobre os pobres dos cayjus  
prendendo, e executando.

Indo à elles huma tarde,  
prendemos quasi hum balayo,  
outros deyxamos pendentos,  
que he o mesmo, que enforcados.

Os maduros se prenderam,  
que era aordem, que levamos,  
mas os verdes se enforcávam,  
por serem cayjus velhacos.

O Meyrinho môr do reyno,  
que he custodio Nunes D'altro,  
naõ larga a vara, e os cayjús  
andaõ como homiziados.

Tem huns alcaydes pequenos,  
que andaõ correndo esse campo,  
/245/ e vaõ ligeyros de pé  
por vir pezados de papo.

Este castigo merece  
cururupepa afamado,  
porque os engenhos naõ moem,  
e o rio he, quem paga o pacto.

Em se acabando os cayjuz,  
as varas vãõ cõ diabo,  
salvo formos meyrinhar  
aos ayruz por esses campos.

## **Descreve**

a viagem,  
que intitulou dos Argonautas  
da Cajaiba para a Ilha de Gonçallo Dias,  
onde com seus amigos hia divertir-se.

## **Romance**

Era a Dominga primeyra  
desta quaresma presente,  
ja eu estava na praya,  
seriam seis para as sette.  
/246/ Estava o dia formoso  
por ser hora, em que se veste  
a esfera de azul, e ouro  
com seus renglaves de neve.  
A aurora teve bom parto,  
pois botou em tempo breve  
hum menino como hum sol  
para alegria das gentes.  
Gritey eu: ah sör Gregorio,  
al sör Gregorio, desperte;

elle desperto gritou,  
aqui estou, e sör Silvestre.

So falta o Pissarro moço:  
ja foy chamâ-lo o moleque,  
e em se juntando com nosco  
estamos prestes, e lestes.

Toda a noyte não dormi  
com pensamento no beque,  
que ha de laevar-nos à ilhoa,  
onde façamos hum frete.

Naò tem, que me despertar,  
que eu escuso, em despertem,  
porque para esta viagem  
estive de acordo sempre.

/247/ /Os trez a praya chegáram,  
e eu no bergantim cõ a gente  
mandey embarcar a todos  
hum por hum, elle por elle.

Botamos a Náo ao mar  
hum bergantim excellente  
nos nossos mares nascido  
obra do estrangeyro mestre.

O alforge la me esquecia,  
dice eu, e à vosses lhe esquece:



mandey logo hum negro acasa,  
que fosse n'um pé, e viesse:  
Veyo logo carregado  
o negro como huma serpe  
de bananas, e farinha,  
e al não dice o tal negrete.  
fomos, e dobrando o mangue  
encontramos hum barquete,  
em que vem Miguel Ferreyra  
cercado de muyta gente.  
Alom alom lhe dicemos,  
e elle nos dice: salvete,  
tres passamos o saveyro,  
que hya então vendendo azeyte.  
/248/ Fomos a costa correndo,  
e ajudados da corrente  
de chico o porto tomamos,  
que estava manso, e a legre.  
Tocou-se logo a trombeta,  
que hum buzio era potente,  
em signal de haver chegado  
a capitania do Hostende.  
Deo-nos huns poucos de apupos,  
e vendo, que Chico desce,

embarcou-se, e soccorreo-nos  
com china, e melado quente.

Fomos seguindo a viagem  
tam folgazões, tam alegres,  
que athe as duas guitarras  
hiaõ folgando de ver-se.

Assim chegamos à Ilha,  
e sobre areyas de neve  
dezoyto xanças saltáram,  
com que a Ilha se estremece

Perguntou por Esperança,  
e soube, que estava ausente,  
chico, que entonces servia  
de guia dos nossos fretes.

/249/ Quiz-me eu entañ repellar,  
tendo pouco, que repelle,  
dice mal da minha vida,  
de mim mesmo maldizente.

Corremos a Ilha toda,  
por signal, que o bom Silvestre  
fez hum letreyro na areya,  
cuja letra isto refere.

= O Senhor da Ilha he hum asno =  
e foy disto tam contente,

como se no tal letreyro  
huma asneyra não fizesse.

Nos lhe estranhámos a asneyra,  
e elle arreganhando os dentes,  
à celebrou como sua,  
por não ter, quem à celebre.

Achamos huma Mulata,  
que estava ali n'um casebre,  
que eu não fretey, por ser Náo  
ja carregada por prenhe.

Tornamo nos a embarcar  
algum tanto descontentes,  
porque em toda a Ilha achamos  
dous maracujaz somente.

**/250/ Descreve**

estando na Cajaiba  
huma cavahada burlesca,  
que ali fizeram pelo Natal,  
huns folgazões.

**Decimas**

1

Veyo a Pascoa do Natal  
primeyra, e segunda oitava,  
quando Araujo assentava  
huma festa garrafal:  
mas a Cajaiba he tal,  
e este monte tam mesquinho,  
que para hum festim de alinhho  
veyo Araujo famoso,  
Paulinho com Joaõ Cardozo,  
Carvalho, e Falcaõ Marinho.

2

Só cinco em cinco rucins  
foy visto, que em meu sentido  
para o pasto andar corrido  
poucos bastaõ, se saõ ruins:  
/251/ mas naõ faltáram malsins,

entre os quais foy muy notado  
este numero apoucado:  
e eu tive os homens por loucos,  
pois bons saõ cavallos poucos  
para o pasto andar folgado.

3

O Araujo coytado,  
para que nada lhe sobre,  
andou sem freyo, que ao pobre  
sempre lhe falta o bocado:  
mas por isso aventajado  
andou à outra parelha,  
e luzio a sella velha  
mais que aos mais arnez brilhante,  
que Araujo he rucicante,  
que val muyto pela orelha.

4

Joaõ Cardozo a mourisca  
pela encolhida pernetta,  
tanto mais lustra a gineta,  
quanto mais nella se arrisca:  
e bem que de todos trisca,  
porque com juizo, e brio  
/252/ nunca paga de vazio

os altos, na refestella  
pagou de vazio a sella  
trez vezes, ou quatro a fio.

5

Paulinho não há alcanca-lo:  
era da festa o enigma,  
e alguem a dizer se anima,  
que indo em mula, hia a cavallo:  
deo lhe tam pequeno aballo  
o festim burlesco, e rude,  
que nunca obrigâ-lo pude  
a fazer largas entradas,  
porque em verdes laranjadas  
era o Juiz da saude.

6

O meu cavalleyro foy  
(por me dar mayor regallo)  
Carvalho, que hia a cavallo,  
e dava passos de boy:  
muy prenhado = yo nó voy, estos me lleban= dizia;  
tam pouco, e tam mal corria,  
que nem elle se correo,  
/253/ nem o pasto floreceo,  
mas sem florecer se ria.

7

O Marinho andou galhardo,  
tal, que teve desta vez  
o pasto por Aranguez,  
que quer sempre o dia pardo:  
como he Marinho bastardo,  
desprezou seu coração  
gineta, e bastarda entã;  
mas em osso o coytheadinho  
nadava com hum Marinho,  
voava como hum Falcaõ.

8

Nas laranjadas folgou-se  
muyto bem no meu sentir,  
Eia Araujo a cair,  
e por naõ cair, deytou-se:  
cahio, porem levantou-se  
bizarro, e muy animoso,  
para que o povo invejoso  
veja em seu mesmo rencor,  
que se cahio peccador  
se levantou virtuoso.  
/254/ Joaõ Cardoso naõ quiz  
crer, que fora a queda leve,

e dando huma volta breve,  
à foy medir cõ nariz:  
achou, que, o que se lhe diz,  
era mentira esbrugada,  
porque de huma laranjada  
quem vay desde a sella ao cham,  
achou pela mediçãõ,  
que era a queda muy pezada.

10

Bem do Marinho se rio,  
quando fez cõ a terra escambos,  
porem sendo a terra d'ambos,  
o Marinho não cahio:  
o rucinante, que vio  
com as costellas quebradas  
Araujo as laranjadas,  
rindo não se pode ter,  
e assim em vez de correr  
se espojou em carcajadas.

11

Ignacio não me lembrou,  
que branco do sobre salto  
/255/ antes que entrasse no asslato  
coytadamente arribou:



no principio começou  
n'um cavallo enterizzato,  
e vendo-se mal parado,  
naò quiz mais parar ali,  
e dando hum homem por si,  
partindo ò deyxou soldado.

12

Depois houve laranjadas  
com todos os circonstantes,  
e o que eram laranjas antes,  
vî em risco de punhadas:  
com varias calamocadas  
sahio mais de algum miraõ,  
e fou tal a confusaõ,  
que sendo o Falcaõ previsto,  
e corredor muy bem visto,  
hoje está cego o Falcaõ.

**/256/ Descreve**

humas comedias,  
que ha Cajaiba foram representadas  
pelos mesmos, ou parte delles  
com outros da mesma condiçãõ.

**Decimas**

1

As comedias se acabáram  
a meu pezar, e desgosto,  
pois para ter, e dar gosto  
tomára eu, que começáram:  
tem os mirões se admiráram,  
e por caminhos umbrosos  
hiaõ dizendo saudosos,  
e cheyos de admiraçãõ,  
bem haja esta geraçãõ,  
de Pissarros, e Cardozos.

2

Naõ me esquecerâ em meus dias  
a boa arte, e disciplina,  
com que a Madre Celestina  
fazia as feytiçarias:

*/257/ nas suas astrologias*

uzava de tais cautellas,  
que dizia  
ò as Donzellas,  
o Gregorio em todo o caso  
por evitar hum fracasso  
domina sobre as estrellas.

3

Dizem formosas, e feyas  
mulheres de todo o estado,  
que o Carvalho no tablado  
chove-lhe a graça as mãos cheyas:  
elle he velhaco de meyas,  
hora Santo, hora velhaco,  
e eu, que ó vi vestido em sacco,  
dice logo espavorido,  
basta, que foy Deos servido  
fazer hum Santo de hum caco?

4

Naõ me esqueça o Azevedo,  
porque posto no tablado  
rebertollou de atinado,  
porque hora he manso, hora azedo:  
à nenhum outro concedo  
ser homem tam peregrino,

/258/ tam geral, e tam divino,  
pois a dizer me provoca,  
que traz por lingua na bocca  
as folhas do calepino.

5

Ninguem o póde entender,  
e eu muyto menos ó entendo,  
e so delle comprehendo,  
que ó não posso comprênder:  
o que tem, que agradece,  
he o parzer, e o bom ar,  
com que se vem offertar,  
porque em todas as jornadas  
quer, que lhe dem as pancadas,  
porem não as quer levar.

6

Elle he hum lindo rapaz,  
e o primeyro filho de Eva,  
que dê gosto, quando leva  
muyto mais que quando traz:  
mas o Carvalho sagaz,  
que lhe sabe das manqueyras,  
lhe sacode as costaneyras,  
porque quando desentoa,

/259/ da lhe huma má, e outra boa  
com talos de bananeyras.

7

Ignacio he grande estudante,  
e nos mostrou tam bom fio,  
que do seu geyto confio,  
que ha de ser grande farçante:  
para moço principiante  
nos deo bastante regallo,  
e nas comedias, que fallo,  
como nas mais, que haõ de haver,  
à muytos ha de exceder  
sim por vida de Gonçallo.

8

Veyo a festa a se acabar,  
e eu, que lhe vim assistir,  
estou cançado de rir,  
mais do que de trabalhar:  
agora entendo passar  
à Catalla, que he buçaco,  
porque em lugar tam opacco,  
à todos dê, que entender,  
depois das comedias ver,  
ir vê-las por hum buraco.

/260/ **Descreve**  
outra comedia  
que fizeram na Cidade  
os Pardos  
na celebridade com que festejaram  
a N. Senhora do Amparo,  
como costumavaõ annualmente.

### **Decimas**

1

Grande comedia fizeram  
os devotos do Amparo,  
em cujo lustre reparo,  
que às mais festas excederam:  
tam efficazes movéram  
ao povo, que os escutou,  
que eu sey, quem ali firmou,  
que se inda agora vivéra  
Viriato, não podéra  
imitar, quem ó imitou.

2

O Souza a puro valor,  
e a puro esforço arrojado

/261/ não póde ser imitado,  
de quem foy imitador:  
e bem que a arte mayor  
não chega, por ser ficçaõ,  
a natural perfeçãõ,  
tanto a arte aqui ó fazia,  
que o natural não podia  
igualar a imitaçaõ.

3

As Damas com galhardia  
altivas, e soberanas  
muyto excedem as Romanas  
na pompa, e na bizzaria:  
cada qual me parecia  
tam Dama, e tam gentil Dama,  
que quando Lucinda em chama  
de amor fingida se vio,  
eu sey, que se não fingio,  
quem por ella entãõ se infláma.

4

Mais ayrosa do que linda  
Laura no toucado, e pêllo  
não fou pouco parecê-lo,  
sendo a vista de Lucinda:

/262/ tanto me namora ainda  
a idea do seu ornato,  
que em fé de tanto aparato  
meu requebro lhe dicera,  
ciumes lhe tivera  
da affeyçãò de Viriato.

5

O Ignacio a puro sal  
tanta graça em si acrisola,  
que podem pedir-lhe esmola  
marinhas de Portugal:  
nelle a graça he natural,  
naturalissima a cara,  
e eu de riso arrebantára,  
se me naò fora mister  
toda a tarde ali viver,  
porque delle me lográra.

6

O nosso Juiz passado,  
que Salema aqui se diz,  
como foy muy tom Juiz,  
tambem foy muy bem julgado:  
em passos, gasto, e cuydado  
se houve com tanto fervor,



/263/ que merece em bom primor  
naõ ser só Juiz do Amparo,  
mas por unico, e por raro  
ser do Amparo julgador.

### **Descreve**

com admiravel propriedade  
os effeytos, que causou o vinho  
no banquete, que se deo  
na mesma festa  
entre as Juizas, e Mordomas  
onde se embebedáram.

### **Decimas**

No grande dia do Amparo,  
estando as Mulatas todas  
entre festas, e entre bodas,  
hum caso succedeo raro:  
e foy, que não sendo avaro  
o jantar de cangerões,  
antes fervendo em cachões,  
os brindes de mão em mão  
/264/ depois de tanta razaõ  
tiverem certas razões.

2

Macotinha a fuliona  
baylou rebollando o cú  
duas horas com Jelú

mulata tambem baylona:  
Se não quando outra putona  
tomou posse do terreyro,  
e porque ao seu pandeyro  
não quiz Macotta sair,  
outra sahio a renhir,  
cujo nome he Domingueyro.

3

Poz Macottinha tam raza  
de putinha, e mais putinha,  
que a pobre de Macottinha  
se tornou de puta em braza:  
alborotando-se a casa  
as mais se foram erguendo,  
mas Jelú, ao que eu entendo,  
he valente pertinaz,  
lhe atirou logo hum gilvaz  
de unhas abaxo tremendo.

/265/ [4]

A mim com punhos violentos  
(gritou a Puta matrona)  
agora ó vereis, Putona,  
raz, r poz lhe os mandamentos:  
e com tais atrevimentos

a Jelú se enfureceo,  
que indo sobre ella lhe deo  
punhadas tam repetidas,  
que ficando ambas vencidas,  
cada qual dellas venceo.

5

Acodio hum Mulatete  
bastardo da tal Domingas,  
e respingas, não respingas  
deo na Mulata hum bofete:  
ella, fervendo o muquete,  
deo cõ Mulato de patas,  
eis aqui vem as Çapatatas,  
porque huma he sua madrinha,  
e todas por certa linha  
da mesma casa mulatas.

6

Chegou-se à tais menos cabos,  
que segundo agora ouvi,  
/266/ havia de haver ali  
huma de todos os diabos:  
mas chegando quatro cabos  
de putaria anciana,  
a Puta mais veterana

dice entã, que naõ cuydava,  
que tais effeytos causava  
vinhaça tam soberana.

7

Socegada a gritaria,  
houve Mulata repolho,  
que, o que bebeo por hum olho,  
pelo outro o desbebia:  
mas se chorava, ou se ria,  
ja mais ninguem comprêdéra,  
se naõ vira, e soubéra  
pelo vinho despendido,  
que se tinha desbebido,  
quanto vinho se bebéra.

8

Tal copia de geribita  
houve naquelle folguedo,  
que em nada se tem segredo,  
antes tudo se vomita:  
/267/ entre tantas Mariquita  
a Juiza era de ver,  
porque vendo ali verter  
o vinho, que ella comprára,  
de sorte se maguára,

que esteve para o beber.

9

Bertola devia estar  
faminta, e desconjuntada,  
pois vendo a pendencia armada,  
tratou de se caldear:  
bebeo naquelle jantar  
sette pratos ão pequenos  
de caldo, e sette ão menos  
de carne, e he de reparar  
que à podéra hum só matar,  
e escapou de dous settenos.

10

Maribonda a minha ingrata  
tam pezada ali se vio,  
que desmayada cahio  
sobre Luzia Çapata:  
vio-se huma, e outra Mulata  
em forma de sodomia,  
/268/ e como na casa havia  
tal grita, e tal confusaõ,  
naõ se advertio por entãõ  
o ferraõ, que lhe mettia.

11

Thereza a da cutillada  
de sorte ali se portou,  
que da bulha se apartou,  
porque era puta sagrada:  
da pendencia retirada  
esteve n'um canto posta,  
mas com cara de lagosta  
trocava com muyta gracia  
o vinho taça por taça,  
a carne posta por posta.

12

Em fim, que as Pardas corridas  
sairam com seus amantes,  
sendo, que no dia d'antes  
andavaõ ellas saidas:  
e sentindo-se affligidas  
do ja passado tinello,  
votáram com todo anhelos  
emenda à Virgem do Amparo,  
/269/ que no seu dia preclaro  
nunca mais bodas al cielo.

### **Descreve**

outra função igual,  
que no seguinte anno  
estas, e outras Mulatas  
da mesma condição fizeram  
a N. Senhora de Guadalupe.

### **Decimas**

1

Tornáram-se a emborrachar  
as Mulatas da contenda,  
ellas não tomaõ emenda,  
pois eu não me hey de emendar:  
o uzo de celebrar  
aquella Santa, e à esta  
com huma, e com outra festa  
não he devoção inteysa,  
he papança, he borracheysa  
dar de cú, cair de testa.

2



/270/ Bebeo Pellica hum almude,  
e não faltou, quem notasse,  
que mil saudes tragasse,  
e ficasse sem saude:  
cahio como em ataude,  
sendo mortalha as anaguas,  
e eu entrey n'um mar de maguas,  
vendo a casaca, que era  
finissima primavera,  
ficar chamalote d'aguas.

3

Vomitou toda a casaca,  
e as Mulatas desconvinhaõ,  
outras ò tinhaõ por caca:  
levou sobre isto matraca  
entre riso, e murmurinho,  
e a carinha com focinho  
lhe armou de grande altivez,  
mas resvelando lhe os pés  
nadou em mares de vinho.

4

Angelinha aquella posta  
manjuba de palafrens  
/271/ jogando fortes vayvens

ao vomito estava posta:  
com mascara de lagosta  
hora arrotava, hora impava;  
tomando puchos estava  
athe que a hora chegou,  
naõ pario, mas vomitou,  
porque tudo entaõ trocava.

5

A Filha da Mangalaça  
de cuxambre tam maldito  
indo a parir, o hermanito  
vio, que o parto era vinhaça:  
echorou tam grande desgraça  
a triste da Macottinha,  
vendo, que sua Madrinha  
ao botar o tal monstrinho  
paríra como com vinho,  
porem naõ como convinha.

6

Anastacia a dos coráes,  
que fornicando a gandaya  
para botar huma saya  
mette sette officiáis:

/272/ bebeo tanto mais que as mais

borrachas desta folia,  
que cada qual lhe dizia,  
que pois officiáis chamava,  
quando huma saya botava,  
chamasse, quando bebia.

7

Brazia, que a meu entender  
por bonita, e por galharda  
excedia à toda a Parda  
em cara, como em beber:  
depois de muyto comer  
bebia com tanto afinco,  
que dando às demais hum trinco,  
constou, que de seis frasqueyras  
muy cheyas, e muyto inteyras  
só ella bebéra as cinco

8

Helena cû de borrarho,  
asmatica, porem gorda,  
se ensopou como huma Torda  
na sorda de vinho, e alho:  
tivéram grande trabalho  
as mais em à levantar,  
*/273/* sem poder-se averiguar,

se era odre, ou se penedo,  
e estando neste segredo  
ella ò veyo a vomitar.

9

A Agueda do Michello,  
que tam pouco se recata,  
nem merece ser Çapata,  
que entre todas he chichello,  
assentada no tinello  
dava aos sorvos tal carreya,  
que dice huma companheyra,  
que à tirassem com presteza,  
por naò haver em tal mesa  
azeytona çapateyra.

10

Tomou a graça no ar  
a Çapata em continente,  
e indo arraganhar lhe o dente<sup>3</sup>,  
naò teve, que arraganhar:  
porem por se desquitar  
poz-se a baylar o canzinho,  
e como sobre o moinho

---

<sup>3</sup> Nota à margem direita: “era desdentada”.

levou tantas embigadas,  
/274/ deo em sair as tornadas  
a puro vomito o vinho.

11

Ninguem com Martha Soares  
quer trocar odre por odre,  
porque de podre, e mais podre  
naõ ha distincão de azares:  
os copos de vinho a pares,  
e aos nones a agua bebia,  
que Deos para ella naõ cria  
agua de rios, nem fontes,  
e havendo de andar por pontes,  
pelas de vinho andaria.

12

Vem Luzia ao sacrificio  
Juiza da refestella  
Agrella, que ja naõ grella,  
por ser puta d'ab initio:  
deo hum jantar, que era vicio,  
rodava o santo licor,  
e a negra serva do amor  
gritava com saya verde,  
al que d'El Rey, que se perde

a roupa de meu Senhor.

/275/ [13]

Assim pois se embebedáram  
a Mestiça, e a Mulata,  
todas tomávam a gatta,  
só as Gattas<sup>4</sup> não tomavam:  
bem fizeram, bem andáram  
em não irem à função,  
porque se me caem na mão,  
como as outras, que beberam,  
então viram, e souberam,  
que sou para hum gatto hum cam.

14

A Gaghina celebrada  
se afastou desta folia,  
dizendo, que não queria  
com Mariniculas<sup>5</sup> nada:  
entendida, e engraçada  
respondeo por vida minha,  
por saber, que não convinha,  
que a vinhaça moscatel  
graduasse em bacharel,

---

<sup>4</sup> À margem direita: “huas Mulatas assim chamadas”.

<sup>5</sup> À margem direita: “chamavaõ assim ao Poeta pela obra do Mariniculas”.

quem foy sempre huma gaguinha.

15

Ignacia chamada Ilhoa  
para cada beyçarraõ  
/276/ não bastava hum cangiraõ  
com sopas de pam, e broa:  
bebeo vinho de Lisboa,  
bebeo do Porto, e Canarias,  
e vendo, que em copas varias  
outras ó bebem de Beja,  
dice picada de inveja,  
Oh Virgem das Candelarias!

16

A surda, que gaga he,  
escutando estas plegarias  
da Virgem das Candelarias,  
chamou a de Nazareth:  
que licor he este, que  
converte esta Mulatinha?  
bem dita seja esta vinha,  
que deo tam santo licor,  
que para dar lhe o louvor  
se esgotou a ladainha.

**/277/ Descreve**

a jocosidade,  
com que as Mulatas do Brazil  
baylaõ o Paturi.

**Chançoneta**

Ao som de huma guitarrilha,  
que tocava hum colomim,  
vi baylar na Agua bruca  
as Mulatas do Brazil:  
Que bem baylaõ as Mulatas,  
que bem baylaõ o Paturí!  
Naõ uzaõ de castanhetas,  
porque cõs dedos gentis  
fazem tal estropeada,  
que de ouvi-las me estrogi:  
Que bem baylaõ as Mulatas,  
que bem baylaõ o Paturí.  
Atadas pelas virilhas  
c'uma cinta carmezim,  
de ver tam grandes barrigas  
lhe tremiaõ os quadris.

**/278/ Que bem baylaõ as Mulatas,**



que bem baylaõ o Paturí.

Assim as sayas levantaõ

para os pes lhes descobrir,

porque sirvaõ de ponteyros

à discipula aprendiz.

Que bem baylaõ as Mulatas,

que bem baylaõ o Paturi.

## **Descreve**

o Poeta

huma bocca larga.

## **Decimas**

1

He justa razaõ, que eu gabe,  
bocca, a vossa perfeiçaõ,  
porque vos cayba a razaõ,  
onde a razaõ vos naõ cabe:  
quem conhecer-vos naõ sabe,  
naõ teme tamanha empreza,  
que vos faz a natureza,  
para ser do mundo espanto,  
*/279/* pois nelle naõ cabe tanto,  
como na vossa grandeza.

2

Os extremos, que mostrais,  
quando esses beyços abris  
lizados, delgados, subtis,  
brancos, como dous cheirstáes,  
em nada saõ naturáes,  
que athe elles dentes bellos

uzurpáram aos cabellos,  
e tem com elles trocada  
a cor castanha, e dourada,  
e saõ pardos, e amarellos.

3

E se os outros escondidos  
samente o riso os declara,  
vos, bocca, de pouco avara  
os tendes desempedidos:  
porque todos os sentidos  
os tenhaõ sempre presentes,  
os olhos sempre luzentes  
podem sem pestanejar  
em tam remoto lugar  
ver a belleza dos dentes.

/280/ [4]

Amor, que as almas condéna,  
por melhor as conquistar,  
para ensinar a atirar,  
que sejais meu branco ordena:  
naõ creais, que por pequena  
vos ha de errar a medida,  
antes minha alma duvida  
de escapar lhe em toda a toca,

se a medida dessa bocca  
houver de dar a ferida.

5

Aviso, graça, e saber,  
amor, cuydado, e dezejo,  
quando for grande o bocejo,  
em vos não se haõ de esconder:  
thesouro não podeis ser,  
mas sois mina descoberta,  
que a serem os dentes de ouro  
ereis má para thesouro,  
por andares sempre aberta.

## **/281/ Pintura**

graciosa

de huma Dama corcovada.

### **Decimas**

Laura minha, o vosso amante  
não sabe, por mais que faz,  
quando ides para traz,  
nem quando para diante:  
olha-vos para o semblante,  
e vê no peyto a cacunda,  
he força, que se confunda,  
pois olha para o espinhaço,  
e vendo segundo inchaço,  
o tem por cara segunda.

2

Cu duas corcovas postas,  
que amante não duvidára,  
se tendes costas na cara,  
se trazeis a cara as costas:  
quem fizer sóbre isso apostas,  
naò he de ás ganhar capaz,

/282/ que a vista mais perspicaz  
nunca entre as confusas ramas  
vê, se as pás trazeis nas mamas,  
se as mamas trazeis nas pás.

3

Entre os demais serafins,  
que ha ali de bellezas rara,  
só vos tendes duas caras,  
e ambas ellas muy ruins:  
quem vos for buscar os rins,  
que moram atraz do peyto,  
nunca os ha de achar a geyto,  
crendo, que adiante estaò,  
com que sois mulher, que não  
tem avesso, nem direyto.

4

Vindo para mim andando,  
cuydo (como he cousa nova  
trazer no peyto a corcova)  
que vos ides ausentando:  
cuydo (estando vos olhando  
no peyto o corcoz tremendo)  
que as costas vos estou vendo:  
e porque vos vejo assim

/283/ vir cõ a giba para mim,  
que as costas me dais, entendo.

5

A vossa corcova rara  
deyx e o peyto livre, e cru,  
ou crerey, que he vosso cú  
parecido à vossa cara:  
e se acaso vos enfara  
dar-vos por tam verdadeyra  
esta similhante asneyra,  
por mais que vos descontente,  
hey de crer, que he vossa frente  
irmãa da vossa trazeyra.

6

Hum bem tem vossa aleyjaõ  
muy util, à quem vos ama,  
e he, que havis de dar na cama  
mais voltas do que hum piaõ:  
se o piaõ de hum só ferraõ' voltando em giros continos  
dâ gostos tam peregrinos,  
vos piaõ de dous ferões  
sereis sem comparações  
desenfado dos meninos.

**/284/ Descreve**

o que lhe aconteceu  
em S. Gonçallo do Rio Vermelho  
com a vista de huma Dama  
formosa, e bem adornada.

**Romance**

Fuy à missa a Sam Gonçallo,  
e nunca fora à tal missa,  
que huma custa dous tostões,  
e esta ha de custar-me a vida.

Estava eu fora esperando,  
que o Clerigo se revista,  
quando pela igreja entrou  
o sol n'uma serpentina.

Huma mulher, huma flor,  
hum anjo, huma Paraninfa,  
Sol disfarçado em mulher,  
e flor em Anjo mentida.

Fuy ver o methamorphosis,  
vê huma moça divina  
occasionada da cara,



quanto arriscada de vista.

/285/ Onde tal risco se corre,

ou onde tanto se arrisca,  
que menos se ha de perder,  
que a liberdade, e a vida.

Desde entã fuy seu cativo,  
seu morto daquelle dia,  
e dentre ambos quiz Amor,  
que só o cativo lhe sirva.

Serve o cativo talvez,  
mortos não tem serventia,  
e se tiver de matar-me  
vangloria, ó terey por dita.

Por entre a nuvem do manto,  
que a luz propria entã vencia,  
as claras estive vendo  
aquella estrella divina:

Aquelle sol soberano,  
que pela ecliptica via  
de seu rosto anda fazendo  
hum solsticio à cada vista.

Acabou-se a missa logo,  
e foy a primeyra missa,  
que por breve me enfadou,

pois toda vida à ouvira.

/286/ Foy-se para sua casa,  
e eu à segui a huma vista,  
passou o rio, e cobrou-se,  
cheguey ao rio, e perdi-a  
Vi-a no monte, e lhe fiz  
cõ chapeo as despedidas,  
e lhe enculquey meu amor  
por meyo da cortezia.

Naõ torney à Sam Gonçallo,  
nem tornarey em meus dias,  
que entre belleza, e adorno  
todo o home ali periga.

## **Retrato**

de huma Dama  
em methaforicas doutrinas,  
que se dão à hum Papagayo.  
Este fez sendo estudante.

## **Romance**

Como estais, Louro= diz Filis  
à hum Papagayo, que ensina,  
/287/ Louro como este cabelo,  
onde sempre o couro brilha.  
Toca, Papagayo, toca:  
naõ toco em testa tam linda,  
que sem ter pedra de toque,  
conheço ser pedra fina.  
Quem passa, Louro, quem passa=  
passa amor com alegria  
por esses arcos triunfantes  
feyto cego, e cachorrinha.  
dizey-o = re mi fa sol =  
sempre o sol nessas zafiras  
com rayos anda abrazando,

com frechas tirando vidas.

Correy, comadre, correy =  
versis rosas, clavelinas,  
gesmins, cravos, açucenas,  
nesse bello rosto unidas.

Outro, Papagayo, outro =  
cousa impossivel seria  
achar hum nariz como esse,  
se não for por maravilha.

Vá, Papagayo Real =  
real he essa boquinha,  
/288/ à quem Tiro paga gratis  
perolas, e margaritas.

Para Portugal = dizey:  
para Portugal he dita  
ver essa barba engraçada  
madre perola em conchinha.

Da comer ao Papagayo =  
antes eu, Senhora minha,  
na neve dessa garganta  
com regallo beberia.

Day cá o pé, meu Lourinho, =  
isso fora groceria,  
que puzesse eu o meu pé

n'umas mãos tam cristalinas.

Corrido vay = isso he certo,  
que corrido ficaria  
quem desse peyto quizesse  
colher as maçãs tam ricas.

Tiro lico tico, re fá:  
isso são duas cousinhas,  
que nos pés andaõ em breve  
só com huma cifra escritas.

Dizey = Tabareo, reo, reo =  
manda Amor, que não prosiga,  
/289/ porque não sou eu Colon  
para descobrir tais indias.

Fallou como hum Papagayo  
o Papagayo este dia:  
eu falley como Estorninho,  
Filis qual Pega, ou corica.

## **Descreve**

methaforicamente  
as perfeições de huma Dama  
pelos naypes da baralha.

## **Romance**

Pelos naypes da baralha  
vos faço, Nise, hum retrato,  
levantay, que eu dou as cartas.  
Sahio de ouros. Vou trunfando.  
Ouro he o vosso cabello,  
e de preço, e valor tanto,  
que desse pêllo as manilhas  
eu cõ a espadilha não ganho.  
A testa he de outro metal,  
que na baralha não acho,

/290/ que muyto, que me ganheis,  
se jogais com naypes falsos.

Naõ acho em toda a baralha  
o naype de prata, salvo  
copas: saõ copas de prata,  
que à vossa testa comparo.

Os olhos saõ matadores,  
verbi gratia, sota, e basto,  
com que me dais os capotes,  
e com que vaza naõ faço.

Em vosso rosto o nariz  
grande, nem pequeno o acho,  
que isso he carta, que naõ joga,  
e diz, se joga, eu me ganho.

Bocca, e dentes saõ espadas  
pelo risco, e pelo estrago,  
que vaõ às almas fazendo,  
se os ides desembainhando.

Os dous peytos, e a garganta  
he hum jogo soberano  
de sota, cavallo, rey,  
e garatuza com ganhos.

As maõs vos todas ganhais,  
porque nas cartas pegando

/291/ todos os trunfos vos tocaõ,  
e as minhas pintais em branco.

Para ser o vosso pé  
naõ acho em todo o baralho  
mais que o az, que val hum ponto,  
como tem vosso çapato.

Porem a carta coberta,  
que me tem assas picado,  
eu vo-la direy depois,  
que inda vou bruxuleanndo.



## **Descreve**

o que era realmente naquelle tempo  
a Cidade da Bahia  
de mais enredada por menos confusa.

## **Soneto.**

A cada canto hum grande conselheyro,  
que nos quer governar cabana, e vinha,  
Naõ sabem governar sua cosinha,  
E podem governar o mundo inteyro.  
/292/ Em cada porta hum frequentado olheyro,  
Que a vida do visinho, e da visinha  
Pesquiza, escuta, espreyta, e esquadrinha,  
Para à levar a Praça, e ao Terreyro.  
Muytos Mulatos desavergonhados,  
Trazidos pelos pés os homens nobres,  
Posta nas palmas toda a picardia.  
Estupendas uzuras nos mercados,  
Todos, os que naõ furtaõ, muyto pobres,  
E eis aqui a Cidade da Bahia.

**Descreve**  
a vida escolastica.

**Soneto.**

Mancebo sem dinheyro, bom barrete,  
Mediocre o vestido, bom çapato,  
Meyas velhas, calção de esfolla gatto,  
Cabello penteado, bom topete.  
Presumir de dançar, cantar falsete,  
Jogo de fidalguia, bom barato,  
Tirar falsidia ao Moço do seu trato,  
/293/ Furtar a carne à ama, que promette.  
A putinha aldeã achada em feyra,  
Eterno murmurar de alheyas famas,  
Soneto infame, satyra elegnte.  
Catinhas de trocado para a Freyra,  
Comer boy, ser quixote com as Damas,  
Pouco estudo, isto he ser estudante.

## **Em occasiã**

de ferias

passou o Poeta à Vianna,  
e ali vio huma procissã, em que por uzo antigo  
apparecia a Morte adornada com patas,  
pessas de ouro, e muytos cayxos de uvas verdes,  
levando outro si em figura de Sam Christovaõ  
huma estatua de papelaõ vestida de baeta verde,  
e movida por hum Mariolla  
como costumaõ na procissã de corpus ir os Gigantes.

## **Decimas**

1

Por sua maõ soberana  
Deos, que he Pay de piedade,

/294/ livre a toda a christandade

da mã morte - de Vianna:  
em vez de morte he pavana  
morte composta de asneyra,  
porque tirar da parreyra  
quantas uvas vay brotando,  
para lhas ir pendurando,  
he morte de borracheyra.

2

Ornar a morte a meu ver  
de patas, por mais campar,  
he querê-la namorar  
por falta de outra mulher:  
homens, que tem tal prazer,  
que enfeytaõ toda huma ossada  
de patas, e alfinetada,  
he gente, que sem disputa  
pertende em trages de puta  
dormir a morte enfeytada.

3

Isto de morte com patas,  
e com uvas athe os pes  
(como dice hum viamez)  
livre está de pataratas:

/295/ há gentes tam mentecaptas,  
que se occupaò a enfeytar,  
à quem os ha de matar,  
e lhe ponhaò todo o ouro  
sem temer, que isto he agouro,  
de que a morte os vem roubar.

4

Gente, que folga de ver  
huma caveyra enfeytada,  
esta he a morte folgada,  
que em menino ouvi dizer:  
mas naò me póde esquecer  
asneyra tam alta, e forte  
de huns barbaros de má sorte,  
e humas gentes insensatas,  
que pondo a morte de patas,  
cuydaõ, que empataò a morte.

5

Se Vianna nisto dá  
por fazer à morte festa,  
convenho, que gente he esta,  
que athe a morte guardará:  
mas que Sam Chirstovaõ vá  
em charolla de vaquete

/296/ com caçacaõ de baeta,  
e verde por mais decoro,  
aqui se perde Izidoro  
rayvoso sobre alegrete.

### **Descreve**

a Ilha de Itaparica  
com sua aprazível fertilidade,  
e louva de caminho  
ao Capitão Luiz Carneyro  
homem honrado, e liberal,  
em cuja casa se hospedou.

### **Soneto.**

Ilha de Itaparica, alvas areyas,  
Alegres prayas, frescas, deleytosas,  
Ricos polvos, lagostas deliciosas,  
Farta de Putas, rica de baleas.  
As Putas tais, ou quais não são más preas,  
Picaras, ledas, brandas, carinhosas,  
Para o jantar as carnes saborosas,  
O pescado excellent para as ceas.  
/297/ O melaò de ouro, a fresca melancia,  
Que vem, no tempo, em que aos mortáes abraza  
O sol inquisidor de tanto oiteyro.  
A costa, que ó imita na ardentia,  
E sobre tudo a rica, e nobre casa

Do nosso Capitão Luiz Carneyro.



**Descreve**  
a confusão  
do festejo do Entrudo.

**Soneto**

Filhoz, fatias, sonhos, malasiadas,  
Gallinhas, porco, vacca, e mais carneyro,  
Os pirús em poder do Pastelleyro,  
E guixar, deytar pulhas, laranjadas.  
Enfarinhar, pôr rabos, dar risadas,  
Gastar para comer muyto dinheyro,  
Naõ ter mãos a medir o Taverneyro,  
Com restias de çabollas dar pancadas.  
Das janellas com tanhos dar nas gentes,  
A buzina tanger, quebrar panellas,  
/298/ Querer em hum só dia comer tudo.  
Naõ perdoar arroz, nem cuscús quente,  
Despejar pratos, e alimpar tigellas,  
Estas as festas são do Santo Entrudo.

## **Descreve**

a deploravel peste,  
que padeceo a Bahia no @ 1686,  
a quem discretamente chamáram Bicha,  
porque variando nos sintomas,  
para que a medicina não soubesse atalhar os effeytos,  
mordia por differentes boccas,  
como a bicha de Hercoles.  
Tambem louva  
o caritativo zelo  
de algumas pessoas com os enfermos.

## **Romance**

Deste castigo fatal,  
que outro não vemos, que iguale,  
serey Mercurio das penas,  
e Coronista dos males.  
/299/ Tome esta noticia a Fama,  
para que võe, e não pare,  
e com lamentaveis eccos  
sóe n'uma, e n'outra parte.  
Anno de mil, e seis centos  
oitenta e seis, se contar-se

póde por admiração,  
escutem os circunstantes.

Chegou a morte à Bahia,  
naõ cuydando, que chegasse,  
aquelles, que naõ temiaõ  
seus golpes por singulares.

Representou-nos batalha  
com rebuços no disfarce,  
facilitando a pelleja  
para segurar o saque.

Mas tocando a degollar  
levou tudo a ferro, e sangue  
divertindo a medicina  
com variar os achaques.

Fez estrago tam violento  
em discretos, ignorantes,  
em pobres, ricos, soberbos,  
que nenhum póde queyxa-se.

/300/ Ao discreto naõ valéram  
seus conceytos elegantes,  
nem ao nescio o ignorar,  
que offenças haõ de pagar-se.

Ao rico naõ reparou  
de seu poder a ventagem,

nem ao soberbo o temido,  
nem ao pobre o humilhar-se.

Ao galante o ser vistoso,  
nem ao polido o brilhante,  
nem ao rustico descuydos,  
de que ha de a vida acabar-se.

E se algum quiz de manhã  
rosa brilhante ostentar-se,  
chegava a morte, e se via  
funesta pompa de tarde.

Emudeceo ás fulias,  
trocou em lamento os bayles,  
cobrio as galas de luto,  
encheo de pranto os lugares.

Foy tudo castigo em todos  
por esta, e aquella parte,  
se aos pobres faltou remedio,  
aos ricos sobrâram males.

/301/ Para o sexo fememino  
veyo a morte de passagem,  
deyxando lhe, no que via  
exemplo para emendar-se.

Nos inocentes de culpa  
foy a morte relevante,

que tanto a innocencia livra,  
quanto condéna o culpavel.

Pela caterva ethiopia  
passou tocando rebate,  
mas corpos, que pagaõ culpas,  
naò he bem, que á vida faltem.

Ja se via pelas ruas  
de porta em porta chegar-se  
hum devoto Theatino  
intimando a confessar-se.

Quem para a morte deyxava  
negocio tam importante,  
porque as lembranças da vida  
negaõ da morte o lempar-se.

Os campanairos se ouviaõ  
d'huma hora em outra dobrarem,  
despertadores da morte,  
porque aos vivos lhe lembrasse.

/302/ Fez abrir nos cemiterios  
em hum dia a cada instante  
para receber de corpos,  
o que tinhaõ de lugares.

Foy tragedia lastimosa,  
em que póde ponderar-se,

que a terra sobrando á muytos,  
se vio ali, que faltasse.

Os que nella não cabião,  
quando vivos, hoje cabem  
n'uma sepultura a trez,  
quero dizer a trez pares.

Viam-se as enfermarias  
de corpos tam abundantes,  
que sobrava a diligencia,  
para que à todos chegassem.

O remedio para as vidas  
era impossivel achar-se,  
porque o numero crescia  
cada minuto, e instante.

Titubeava Galleno  
com a implicancia dos males,  
porque o tributo das vidas,  
mandava Deos, que pagassem.

/303/ O Senhor Marquez das Minas,  
que Deos muytos annos guarde,  
zeloso como christião,  
liberal como Alexandre:

Prevenio para a saude,  
para que em tudo acertasse,

dividirem-se os enfermos  
por casas particulares.

Este zelo foy motivo,  
de que todos ppor vontade  
(digo os possantes) mostráram,  
serem proximos amantes.

Havia hum novo hospital,  
onde se admirou notavel  
o zelo de huma senhora  
dona Francisca de Sande:

Mostrando como enfermeyra  
o desvello em toda a parte,  
e administrando a mezinha,  
à quem devia de dar-se.

Consolando, à quem gemia,  
animando os circunstantes,  
tolerando o sentimento,  
de que assim não acertasse.

/304/ Não reparando nos gastos  
da fazenda, que eram grandes,  
porque só quiz reparar  
vidas, por mais importantes.

O Marquez como Senhor  
quiz em tudo aventejar-se,

abrindo para a pobreza  
os tehsouros da vontade.

Repartia pelos pobres  
esmollas tam importantes,  
que o seu zelo nos mostrava  
querer, que nada faltasse.

Publicando geralmente,  
que à elle os pobres chegassem,  
porque ao remedio de todos  
Sua Excellencia não falte.

Mas se estava Deos queyxoso,  
que muyto passasse avante  
este castigo de culpas,  
mais que inclemencia dos ares.

Finalmente que a Bahia  
chegou à extremo tam grande,  
que aos viventes parecia  
querer o mundo acabar-se.

/305/ Punha a morte cerco às vidas  
tam cruel, e exorbitante,  
que em trez mezes sepultou  
da Bahia a mayor parte.

Ah Bahia! bem podéras  
de hoje em diante emendar-te,



pois em ti assiste a causa  
de Deos assim castigar-te.  
Mostra-se Deos offendido,  
nos sem desculpa que dar lhe;  
emendemos nossos erros,  
que Deos, porá termo aos males.

## **Lamenta**

o Poeta

o triste paradeyro da sua fortuna  
descrevendo as miserias do reyno de Angolla  
para onde ò desterráram.

## **Coplas**

Nesta turbulenta terra  
armazem de pena, e dor,  
/306/ confusa may do temor,  
inferno em vida:

Terra de gente opprimida,  
munturo de Portugal,  
para onde purga seu mal,  
e sua escoria:

Onde se tem por vangloria  
o furto, a malignidade,  
a mentira, a falsidade,  
e o interesse:

Onde a justiça perece  
por falta, de quem à entenda,  
e onde para haver emenda  
uza Deos,

Do que uzava cōs Judeos,  
quando era Deos de vinganças,  
que com todas as trez lanças  
de sua ira

De seu trono nos atira  
com peste, e sanguinea guerra,  
com infecundias da terra,  
e pestilente

Febre maligna, e ardente,  
que aos trez dias, ou aos sette  
/307/ debaxo da terra mette  
o mais robusto

Corpo queymado, e combusto,  
sem lhe valer medicina,  
como se peçonha fina  
fora o ar:

Deste nosso respirar  
effeytos da zona ardente,  
onde a ethiopica gente  
faz morada:

Gente asnaval, e tostada,  
que da cor da escura noyte  
a pura marca, e açoyte  
se encaminha:

A qui a fortuna minha  
conjurada com seu fado  
me trazem em tal estado,  
qual me vejo.

Aqui onde o meu dezejo  
debalde busca seu fim,  
e sempre me acho sem mim,  
quando me busco.

Aqui onde o filho he fusco,  
e quasi negro he o neto,  
/308/ negro de todo o bisneto,  
e todo escuro:

Aqui onde ao sangue puro  
o clima gasta, e consome,  
o gesto róe, e corcome  
o ar, e o vento,

Sendo tam forte, e violento,  
que ao bronze metal eterno,  
que o mesmo fogo do inferno  
não gastára,

O raxa, quebra, e prepara,  
que ó reduz a quasi nada;  
os bosques saõ vil morada  
de Empacacias

Animáís de estranhas raças,  
de Leões, Tigres, e Abadas,  
Elefantes as marradas,  
e matreyros:

Lobos serváes, carniceyros,  
Javalis de agudas settas,  
Monos, bogios de tretas,  
e nos rios

Há maldições de assobios  
de Cocodrillos manhosos,  
/309/ de cavallos espantosos  
dos marinhos,

Que fazem horrendos ninhos  
nas mais occultas paragens  
das emaranhadas margens,  
e se acaso

Quereis encher de agua hum vazo,  
chegando ao rio ignorante  
logo nesse mesmo instante  
vos sepulta

Na tripagem mais occulta  
hum intrepido Lagarto,  
vos inda vivo, elle farto:  
pelo que

Naõ ouzais a pôr o pé  
huma braça da corrente,  
que este tragador da gente  
    vos obriga  
A fugir lhe da barriga;  
Deos me valha, Deos me acuda,  
e com sua Santa ajuda  
    me reserve:  
Em terra naõ me conserve,  
onde a sussurros, e a gritos  
/310/ a multidaõ de mosquitos  
    toda a noyte  
Me traga em contino açoyte,  
e bofetadas soantes,  
porque as veas abundantes  
    do vital  
Humor puro, e cordeal  
naõ veja quasi rasgadas  
a puras ferrotodadas:  
    e inda he mais;  
Se acaso vos inclinais  
por fugir da occasiaõ  
da vossa condenaçaõ  
    à Lavrador,

Estando a semente em flor,  
qual contra pintos minhotos,  
hum bando de gafanhotos,  
immundicia,

Ou qual barbara milicia  
em confusos esquadrões  
marchaõ confusas legiões,  
(estranho caso!)

Que deyaõ o campo razo,  
sem raiz, tallo, nem fruto  
/311/ sem que o lavrador astuto  
valer lhe possa:

Antes mettido na choça  
se lastîma, e desconsola  
vendo, o quam geral assolla  
esta mâ praga.

Ha huma cobra, que traga  
de hum só sorvo, e de hum bocado  
hum grandissimo veado:  
e se me ouvis,

Há outra chamada Enfuiz,  
que se vos chegais á ella,  
vos lança huma esguixada della  
de peçonha,

quantidade, que se exponha  
bem dos olhos na menina,  
com dores, que desatina  
o paciente.

Cega-vos em continente,  
que o trabuco vos a cesta  
distante hum tiro de besta:

(oh clemencia

De Deos!) oh omnipotencia,  
que nada embalde creaste!

/312/ para que depositaste  
n'um lugar

Instrumentos de matar  
tais, e em tanta quantidade!  
e se o sol com claridade,  
e reflexaõ

He causa da geraçaõ,  
como aqui corrompe, e mata?  
e se a lua cria a prata,  
e seu humor

Almo, puro, e creador  
cõmunica ás verdes plantas,  
como aqui maldades tantas  
descarrega?



E se a chuva só se emprega  
em fertilizar os prados,  
como febres aos molhados  
dâ mortáes?

E se quantos animáes  
a terra sustenta, e cria,  
saõ dos homens comedia,  
como nesta

Terra maldita, e infesta,  
triste, horrorosa, e escura  
/313/ saõ dos homens sepultura?

Mas, Senhor,  
Vos sois sabio, e creador  
desta fabrica do mundo,  
e he vosso saber profundo,  
e sem medida.

Lembray-vos da minha vida,  
antes que em pô se desfaça,  
ou day-me da vossa graça  
por eterna despedida.

## **Describeve**

o que realmente se passa  
no Reyno de Angolla.

## **Soneto.**

Passar la vida, sin sentir que passa,  
De gustos falta, y de esperanças llena,  
Bolver atraz pizando en seca arena,  
Suffrir un sol, que como fuego abraza.  
Beber delas cacimas agua balla,  
Comer mal pés a medio dia, y cena,  
/314/ Oyr por qualquer parte una cadena,  
Ver dar açotes sin piedad, ni tassa:  
Ver-se uno rico por encantamiento,  
Y Señor, quando a penas fué criado,  
No tener, de quien fué, conocimiento,  
Ser mentiroso por razon de estado,  
Vivir en ambicion siempre sediento,  
Morir de deudas, y pezar cargado.

## **Descreve**

à hum amigo  
desde aquelle degredo  
as alterações, e miserias  
daquelle reyno de Angolla,  
e o que juntamente lhe aconteceu  
com os soldados amotinados,  
que ó levaram para o campo, e tiveram consigo  
para os aconselhar no motim.

## **Romance**

Angolla he terra de pretos,  
mas por vida de Gonçallo,  
/315/ que o melhor do mundo he Angolla,  
e o melhor de Angolla os trapos.  
Trapos foy o seu dinheyro  
este seculo passado,  
hoje ja trapos não correm,  
corre dinheyro mulato.  
Dinheyro de infame casta,  
e de sangue inficionado,

por cuja causa em Angolla  
houve os seguintes fracços.

Houve a motinar-se o Terço,  
e de ponto em branco armado  
na praya de Nazareth  
pôr-nos em citio apertado.

Houve, que Luiz Fernandes  
foy entonces aclamado  
por rey dos geribiteyros,  
e por sova dos borrachos.

Houve a expulsaõ do Ouvidor,  
que na chinella de hum barco  
botou pela barra fora  
mais medroso, que outro tanto.

Houve levar-se o Doutor  
rucim pelo barbicacho,  
/316/ à campanha do motim  
por secretario de estado

Houve, que receando ó Terço,  
mandou aqui lançar bandos,  
alguns com pena de morte,  
outros com pena de tratos.

Houve, que sette cabeças  
foram mettidas n'um sacco,

porque o dinheyro crescess,  
como os fizessem em quartos.

Houve, que settes mosquetes  
leram aos sete borrachos  
as sentenças aos ouvidos  
em segredo aqui entre ambos.

Houve, que os sete defuntos  
inda hoje se estaõ queyxando,  
que aquella grande porfia  
lhe tem os cascos quebrados.

Houve, que apoz da sentença,  
e execuçaõ dos medraços  
prendéram os esmolleyros,  
que deram soccorro ao campo.

Houve, que saíram livres  
por força de hum texto santo,  
/317/ cuja fé nos persuade,  
que a esmolla apaga o peccado.

Houve mil desaventuras,  
mil sustos, e mil desmayos,  
huns tremiaõ com quartãas,  
à outros tremiaõ os quartos.

Houve, que esteve em deposito,  
a ponto de ser queymado

arremedando nas cinzas  
ao antigo mar Troyano.  
Leve o diabo o dinheyro,  
por cujo sangue quaymado  
tanta queymaçã de sangue  
padecem negros, e brancos.  
Com isto não digo mais,  
antes tenho sido largo,  
que me esquecia athe agora  
do nosso amigo Lencastro.

**/318/ Descreve**

hum horroroso dia  
de trovões.

**Soneto**

Na confuzaõ do mais horrendo dia,  
Paynel da noyte em tempestade brava.  
O fogo com o ar se embaraçava,  
Da terra, e ar o ser se confundia.  
Bramava o mar, o vento embravecia,  
A noyte em dia em fim se equivocava,  
E com estrondo horriveo, que assombrava,  
a terra se abalava, e estremecia.  
Desde o alto aos concavos rochedos,  
Desde o centro aos altos obeliscos  
Houve temor nas nuvens, e penedos.  
Pois dava o céu ameaçando riscos  
Com assombros, com pasmos, e com medos  
Relampagos, trovões, rayos, coriscos.

**/319/ Descreve**  
o Poeta  
a Cidade do Recife  
em Pernambuco

**Soneto**

Por entre o Bibiribe, e o Oceano  
Em huma areya safia, e lagadiça  
Jaz o Recife povoação mestiça,  
que o Belga edificou impio tyranno.  
O Povo he pouco, e muyto pouco urbano,  
Que vive a mercé de huma linguixa,  
Unha de velha insipida enfermeixa,  
E camarões de charco em todo o anno.  
As Damas cortezãas, e por rasgadas  
Olhas podridas, saõ, e pestilencias,  
Ellas com purgações, nunca purgadas.  
Mas a culpa tem vossas reverencias,  
Pois as trazem rompoidas, e escalladas  
Com cordões, com bentinhos, e indulgencias.



**/320/ Descreve**  
a Procissão  
de Quarta feyra de Cinza  
em Pernambuco

**Soneto**

Hum Negro magro em sufilié muy justo,  
Dous azorragues de hum Joâ pendentés,  
Barbado o Peres, mais dous penitentes,  
Com azas seis creanças sem mais custo.  
De vermelho o Mulato mais robusto,  
Trez meninos Fradinhos innocentes,  
Dez, ou doze Porichotes muy agentes,  
Vinte, ou trinta canellas de hombro onusto.  
Sem debita reverencia seis andores,  
Hum pendaõ de algodão tinto em tijuco,  
Em fileyra dez pares de Menores:  
Atraz hum negro, hum cego, hum Mamaluco,  
Trez lotes de rapazes gritadores,  
He a Procissão de cinza em Pernambuco.

Continua com as  
**POEZIAS**  
**TRISTES**

*/320/*

*/321/ POEZIAS*  
tristes.

## **Zelozo, e triste**

consulta o Poeta

a Soledade de dos montes para seu  
desafogo.

## **Romance**

Montes, eu venho a buscar-vos  
para contar-vos meu mal,  
inda que o vosso silencio  
interrompa com meus ays.

Ja sabeis, que adoro à Menga,  
à quem para sugeytar  
fragil corrente he meu pranto  
desatada em seu christal.

Ja vos referi mil vezes,  
como Menga com Pascoal  
em cima de dar-me zelos,  
zelos me obriga a aceytar.

/322/ Se o remedio he não toma-los,  
da-me Menga em se queyxar,  
de que sou Pastor grosseyro,  
pois não tomo, o que me dá.

## **Ausente**

de sua casa  
pondera o Poeta o seu mesmo erro,  
em ocasião de ser buscado  
por sua Mulher.

## **Motte**

Foy-se Braz da sua aldeya,  
sabe Deos, se tornará,  
que vio no caminho a Menga,  
e a Gila não quer ver mais.

## **Gloza**

Braz hum Pastor namorado  
tam nobre, como entendido  
das Pastoras tam querido,  
como na aldeya invejado:  
dos arpões do Amor crivado  
/323/ tanto os sentidos lhe enleya  
Menga, e tanto se lhe afeya  
Gila em seu ciume esquivo,  
que por hum, e outro motivo

Foy-se Braz de sua aldeya.

2

Gila, que esta ausencia sente,  
movida de seus pezares  
correio terras, passou mares  
zelosa, e impaciente:  
 nenhuns vestigios persente  
 das passadas, que Braz dá,  
 mas tendo noticia já,  
 que ó leva hum novo cuydado,  
 dice, se vay namorado,  
 sabe Deos, se tornará.

3

No tempo, em que Braz me olhava,  
 e a vista não divertia,  
 entaõ sim que me queria,  
 e de querer me adorava:  
 porem hoje, que da aljava  
 de Amor, que tanto ó derrenga,  
 anda ferido: que arenga,  
 /324/ que razaõ, que pundonor  
 hade virar à hum Pastor,  
 que vio no caminho à Menga?

4

Se anda atraz de huma belleza,  
hum garbo, huma bizzarria,  
e he homem Braz, que varía  
por gosto, e por natureza,  
quem ó tirará da empreza  
de merecer prendas tais,  
se os meus suspiros, e ays  
valem com elle tam pouco,  
que se anda por Menga louco,  
ha Gila não quer ver mais.

### **Queyxa-se**

de que nunca faltem penas para a vida,  
faltando a vida para as mesmas penas

### **Soneto**

Em o horror desta muda soledade,  
Onde voando as aves a porfia  
/325/ A penas solta a luz a aurora foia,  
Quando à prende da noyte a escuridade.  
Ah cruel apprehensão de huma saudade,  
De huma falsa esperança fantezia,  
Que faz, que de hum momento passe o dia,

E que de hum dia passe à eternidade!  
Saõ da dor os espaços sem medida,  
E a medida das horas tam pequena,  
Que não sey, como a dor he tam crescida.  
Mas he troca cruel, que o fado ordena,  
Porque a pena me cresça para a vida,  
Quando a vida me falta para a pena.

**Chora**  
o Poeta  
sua infelicidade  
com hum pensamento occulto.

### **Motte**

Amargo paguen tributo  
mis ojos al desamor,  
pues de una esperança en flor  
es oy desengaño el fruto.

**/326/ Gloza**

1  
Solos de mi triste enojo  
ohos, podreis dar indicios,  
pues aquestos desperdicios

los tuvisteis siempre de ojo:  
oy, a que lloreis, me arrojó  
con desengaño absoluto,  
que el recocentrado luto,  
(con causa à los ojos tanto)  
pide a los ojos, que en llanto  
Amargo paguen tributo.

2

No es, ojos, intento mio  
soltar la corriente en vano,  
ni que sea en castellano,  
lo que en portuguez es rio:  
corrientes de un llanto pio  
abono de mi dolor  
manifesten al amor,  
digan con iras, y affecto  
su tyranno, y vil effecto  
Mis ojos al desamor.

/327/ [3]

Rebentad de sentimiento,  
ojos, entanto delirio,  
porque de aqueste martirio  
saquen muchos escarmiento:  
sepan de vuestro tormento,



para que tengan horror,  
guyan, huyan del amor,  
que nunca es bien de raiz,  
sepan, sepan, que moris  
Pues de una esperanza en flor.

4

Y pues conocisteis vos  
lo mucho, que el amor daña,  
lo que para niño engaña,  
lo que miente para Dios,  
la Esphinge de humana voz,  
y coraçon resolutio  
llorad con ardiente luto:  
temed con tristes dolores,  
pues que de sus lindas flores  
Es oy desengaño el fruto.

**/328/ Ausente**

de hum conhecido bem  
recea temeroso as quebras.

**Motte**

Ausencias, y soledades  
llora mi fe, y mi amor,  
que el adorar-te, y no ver-te  
deste effecto causa son.

**Gloza.**

Oy, Fili, doble passion  
me offende en dura piedad,  
los ojos la soledad,  
y la ausencia el coraçon:  
el pecho, y los ojos son  
testigos de mis verdades,  
pues llorando vanidades,  
miro con oposiciones,  
que son causa à mis passiones  
ausencia, y soledades.

Mi amor, y mi fé con migo  
/329/ lloran, y rien mi estrago,  
pues al merito es al hago,  
lo que al dezero es castigo:  
assi complicado sigo  
el plazer por el horror,  
pues por no ver su esplendor,  
quando el merito me vé,  
rie mi amor, h mi fe,  
lhora mi fe, y mi amor.

3

Las ausencias nescio llora  
de una, que deidad se infiere,  
que quien al divino quiere,  
no mira, si bien adora:  
la vista a la fé minora  
con el peligro al querer-te;  
no mueva pues, que la suerte  
precia menos por amar-te  
el ver-te, sin adorar-te,  
Que el adorar-te, y no ver-te.

4

Ya quiero la soledad,  
y el merito en el tormento

no le engendre el suffimiento,  
/330/ pudiendo la enfermedad:  
efecto de tu beldad  
es tan noble adoracion,  
pues tu culto, y mi attention,  
tu deidad, y mis affectos  
desta causa son effectos,  
Deste effecto causa son.

### **Ao Mesmo**

Assumpto

### **Motte**

Ao pê de huma junquyrinha  
nasce huma fonte de prata,  
assentey-me junto della,  
bem tollo he, quem se mata.

### **Gloza.**

1

Por divertir saudades

de Filis do ceo traslado  
quiz escolher meu cuydado  
por allivio as soledades:  
/331/ e revolvendo as verdades  
da fé, e firmeza minha,  
como cessado não tinha  
de sentir, e imaginar,  
me deytey por descançar  
Ao pé de huma junqueyrinha.

2

Tomou-me o sono os sentidos,  
e em sonhos a fantezia  
arrebatado me guia  
a ver huns campos floridos:  
e para mais divertidos  
meus cuydados, me retrata  
huma graciosa matta  
fabricada de craveyros,  
donde entre verdes oiteyros  
Nasce huma fonte de prata.

3

Estava as graças notando  
de tam linda architectura,  
quando a melhor formosura

à fonte se vem chegando:  
hum veo do rosto tirando  
para melhor poder vèlla,  
/332/ conheci ser Filis bella,  
a que à minha alma roubou,  
e vendo, que se assentou,  
Assentey-me junto della.

4

Eis que gozando de amor  
as delicias, acordey,  
e só sem Filis me achey  
da junqueyrinha ao redor:  
que presto vence huma dor  
qualquer apparencia grata!  
quem em seus amores trata  
de glorias, não tem razaõ,  
e por deleytes em vaõ  
Bem tollo he, quem se mata.

## **Ao mesmo**

intento.

## **Motte**

Deyxay-me tristes memorias.

## **Gloza**

Nesta ausencia, bem querido,  
nada me serve de gosto,  
que o bem, que em vos tenho posto,  
por ausente está perdido:  
mas aparta-te, sentido,  
pois se apartaõ essas glorias,  
porque as antigas victorias,  
com que amor triunfou entaõ,  
ja la vaõ, ja nada saõ,  
Deyxay-me, tristes memorias.

## **Chora**

hum bem perdido,  
porque ó desconheceo na posse.

## Soneto

Porque não conhecia, o que lograva,  
Deyxey como ignorante o bem, que tinha,  
Vim sem considerar, aonde vinha,  
Deyxey sem attender, o que deyxava.  
Suspiro agora em vão, o que gozava,  
Quando não me proveyta a pena minha,  
/334/ Que quem errou, sem ver, o que convinha,  
Ou entendia pouco, ou pouco amava.  
Padeça agora, e morra suspirando  
O mal, que passo, o bem, que possuia,  
Paque no mal presente o bem passado.  
Que quem podia, e não quiz, viver gozando,  
Confesse, que esta pena merecia,  
E morra quando menos confessado.

## Enfada-se

o Poeta

do escasso proceder de sua sorte.

## Soneto



Oh que cançado trago o soffrimento,  
E que injusta pensão de humana vida,  
Que dando-me o tormento sem medida,  
Me encurta o desafogo de hum contento!

Nasceo para officina do tormento  
Minha alma à seus desgostos tam unida,  
Que por manter-se em posse de afligida,  
Me concede os pezares de alimento.

/335/ Em mim não são as lagrymas bastantes  
Contra incendios, que ardentes me maltrataõ,  
Nem estes cocntra aquelles são possantes.

Contrarios contra mim em paz se trataõ,  
E estaõ em odio meu tam conspirantes,  
Que só por me matarem, não me mataõ.

### **Compara**

suas penas com as estrellas  
muyto satisfeyto  
com a nobreza do simile.  
A primeyra quarta não he sua.

### **Soneto.**

Una, dos, trez estrellas, veite, ciento,

Un millon, mil millares de millares;  
Valga-me Dios! que tengan mis pezares  
Su retrato en el alto firmamento!  
Que siendo las estrellas tan sin cuento,  
Como son las arenas de los mares,  
las iguale em suas numeros impares  
Mi pezar, mi desdicha, y mi tormento!  
/336/ Mas yo de que me espanto, ó que me abismo!  
Tenga esse alivio en fin mi desconsuelo,  
Que se vá pareciendo al cielo mismo.  
Pues pudiendo mis males por mey duelo  
Se mejar-se a las penas del abismo,  
Tienen su semejança allá en el cielo.

### **No Fluxo**

e refluxo da mare  
encontra o desditado Poeta  
insentivo para recordar seus males.

### **Soneto**

Seis horas enche, e outras tantas vaza  
A maré pelas margens do Oceano,

E não larga a tarefa hum ponto no anno,  
Depois que o mar rodea, o sol abraza.  
Desde a esfera primeyra opacca, ou raza  
A Lua com impulso soberano  
Engolle o mar por hum secreto cano,  
E quando o mar vomita, o mundo arraza.  
/337/ Muda-se o tempo, e suas temperanças,  
Athe o céo se muda, a terra, os mares,  
E tudo está sugeyto à mil mudanças.  
Só eu, que todo o fim dos meus pezares  
Eram de algum mingunte as esperanças,  
Nunca o mingunte vi de meus azares.

### **Pondera**

na corrente arrebatada  
de hum caudaloso rio  
quam distinto vem a ser  
o curso da humana vida.

### **Motte**

Vas-te, mas tornas a vir,  
eu vou, e não torno mais,  
nascemos muy desiguais,

he monos de dividir:  
em ti tudo he repetir,  
vazas, e tornas a encher:  
em mim tudo he fenecer,  
tudo em mim he acabar,  
/338/ tudo em mim he sepultar,  
finalmente hey de morrer.

## **Gloza**

1

Vas-te refazer no mar  
do cabedal, que has perdido  
pela terra divertido,  
e es ditoso em o cobrar:  
eu não posso restaurar,  
nem tam pouco conseguir,  
o que de mim fiz fugir,  
todo se tem acabado;  
tu, em que vás apressado,  
vas-te, mas tornas a vir.

2

O cançasso, e amargura,  
que te custa o teu correr,

tornas logo a converter  
em leyte, mel, e doçura:  
eu correndo à sepultura  
cada vez me damno mais:  
somos muyto desiguáes  
em converter dissabores,  
/339/ tu te voltas com favores,  
Eu vou, e não torno mais.

3

Supposto que sem medida  
roubando vas dessa sorte,  
nem por isso passas morte,  
que dure, ou seja sentida:  
eu, em quanto dura a vida,  
se cometto absurdos tais,  
sem que me valhaõ meus ays,  
pago muy pelo miudo,  
o que a morte faz à tudo,  
Nascemos muy desiguáes.

4

Afogas mil passageyros,  
mas tu à ti não te prendes,  
antes mais forçoso emprendes  
submergir montes, e oiteyros:

eu, se não saõ verdadeyros  
meus passos para a Deos ir,  
me encaminho a destruir:  
tudo em mim he puro estrago,  
diversamente naufrago,  
He monos de dividir.

/340/ [5]

Inda que assim te despenhes,  
não vejo não naufragar-te,  
antes mais vejo espalhar te  
por campos, valles, e brenhas:  
de mim pobre não ha senhas,  
em chegando a me fundir  
não me hey de reproduzir,  
antes para meun encanto  
fico n'um contino pranto,  
e em ti tudo he repetir.

6

Qualquer tronco, que por si  
se vê murcho, ou molestado,  
este muy regozijado  
se arranca, e vay traz de ti:  
eu, se culpas cometti,  
tudo he chorar, e gemer,

ninguem me dá seu poder,  
ando corrido, e neneço,  
e tu, em quanto eu padeço,  
vazas, e tornas a encher.

7

Es bandoleyro, e pirata  
de ramos, flores, e frutos  
/341/ teus procederes saõ brutos,  
e á ti ninguem te maltrata:  
eu, se falta em mim se trata,  
e nella chego a morrer,  
tudo em mim he padecer,  
peno toda a eternidade,  
tu tens outra liberdade,  
Em mim tudo he fenecer.

8

Tens muy tirannos effeytos  
no furor, com que devoras,  
e todos todas as horas  
te tem notaveis respeytos:  
eu, aguardam-me sugeytos  
para me mais estragar,  
guzanos para me dar  
o pago, que hey merecido,

tu vives obedecido,  
Tudo em mim he acabar.

9

Vê, quanto tens destruido,  
quanto tens desbaratado,  
o que tens morto de gado,  
de toda a sorte nascido:  
/342/ mostras-te disso doido?  
naõ: que naõ tens que penar:  
em mim sim tudo he chorar,  
tudo em mim he sentir danos,  
tudo em mim saõ desenganos,  
Tudo em mim he sepultar.

10

Em fim certamente es rio,  
foste mar, mar has de ser,  
mas eu só devo de crer,  
que fuy, e serey p6o frio:  
assim creyo, assim confio,  
nelle me hey de converter,  
os bichos me haõ de comer,  
hey de de todo acabar,  
hey de estreyta conta dar,  
Finalmente hey de morrer.



Continua, na página 343, com

**POEZIAS**

obsequiozas

Anteriormente estavam as

**POEZIAS**

tristes

**/343/ POEZIAS**

## **obsequiosas**

### **Louva**

o Poeta

obsequiosamente

o grande zelo, e caridade,

com que

Antonio de Andrade

Juiz, que era dos orphaõs

desta Cidade da Bahia

sendo dispenseyro da Santa Casa da Misericordia

tratava

aos pobres doentes do hospital.

## **Decimas**

Senhor Antonio de Andrade,

naõ sey, se vos gabe mais

/344/ as franquezas naturais,

ou se a christãa caridade:

toda esta nossa Irmandade,

que a pasmos emudeceis,

vendo as obras, que fazeis,

naõ sabe discidir naõ,

se igualais o amor de Iramaõ,

ou se de Pay ó excedeis.

2

Ou, Senhor, vos sois parente  
de toda esta enfermaria,  
ou vos vem por recta via  
ser Pay de todo o doente:  
quem vos vé tam diligente,  
tam caritativo, e tam  
inclinado à compayxaõ,  
dirá de absorto, e pasmado,  
que entre tanto mal curado  
só vos fosteis homem saõ.

3

Aquella mesma piedade,  
a que vos move hum doente,  
/345/ vos mostra evidentemente  
homem saõ na qualidade:  
de qualquer enfermidade  
saõ aforismos naõ vaõs,  
que enfermáram mil Irmaõs,  
mas se o contrario se alude  
samente a vossa saude  
foy contagio de mil saos.

4

Quem não sarou desta vez,  
fica muyto temeroso,  
que lhe hade ser muy penoso  
acabar-se vos o mez:  
ninguem ja mais isto fez,  
nem he cousa contingente  
o ficar toda esta gente  
com perigo tam atroz,  
que se acabe o mez à vos,  
para mal de outro doente.

**/346/ A Certo**

Poeta moderno  
que em Pernambuco  
Ihe veyo mostrar hum passo,  
que compusera,  
obsequio feyto em nome de certa Pessoa,  
onde o Poeta se achava por hospede

**Decimas**

1

O vosso Passo, Senhor,  
premissas, do que aprendestes,  
à quem por titulo dêstes  
os milagres de hum favor:  
quando ó lestes ao Doutor,  
vi, que estava tam attento,  
que me veyo ao pensamento,  
que com tal tento ó ouvia  
hum Doutor da poezia,  
porque era o passo hum portento.

2

Acabado em conclusão,  
e limado ao rigor d'arte  
/347/ correrá por toda a parte

por obra da vossa mão:  
por vosso ó conhecerám  
em todo o concavo espaço,  
porque só hum real braço,  
como o vosso vem a ser,  
podéra hoje em prender  
fazer, e acabar hum passo.

### **A hum Amigo**

apadrinhando lhe a escrava  
de alcunha a Jacupema,  
a quem sua Senhora queria castigar  
pelo furto de hum ovo.

### **Decima**

Se acaso furtou, Senhor,  
algum ovo a Jacupema,  
ó fez so, para que gema  
c'os pezos do meu amor:  
naõ creyo do seu primor,  
que furte à sua Senhora,  
/348/ sendo franca, e naõ avara,  
porque para ella campar,  
escusa claras comprar,  
pois negra val mais que clara.

## **A hum Amigo**

pedindo lhe  
huma cayxa de tabaco.

### **Decima**

Senhor: o vosso tabaco  
que muyto me ensoberbeça,  
se huns fumos lança à cabeça  
mais divinos, que os de Bacco:  
e bem, que nunca em meu caco  
entra tam rico alimento,  
por isso mesmo eu intento  
para meu proveyto, e pro,  
porque me deis desse pô,  
mandar-vos este memento.



### **/349/ A Custodia**

Nunes Daltro,  
que em casa do Vigario  
da Madre de Deos  
o havia curado de huma Ciatica,  
que padecia em hum quadril  
com trez facas quentes.

### **Decimas**

1

Creyo, Senhor Çurgiaõ,  
que esta dor, que padecia  
era huma grande herezia,  
e vos sua inquisiçaõ:  
dor de tam má condiçaõ,  
que sendo lhe o fogo dado  
me deyxou tam descansado,  
creyo, pois fogo à curou,  
que o meu cú hereticou,  
se com razaõ foy queymado.

2

Se a dor era no quadril,  
que me tinha tam cançado,  
/350/ deyx-a-me agora o cuydado,

do que dirám no Brazil:  
entre boccas mais de mil  
mais de mil falsos computo,  
mas ja nisto naò disputo,  
que diga a gente parleyra,  
vendo queymar-me a trazeyra,  
que m'a queymáram por puto.

3

Mas sayba este povo louco,  
porque atraz me naõ corcoma,  
que eu naõ pecco de Sodoma,  
nem de Gomorra tam pouco:  
o céo por Juiz invoco,  
que este achaque tam iniquo  
ganhey desde Famanico,  
e agora mayor de idade  
passou à ventosidade  
repassada em mal gallico.

4

Achaque fóra; esta vez  
quem de mim se lastimou,  
hum bom Portuguez queymou,  
por livar hum mal francez:  
/351/ Queymou-me com facas trez,

por me tirar a mazella,  
e uzando a mayor cautella  
cebo na parte me untou,  
e como a quilha encebou,  
me mandou pôr logo a vela.

## **A Thomaz**

Pinho Brandaõ

queyxando-se de huma mula  
que lhe tinha pegado huã Mulata,  
â quem dava diversos nomes por disfarce,  
dizendo humas vezes,  
que era inguã, e outras quebradura.

## **Romance**

Fabio: essa bizzarria,  
essa flor, donayre, e gala,  
muy mal empregada está  
em huma cara caraça.  
Sobre ser caraça o rosto,  
dizem, que a dita Mulata  
/352/ de muy dura, e rebatida  
tem ja o couro couraça.  
Item que está muyto podre,  
e naõ escusa esta Pascoa  
para secar os humores  
fazer de salça salçada.  
Naõ me espanto, que nascessem

tais effeytos de tal causa,  
que de Mulata say mula,  
como de mula Mulata.

Hum dia dizeis, que he ingua,  
no outro, que não he nada,  
e eu digo, se não for mula,  
que serà burra burrada.

Mas direy por vossa honra,  
que he quebradura sem falta,  
que de cantar, e baylar  
mil vezes o tallo estalla.

Ponde de contra rotura  
hum parche na parte inchada  
com funda, porque a saude  
fique na funda fundada.

**/353/ Ao Mesmo**

estando prezo  
por industrias de certo Frade:  
afomentado na prizaõ por dous Irmaõs  
appellidados o Frizaõ e o Chicoria  
em vesporas, que estava o Poeta de ir para Angolla.

**Soneto**

He huma das mais celebres histo= ,  
A que te fez predner, pobre Thoma= ,  
Porque todos te fazem de gada= ,  
Que no nosso idioma he para Ango= .  
Oh se quizesse o Padre Santo Anto= ,  
Que se falsificára este presa- ,  
Para ficar corrido este Friza- ,  
E moido em sellada este Chico= .  
Mas ay! que la me vem buscar Mathi= ,  
Que nestes casos he peça de Le= ;  
A Deos, meus camaradas, e ami= .  
Que vou levar cavallos à Benguê- ;  
Mas se vou a cavallo em hum navi- ,  
Servindo vou à El Rey por mar, e te= .



**/354/ A Hum**

Fulano da Sylva  
excellente cantor,  
ou Poeta.

**Soneto.**

Tomas a lyra, Pr[heo divino, ta,  
A lira larga de vencido, que  
Canoros pasmos te prevejo, se  
Cadencias deste Apollo ouvíras ca.  
Vivas as pedras nessas brenhas la  
Mover fizeste, mas que he nada vé:  
Porque este Apollo em contrapondo o re,  
Deyxa em teu canto disonante o fá.  
Bem podes, Orpheo, ja por nada dar  
A lyra, que nos astros se te poz  
Porque não tinha entre os dous Pôlos par.  
Pois o Sylva Aviaõ da nossa foz  
Dessas sereas musicas do mar  
Suspende os cantos, e emudece a voz.



**/355/ Celebra**

o Poeta

à huma graciosa Donzella,  
e não menos formosa  
de Marape  
chamada Antonia.

**Decimas**

Vi-me, Antonia, ao vosso espelho,  
e com tal rayva fiquey,  
que não sey, como julguey  
por linda, à quem me faz velho:  
mas tomey melhor conselho  
de então não enrayvecer,  
que se do sol ao correr  
vay murchando o girasol,  
que muyto, que o vosso sol  
me fizesse envelhecer.

2

O comque mais me admirais,  
he, que com tanto arrebol  
para vos não sejais sol,

/356/ pois sois flor, e não murchais,  
como os passos naturáes  
do sol pela esfera pura  
molegão toda a creatura,  
e o sol sempre se remoça,  
assim mesmo não faz môssa  
em si o sol da formosura.

3

Tantos annos sol sejais,  
que com giros soberanos  
enchais dos mortáes os annos,  
e os vossos nunca os enchais:  
à todos envelheçais,  
como he proprio na officina  
da luz sempre matutina,  
sintaõ do sol as pizadas  
as idades mais douradas,  
vos sejais sempre menina.

### **357/ Correspondeo**

a Moça

com hum grandioso presente de doces,  
que na Cajaiba devoráram  
os amigos do Poeta.

### **Decimas**

1

Para mim, que os versos fiz  
de graça, hum só doce basta,  
mas ja sey, que sois de casta  
de fazer doces gentis:  
e pois a fortuna quiz  
dar-me em premio esta fartura,  
pintando huma formosura,  
agora por nova empreza  
digo da vossa grandeza,  
que sois a vida doçura.

2

Veyo a frota da Guaiba,  
entrou, e tomando terra,  
achou duas nãos de guerra  
de comboy the a Cajaiba:

/358/ estava eu vendo de riba  
o Serigippe famoso,  
quando vi com vento ayroso  
vir entrando pela barra  
por cabo Ignacio Pissarra,  
e por fiscal Joaõ Cardozo.

3

Toda a Ilha se alvoroça  
adivinhando a fartura,  
porque esta vida doçura  
ja fora esperança nossa:  
toda a artilharia grossa,  
com que esta terra guardamos,  
entre vivas disparamos,  
e toda a gente de pé  
c'os olhos em Marapé  
vi gritar: a ti bradamos.

4

Partio-se o doce excellente,  
em que os presentes tem parte,  
que entre ausentes naõ se parte,  
o que veyo de presente:  
cada hum se foy contente  
velhos, mancebos, meninos,

/359/ e estão em rogos continos  
pedindo c'o a bocca toda,  
que o doce façais da boda,  
para que sejamos dignos.

## **Engrandece**

o Poeta

a Ilha de Gonçallo Dias

onde varias vezes

foy refugiado,

e favorecido do mesmo Senhorio.

## **Soneto**

Oh Ilha rica, inveja de Cambaya,

Fertil de peyxe, fruytas, e marisco,

Mais Galegos na praya, do que cisco,

Mais cisco nos Galegos, que na praya.

Tu à todo o Brazil podes dar vaya,

Por tandos lucros dás a pouco risco:

Tu abundas aos Filhos de Francisco

Picote de casiaõ, burel de arraya.

/360/ Tu só em cocos dás à frota o lastro,

Fruyta em toneis, a China as tonelladas,

Tu tens a sua carga à teu cuydado.

Se sabe o preclarissimo Lancastro,

Que tais serviços fazes ás armadas,

Creyo, que ha de fazer de ti hum condado.

## **A Huma**

Menina

Filha do mesmo Gonçallo Dias,  
a cuja disposição ficáram seus Pays  
o bom agazalho do Poeta,  
que pagou cento por hum  
com este regallad, e fresquissimo

## **Romance.**

Passey pela Ilha grande,  
onde vi Senhora Cotta  
tam formosa, que ensinava  
as flores a ser formosas.  
Tam galharda, e tam luzida  
que ensinava em sua escolla  
/361/ as luzes a ser estrellas,  
os astros a ser auroras.  
A ser sol o mesmo sol  
ensina a boa da Moça,  
e quer por bem assombrada,  
que o sol luza a sua sombra.  
Quiz Deos, que fuy de passagem,

que fuy (digo) ida por volta,  
Saltey para voltar logo,  
que alias rayos vaõ fora.

Rayos vaõ fora, que saem  
os rayos de Maricotta  
a ser vida das discretas,  
a ser alma das formosas.

Ella me hospedou entaõ,  
corri pela sua conta,  
que o Pay naõ dice palavra,  
e a May naõ poz maõ em cousa.

Deo-me a rapariga huns sonhos  
tam ricos como ella propria,  
sonhava em me regallar:  
naõ foy mentira, o que sonha.

Visitou-me sua Avó,  
que he muy honrada Pessoa,  
/362/ fez-me mil honras por certo,  
so quem tem honra, dá honra.

Assim ó façã meus Filhos,  
como entaõ ó fez Macotta,  
governo como cem velhas,  
presteza como mil moças.

Queyra Deos, minha Menina,



queyra Deos, Senhora Cotta,  
que eu dure por tantos annos,  
que inda assista à vossas bodas  
Hey de alegrar-me de sorte,  
e fazer tanta galhofa,  
que, os que à vossa boda assistaõ,  
me tenhaõ por sal da boda.

Vos mereceis, que vos casem  
com hum Principe de Europa,  
porque tendes tam bom dote  
na cara, como na roupa.

Tende-me na vossa graça,  
e tereis em minhas coplas,  
senaõ hum grande serviço,  
esta pequena lizonja.

**/363/ A Avó**

desta mesma Moça  
a qual mandou os sonhos,  
que ella deo ao Poeta,  
como dicemos na obra antecedente,  
louva agora particularmente  
o mesmo Poeta.

**Decimas**

1

Senhora velha: se he dado,  
à quem he vosso valido,  
applicares lhe o sentido,  
ouvi vosso apayxonado:  
da-me notavel cuydado  
saber, como ides urdindo  
hum, e outro sonho lindo,  
porque me atrevo a dizer,  
que para tais sonhos ter,  
sempre estivera dormindo.

2

Diz hum portuguez rifaõ  
nascido em tempo dos monhos,

/364/ que ninguem crea em seus sonhos,  
porque sonhos sonhos são:  
eu sigo outra opiniaõ,  
dés que os vossos sonhos vi,  
e tam firme mente os cri;  
que se os tenho por verdade,  
he, porque na realidade  
ós masquey, e os engoli.

3

Eu dormíra todo o dia,  
e a vida desperdiçando  
sempre estivéra sonhando,  
so por sonhar, que os comia:  
o sonhar he fantezia  
d'alma, que quando descança  
naõ larga a sua lavrança,  
o seu trabalho, e tarefa,  
e como a minha alma he trefa,  
no que lida, he na papança.

4

Naõ são sonhos enfadonhos  
sonhos tam adocicados,  
que em vez de sonhos sonhados,  
são sempre engollidos sonhos:

/365/ outros sonhos há medronhos,  
que hum homem deyxã turbado  
depois do sonho acordado:  
os vossos tal naò farám;  
e ao menos me deyxarám  
mel pelos beyços untados.

## **A Huma**

Moça graciosa  
chamata Brites,  
de quem ja fallamos a fl. 73  
por comer hum cayju, que vinha para o Poeta.

## **Decimas**

Se comestes por regalo,  
Brites, o cayju vermelho,  
tomastes muy mau conselho,  
e temo, que heys de amargá-lo:  
no pomo hade ter aballo  
toda a vossa geraçãõ,  
pois vos sem comparaçãõ  
golosa à Eva excedestes,  
/366/ quando só por so comesmes,  
sem dar parte ao vosso Adaõ.

2

Poz-vos Deos Eva segunda  
nesse vosso paraizo,  
fiando de vosso siso,  
que fosses menos immunda:

vos como mais moribunda,  
mais fraca, e mais alfenim  
comestes o pomo em fim,  
e por lhe metter o dente  
naõ fugistes da serpente,  
e andais fugindo de mim.

3

Sinto amarguissimamente,  
que visto o vosso peccado  
hey de sair condenado,  
como se fosse a serpente:  
do vigario era o presente,  
e meu o cayjú do meyo,  
e assim com razaõ receyo,  
que pelo vosso peccar,  
hey de sair a arrastar, como à serpente lhe veyo.

/367/ [4]

Eu naõ vos persuadir,  
para haveres de ó comer,  
que Deosa havieis de ser,  
pois Deosa sempre vos vi:  
mas vendo o cayju rubi  
golosa, e arremeçada  
lhe fostes dar a dentada,

e diz a ley com a gloza,  
que pois fostes a golosa,  
haveis de ser arrastada.

## **A Trez Irmaãs**

formosas

Damas pardas,

que moravaõ no Areyal.

## **Romance**

Hontem vî no Areyal

a trindade das formosas,

que consta de huma belleza

repartida em trez pessoas.

Trez Irmaãs Anna, Leonor,

e a discreta Maricotta,

/368/ trez pessoas tam distintas,

e huma belleza entre todas.

Trez pessoas, e huma só

belleza a trindade soa,

unidade em formosura,

sendo a trindade das moças.

Mas eu com sua licença

quizera escolher de todas

Maricas por mais discreta,

ja que naõ por mais formosa.



Por mais formosa também  
escolhéra a Maricotta,  
que a ventagem da belleza  
está no olhar de quem olha.

Naõ consiste em realidade  
a belleza de huma moça,  
consiste na inclinaçãõ,  
de quem della se enamora.

Eu como tam inclinado  
aos olhos de Maricotta  
com licença das Irmaãs  
à escolho por mais formosa.

Os olhos se vaõ as mais,  
e o coração pede outra,  
/369/ e o dividir a trindade  
he d'almas pouco devotas. Mas em tal perplexidade,  
em tal pena, em tal afronta  
ha de fazer a eleyçãõ,  
o que dicer esta copla.

## Decima

Da me Amor a escolher  
de duas huma devota,  
Leonor, ou Maricotta,  
e eu me não sey resolver:  
se me hey de vir a perder  
pela minha inclinação  
tomando huma, e outra não,  
quero, que me dê Amor  
Maricotta, e Leonor,  
por não errar na eleyção.

**/370/ A Duas**

Irmaãs tam bem pardas  
de igual formosura.

**Decimas.**

1

Altercáram-se em questaõ  
Thereza com Mariquita  
sobre qual he mais bonita,  
se Thereza, se Assumpçaõ:  
eu tomo por conclusaõ  
nesta questaõ altercada,  
que assumpçaõ he mais rasgada,  
e Thereza mais sisuda,  
e se houver, que à sacuda,  
verá a conclusaõ provada.

2

Se Thereza he muy bonita  
Mulata guapa, e bizarra,  
com muy bom ar se desgarra  
a mestica Mariquita:  
ninguem à huma, e outra quita

serem lindissimas cambas,  
/371/ e o Cupido, que d'entrambas  
quizer escolher a sua,  
escolha, vendo-as na rua,  
que eu para mim quero ambas.

3

As Putas desta cidade,  
ainda as que são mais bellas,  
naõ são nada diante dellas,  
saõ bazofia da beldade:  
saõ patarata em verdade,  
se há verdade em pataratas,  
porque Brancas, e Mulatas  
Mestiças, Cabras, e Angolas  
saõ azeviche em parolas,  
e as duas saõ duas pratas.

4

Ja mais amanhece o dia,  
porque say a Aurora bella,  
senaõ porque na janella  
se poem Thereza, e Maria:  
Huma manhaã, em que ardia  
o sol em luzes divinas,  
pelas horas matutinas

eu vi Thereza assistir,  
/372/ ensinando-a a luzir  
como mestra de meninas.

## **A Huma**

Dama

Fulana de Mendonça Furtado,  
com quem foy o Poeta achado  
por sua Mulher.

## **Decimas**

1

Rifaõ he justificado  
desde o Indio ao Ethiopio,  
que sabendo muyto o proprio,  
muyto mais sabe o furtado:  
eu deste engoddo levado,  
que desde menino ouvia,  
forçado da simpatia,  
ou da minha ardente chama,  
a furto da propria Dama  
a vossa nata comia.

2

Comendo huma, e outra vez  
/373/ da nata, que Amor cobiça,  
o demo, que tudo atiça,  
descobrio tudo, o que fez:

deo-me a Dama tal revez,  
tal repudio, e tal baldaõ,  
sabendo a minha trayçaõ,  
como he de crer de huma Dama,  
que me achou na vossa cama  
e o mesmo furto na maõ.

3

Naõ tive, que lhe allegar,  
ou que dar lhe por desculpa,  
que quem tem gosto na culpa,  
ó perde em se desculpar:  
naõ consiste o meu pezar  
em perder esta mulher,  
sinto, Senhora, o perder  
junto com vossa affeyçaõ  
huma, e outra occasiaõ  
de tornâ-la a offender.

4

Mas se a occasiaõ deyxey,  
como naõ me deyxam amor!  
naõ vos gozarey traydor,  
/374/ e fiel vos gozarey:  
athe agora vos logrey  
com susto, que acabou ja:

agora vos logrará  
amor sem susto, e cuydado,  
e quando não for furtado,  
gosto, Mendonça, sera.



## **A Huma**

Dama

gratificando lhe o favor,  
que por sua intercessã alcançara.

## **Decimas**

1

Quem tal poderia obrar,  
senaõ vossa perfeçãõ,  
beyjo-vos, Senhora, a mãõ,  
por tal favor alcançar:  
e para graças vos dar,  
he bem, que obsequio vos faça,  
que quem só sobe com graça  
ao trono de merecer,  
/375/ he bem, que eu venha a dizer,  
que he toda cheya de graça.

2

Naõ tenho, que encarecer,  
o quanto estou obrigado,  
que, o que me dê vosso agrado,  
he digno de agradecer:  
pois ninguem pôde fazer

o que quer meu coração  
senaõ que a vossa affeyção  
quiz na maõ levar a palma,  
do que rendido a minha alma  
vos beyja a palma da maõ.

## **A Huma**

Dama  
que por hum vidro de agua  
tirava o sol da cabeça.

## **Decimas**

Qual encontra na luz pura  
a Maripoza desmayos,  
/376/ tal de Clori sente a rayos  
a saltos a formosura:  
remedio à seu mal procura,  
mas com ser a doença clara,  
ja eu lha difficultára,  
temendo em tanto arrebol,  
que tirar da testa o sol,  
lhe custa os olhos da cara.

2

Posto que o sol não resista,  
temo, que ali não falleça,  
porque se offende a cabeça,  
nunca desalenta a vista:  
nesta pois do ardor conquista  
vejo à Clori perigar,

pois querendo porfiar,  
das duas huma ha de ser,  
ou naõ ha de ao sol vencer,  
ou sem vista ha de ficar.

3

Mas Clori assim achacada  
que está, he cousa sabida,  
menos do sol offendida,  
que da lua perturbada:  
/277/ que esteja Clori aluada,  
he inferencia cõmua,  
pois se ao sol da fonte sua  
perturbaõ nuvens de ardores,  
quando ao sol sobem vapores,  
he nas mudanças da lua.

4

Se Clori se persuadira,  
que só da lua enfermára,  
da cabeça naõ curára,  
mas aos pés logo acodira:  
se o calor porem lhe inspira,  
que o seu mal todo he calor,  
pois o mayor ao menor  
por razaõ deve prostrar,

para as do sol sepultar,  
procure as chamas do amor.

5

Mas se as do fogo naò quer,  
bem se val das armas d'agua,  
que só póde em tanta fragua  
tanto vidro allivio ser:  
nelle o mal remedio ter,  
o mesmo sol ó assegura,  
/378/ que se nas aguas procura  
em seus ardores abrigo,  
quem tem em christal jazigo,  
acha em vidros sepultura.

**A Henrique**  
da Cunha  
desenfado do Poeta  
por insigne mentiroso,  
chegando da Itapema à Cajaiba.

### **Romance**

Senhor Henrique da Cunha,  
vos, que sois na Itapema  
conhecido pelo brio,  
graça, garbo, e gentileza:  
Vos, que donde quer que estais,  
todo o mundo se vos chega  
a escutar a muyta graça,  
que vos chove a bocca cheya:  
Vos, que partindo de casa  
ou seja a remo, ou a vela,  
/379/ bem que venhais sem velame,  
vindes fiado na verga.  
E apenas tendes chegado  
à esta Cajaiba amena,  
logo Sam Francisco o sabe,

logo Apollonia se enfeyta.

Logo chovem os recados,  
logo a canoa se apresta,  
logo vay, e logo encalha,  
logo toma, e logo chega.

Logo vos à conduzis  
para a casa das galhetas,  
onde o melado se adoça,  
onde a garapa se azeda.

Entra ella, entrais vos tambem,  
assenta-se, e vos com ella,  
e assentada lhe brindais  
à saude da fodenga.

Vos, mas basta tanto vos,  
se bem que a Musa burlesca  
anda tam desentoadada,  
que ja não canta, vozea.

Ás vossas palavras vamos,  
vamos ás vossas promessas,  
/380/ que com serem infinitas,  
não saõ mais que as minhas queyxas.

Promettestes-me ha dous annos  
de fazer-me aquella entrega  
da viuva de Nain,

que hoje he gloria da Itapema.  
Naõ me mandastes comboy,  
necessaria diligencia  
para hum triste, que naõ sabe  
nem caminho, nem carreyra.  
Tam penoso desde entonces  
fiquey com tamanha perda,  
que ou a pena ha de acabar-me,  
ou ha de acabar-me a pena.  
Mas inda assim eu confio  
na Senhora Dona Tecla,  
que nas dez varas de Olanda  
hey de amortalhar a pena.  
Dice amor talhar? mal dice,  
melhor resurgir dicera,  
que em capello tal resurge  
a mais defunta potencia.  
Vos me tirastes do ganho,  
sois meu amigo, paciencia:  
/381/ por isso diz o rifaõ,  
que o mayor amigo a préga.  
So vos soubestes logrâ-la,  
que sois com sùma destreza  
grande jogador da porra



pela branca, e pela preta.  
Jogais a negra, e a branca,  
e tudo na escolla mesma,  
bem haja a esperava, e Senhora,  
que huma d'outra se não zela.  
Esta he a queyxa passada,  
porem a presente queyxa  
he, que à todos os amigos  
mandastes mimos da terra.  
A huns peças de piaçaba,  
fizestes à outros peça,  
eu ja essa pessa tomára  
por ter de vos huma prenda.  
Enviay-me alguma cousa,  
mais que seja hum pao de lenha,  
terey hum páo para os caens,  
que he, o que há na nossa terra.  
Lembre-vos vosso compadre,  
que o tal Duarte de Almeyda  
/282/ cõ a obra parou, em quanto  
a piaçaba não chega.  
Manday-me huma melancia,  
que ainda que he fruyta velha,  
não importa o ser passada,

como de presente venha.

Manday-me hum par de tipoyas,  
das que se fazem na terra  
a dous cruzados cada huma,  
que eu mandarey a moeda.

Manday-me sem sombaria,  
que eu volo peço de veras,  
porque eu não peço de graça,  
quanto a dinheyro se venda.

Manday boas novas vossas,  
em que vos sirva, e obedeça,  
que como vosso cativo  
irey por mar, e por terra.

Manday-me novas da May,  
das Filhas muytas novellas,  
pois em fazê-las excedem  
Servantes, e outros Poetas.

E perdoay disparates,  
de quem tanto vos venera,  
/383/ que por em tudo imitar-vos,  
vos quer sequir na fodenga.

## **Regra**

de bem viver,  
que a persuações de alguns amigos  
deo à huns Noyvos,  
que se casavaõ.

## **Regra**

para Noyva.

## **Sylva.**

Será primeyramente ella obrigada,  
Em quanto não fallar, estar callada:  
Item por nenhum caso mais se metta  
A romper fechaduras de gaveta,  
Salvo, se por temer algum agouro,  
Quizer tirar de dentro a prata, e ouro.  
Lembre-se de ensaboar, quem à recrea,  
Porem não ha de ser de volta, e meya,  
E para parecer mulher, que poupa,  
/284/ Nao se descuyde em remendar lhe a roupa;  
Mas porem advertindo, que ha de ser,

Quando elle de rayva à não romper,  
Que levar merecia muyto açoyte  
Por essa, que rompeo honte honte a noyte  
Furioso, e irado  
Diante de seu Pay, e seu Cunhado,  
Que esteve em se romper com tal azar,  
E eu em pontos tambem de me rasgar.  
Irá muy poucas vezes á janella,  
Mas as mais que puder irá à panella:  
Ponha-se na almofada athe o jantar,  
E tanto ha de cozer, como ha de assar:  
Faça lhe hum boccadinho muy caseyro,  
Porem podendo ser, coma primeyro,  
E ainda que ó veja pequenino,  
Não lhe dê de comer como à menino.  
Quando vier de fora, va-se à elle,  
E faça por se unir pelle com pelle,  
Mas em lhe dando a sua doencinha,  
De carreyra se vá para a cosinha,  
E manda a Magdalena com fervor  
Pedir á sua May agua de flor;  
Isto deve observar sem mais propostas,  
/285/ Se quizer a saude para as costas.  
Isto deve fazer,

Se com o bem casado quer viver;  
E se a regra seguir,  
Cobrar  boa fama por dormir,  
Na qual interessado muyto vay  
Seu Cunhado, seu Pay, e sua May.  
E a Deos, que mais não posso, ou mais não pude;  
Ninguem grite, Chiton, e haja saude.

**Dote**  
para o Noyvo  
sustentar os encargos de casa.

Huma casa para morar	de botões.
Com seu quintal	de ferro
Hum leyto	de carro
Huma cama	de bobas
Com seus lançoés	de Itapoá
Suas cortinhas	de muro
Hum vestido de seda	de cavallo
Com seus botoes	de fogo
/386/ Hum guardapé	de topadas
Hum vaqueyro	de certaõ
Dous gibões	de açoutes
Hum com mangas	de mosquetaria,
Outro de mangas	de rede.
Huma saya	de malha.
Outra saya	de dentro p <sup>a</sup> fora
Huma cinta	de desgostos
Hum manto de fumo	de chaminé
Dous pares de meyas	canadas
Huns çapatos	de pilar.

## **Roupa**

branca

Duas camisas de enforcado  
Arrendadas com as rendas do verde pezo  
Duas fraldas da serra  
Dous lenços de caça do matto  
Dous guardanapos da cutillaria  
Para a mais roupa duas pessas de pano - do rosto.

## **Trastes**

de casa

Huma cayxa grande de guerra  
/387/ Outra meâa de muchaxins.  
E outra pequenina de oculos.  
Dous contadores da India Manuel de Faria  
e Souza, e Fernão Mendes Pinto.  
Duas cadeyras de espinhaço  
Huma esteyra para o estrado de navio  
Dous cayxões de fervura  
Huma armação fresca para a cama de Xareos  
Hum espelho de violla.

## **Pessas**

## de Ouro

Huns brincos para as orelhas de junco  
Dous cordões para o pescoço de franciscanos  
Duas manilhas para os braços de copas, e espadas  
quatro memorias para os dedos da Morte  
do Inferno, do Paraizo, e outra de Gallo.  
Dous aneis para os dedos de espingarda hum  
E o outro de agua.

## Pessas

de serviço oito

O Canario, a Canzinho, o Pandalunga, o violaõ  
o Gandû, o cubango, a Espanholeta, e hum valen-  
/388/ te negro em Flandes.  
Para chamar estes negros huã campainha - na garganta.  
Dam lhe mais duas toalhas de arrenegado  
Huma salva de artelharia.  
Para se alumiar duas velas de gavea  
Para rezar humas contas de quebrados  
Para sair fora huma rede de arrasto  
E para a limpeza hum Servidor de Vm<sup>e</sup>.

## Comestivos

Carneyro de sepultura



Picado	de bexigas
Tortas	de hum olho
Pasteis	de estrada
Almondegas	de capim.

### **Fruytas**

Figos	femeas,
Limas	surdas
Maçaãs de espada,	e escaravelho.

**Para**  
os dias de peyxe

Caldo	de grãos
/389/ Agulhas	de asso
Lampreas	do termo.

### **Doces**

Morgados	sem renda
Marmelada	de caroço
Cidraõ	de pé de muro
E muytos doces	afagos.

**Para**  
seus divertimentos

Huma quinta            feyra  
Com duas fontes        nos braços  
E para os gastos        500 sellos na fralda.

**/390/ Estas Obras**

supposto andem  
em nome do Poeta,  
com tudo não são suas,  
porque esta he  
de João de Brito Lima,  
e as mais seguintes  
de Thomaz Pinto Brandaõ,  
e por essa causa vão fora de seu lugar.

**Methafora**

interlocutoria  
de dous Pescadores  
Dantes, e Lauriano,  
dando hum à outro novas da cidade.

**Decimas**

1

Dant. He bem, que em prazer se mude,  
o que foy penalidade;  
que novas há da cidade?  
Como vindes de saude?

/391/

Laur. Bem venho, assim Deos me ajude;

e vos como estais Danteo?

Dant. Muyto mal, amigo meu,  
que não há, quem se não queyxe:  
as redes não mataõ peyxe,  
tem-no escondido Protheo.

2

Inda que isso não me importe,  
se quer por curiosidade  
day-me novas da cidade,  
e das que ouvistes da corte:  
ca dizem por este norte,  
manda El Rey nosso Senhor  
mudar o Governador;  
queyra Deos, o demo ó tome,  
este, que conserva a fome,  
e nos venha outro melhor.

3

Quem teve a culpa primeyro  
de levantar-se a farinha?

Laur. Quem achou, que lhe convinha,  
porque lhe deram dinheyro;  
hum Joaõ de couros Carneyro  
com outros desta facção,

/392/ Joaõ Pereyra, e o Capitaõ

de Guarda, que hoje preside,  
nestes todos se divide  
com igual repartição.

4

Dant. Este Courinhos não quer  
senaõ ser entremettido.

Laur. Está aqui introduzido,  
Fará tudo, o que quizer;  
mas eu espero de ó ver  
inda este vil patifaõ  
morto como seu Irmaõ  
enforcado de repente,  
naõ como traydor somente,  
mas como traydor ladraõ.

5

Dant. Que tem passado em rigor  
o successo desestrado  
do Sobrinho do Prelado?

Laur. Ja passea o matador.

Dant. Tem de casa o regedor,  
que quer levar tudo ao cabo.

Laur. O bom juizo lhe gabo.

Dant. E a Justiça? Laur Que ha de obrar?

/393/ naõ vedes para ó livrar,

que bicho lhe cay ao rabo.

6

Dant. Esse Moço he dos valentes.

Laur. Nunca foy tal em seus dias;  
mas hoje faz valentias,  
porque tem as costas quentes.

Dant. Em sendo daqui ausentes  
elle, e quem por Amo invoca,  
naõ os verám abrir bocca,  
e eu tenho por certo abuso,  
que ha de ir o Amo confuso,  
quando o Moço aviste a Roca.

7

Vistes ao Governador,  
he feyo, ou he gentil homem?

Laur. Naõ me falleis nesse homem,  
que eu naõ vi cousa peyor;  
à qualquer murmurador  
fallar nelle faz fastio.

Dant. Ora pintay-me o feytio,  
que ó quero ver retratado.

Laur. Viste hum gentio pintado?  
pois he pintado hum gentio.

/394/ Na apparencia não se afasta  
do gentil sangue, que alcança,  
e por isso a similhaça  
ó faz puxar à essa casta:

Dant. Ora do Governo basta;  
que novas ha mais por lá?

Laur. O Pitta he coronel ja.

Dant. Na verdade não me espanto,  
ó fizesse sobir tanto  
a ida de Parnaguá.

9

Desse fidalgo me day  
noticia, que he bom jumento.  
Inda falla no instrumento  
da May, sem fallar no Pay?  
Dizey-me se acaso say  
fora, como se apparelha.  
Inda faz a sobrancella?  
poem cor no rosto encarnada?

Laur. Por mais que ponha, ja nada  
lhe faz a face vermelha.

10

Dant. Se houver nova povoação  
de alguma dezerta terra,

/395/ esse Moço ha de ir à guerra?

Laur. como foy n'outra occasião,  
que se elle faltou entãõ  
por ter a May delle dó  
sendo solteyro, mais só,  
como ha de ir hoje, que logra  
May, e Thio, Sogro, e Sogra,  
Mulher, Filhos, mais Avó.

11

Dant. Eu vos affirmo, e prometto,  
naõ fosse elle coronel,  
nem tambor, nem furriel  
se governasse o Barreto:  
porque como era tam recto,  
nem que o Thio lho pedira,  
em tal nunca consentira,  
porque outra vez naõ chorasse  
a May, porque ó naõ mandasse,  
nem mais nunca ó perseguira.

12

Laur. Por certo que merecia  
esse coronel Cupido  
que tivesse o seu partido  
entre as Putas da Bahia:



/396/

Dant. Mais inda não serveria  
com boa reputaçã,  
porque ja n'outra occasiã  
claramente vimos nos,  
que Betica, e a May ó poz  
hum retrato de Sansaõ.

13

Ja que em Betica fallamos,  
como está com seu André?

Laur. qual delles? Dant. Aquelle, que he  
por duas vezes cavallo.

Laur. Tem lhe dado tanto aballo,  
para que ninguem lha tome,  
que não socega, nem come;  
e eu creyo do seu talento  
mostrar ter o entendimento,  
do que tem por sobre nome.

14

Dant. O Capitaõ Ingenheyro  
isso leva com bom siso?

Laur. Esse Moço tem juizo  
para campar no Terreyro;  
à Betica o seu dinheyro

deo, que he tam grande alimaria,  
/397/ mas vendo, que à perdularia  
nem elle lhe dava aballo,  
nem à fartava hum cavallo,  
à deyxou pela Nataria.

15

Dant. Muy bem empregado está  
em tal Dama o seu amor.

Laur. Se vay de mal em peyor,  
peyor mulher à não ha.

Dant. E toda via he tam má?

Laur. Não à tem peyor o mappa,  
nem de baxo da azul cappa,  
póde haver mais çujo trapo,  
porem nunca falta hum sapo,  
para similhante sapa.

16

Dant. Ay que o melhor me esquecia,  
tenho o juizo fantastico.  
Como vay o Ecclesiastico?  
como passa a Fradaria?

Laur. Nos clerigos da Bahia  
não falla ninguem ousado,  
que creyo, tem dispensado

o Papa, que possa ter  
/398/ cada qual delles mulher,  
e qualquer he ja casado.

17

Senaõ vejamos o Porto,  
onde está sempre huma lancha;  
à este tambem se arrancha  
o conego do pê torto:  
para essa função exorto  
outros, que occultos mantem,  
que dize-los não convem  
por respeyto, ou dignidade,  
ou por suppor em verdade,  
que ja algum à não tem.

18

Dant. Os Bentos? Laur. Tem lindos modos  
quasi todos em geral,  
excepto o Provincial,  
que he muyto peyor que todos:  
haõ de me faltar apoddos  
para apoddar tais maganos;  
não fiquem os Franciscanos  
deshonra das religiões,  
atrevidos patifões,

cheyos de vicios mundanos.

/399/ [19]

Aqui frizava o Frizaõ,  
pois dentro daquelle vulto  
tanto vicio tem occulto,  
quanto elle he patifaõ:  
o Chicoria seu Irmaõ  
tambem se lhe naõ agacha;  
com estes o Jardim se acha,  
e se reparo fizeres  
nestes homens, e mulheres  
tiram todos acha, e facha.

20

Dant. Os postos de Infantaria?

Laur. Vem providos. Dant. Em que gente?

Laur. Mestre de Campo o Tenente:

o Lima da artelharia.

Dant. Sabe-se ja quem viria  
provido à Sargento mor?

Laur. O mayor enredador,  
que tem toda esta cidade,  
com cappa de santidade  
faz, o que quer o traydor.

21

Dant. Mil habitos por dinheyro  
me dizem, que se tem visto.

/400/

Laur. Pelos habitos de Christo  
se conhecem canastreyros:  
Barrozo, e seus companheyros,  
saya o meu Perico a balha,  
que no Carmo se agazalha  
mais ligeyro do que hum galgo,  
por se introduzir fidalgo,  
sendo como a mais canalha.

22

Graças à Deos estou dando,  
que nesta terra maldita  
ha de ter hum Tataõ dita,  
e hum Gaspar Soares mando,  
para andar atropellando  
muytos, que desaccõmodaõ,  
e campando, o ouro rodaõ,  
com ver, pois tem por estudo,  
os que dormem para tudo,  
e nas despezas acordaõ.

23

Laur. A Bahia está acabada,

pelas novas, que me dais.

Dant. Se disse vos espantais,  
a vista do mais he nada:  
/401/ nesta cidade malvada  
naõ vivem mais que embusteyros,  
Mariollas, Canastreyros,  
adoladores, ladrões,  
degradados, maganões,  
velhacos, alcovieteyros.

24

Dant. Bem haja, quem vive fora  
de labyrintho tam grande  
sem se lhe dar, de que ande  
tudo, como vejo agora:  
Ficay-vos, amigo, embora  
athe a frota, que vem,  
que recolher-me convem,  
antes que por estas trovas,  
em que dou tam tristes novas,  
me naõ dem boas tambem.

**/402/ A Posse**

que tomou da Coampanhia  
Joaõ Glz da Camera Coutinho  
Filho do Governador  
Antonio Luiz da Camera Coutinho  
em dia de S. Joaõ Baptista,  
assistindo lhe de Sargento  
seu Thio D. Joaõ de Alencastre  
que tinha vindo de governar Angolla,  
estando o Author Thomaz Pinto prezo.

**Decimas**

1

Mil annos ha, que não verso,  
porque ha mais de mil, que brado,  
vendo-me tam mal versado,  
dos que me fazem preverso:  
eu se fallo, sou adverso,  
se me callo, sou peyor;  
advirta pois o leytor,  
que entre callar, e dizer,  
se, o que fuy, sempre hey de ser,  
eu fallo, seja o que for.

/403/ [2]

Do bellico, musal pôlo  
venhaõ quatro mil Pegasos,  
quatro montes de Parnasos,  
quatro novenas de Apollo:  
no centro do meu miollo  
formem huma plataforma,  
que se acaso se reforma  
deste meu plectro a miseria,  
se o esquadraõ he materia,  
eu hey de fallar em forma.

3

Toca arma de parte a parte,  
mostre o capitaõ brioso  
o espirito bellicoso  
nas galhardias de Marte:  
por natureza, e por arte  
veja Sua Senhoria  
os grandes da Infantaria  
quam luzidamente todos  
por lhe usurparem os modos  
vaõ em sua companhia.

4

Alto:, que se naõ me engano,  
vejo o terror espantoso



/404/ do Ethiope ferforoso,<sup>6</sup>  
e pasmo do Americano:  
guarda: que no estilo lhano  
mettido entre a marcia gente  
vaõ matando de repente:  
ey lo vem muy radiante  
com escamas de galante  
entre guelras de valente.

5

Vou marchando com louvor,  
porque gósto neste estado  
de ver, que o mayor soldado  
monta a sargento mayor:  
tanto me alenta o fervor  
deste famoso Alencastro,  
que creyo, que algum bom astro  
o conduzio à Bahia  
Castro alem da fidalguia  
sargento do melhor castro.

6

O ajudante naõ me aballa  
ser ao terço velho opposto,

---

<sup>6</sup> Na margem esquerda: “D. João de Alencastre”.

que ja nelle ó vi com posto,  
e adornado com bem gala:  
/405/ quando o peyto expoem à bala,  
peleja com tanto ingenho,  
que à aquelles, que com desenho  
ó investem a todo o trote,  
subtilmente dá garrote,  
se não mata com empenho.

7

Toda historia não aponta,  
que tenhaò parilha igual,  
hum não sabe, quanto val,  
nem est'outro quanto monta:  
hum, do que sabe, deo conta,  
e sabe a conta, que deo;  
porem admirey-me eu,  
vendo, que aquelle, e aquell'outro  
não se correndo hum com outro,  
hoje hum com outro correo.

8

Muyto hey sentido não ter  
o Monteyro aqui entrado,  
pois he o homem de agrado,  
que só me soube prender:

o Mathias a exercer  
suppêra o melhor centurio,  
/406/ mas nenhum ficou expurio  
de contender nesta parte,  
quando Mathias com arte,  
e o Monteyro com Mercurio.

9

Vejo ali hum emplumado,  
que no grangear decoro,  
se não he desaforado:  
em quem he, ja tenho dado,  
que ó conheci pelo pico;  
venha embora meu Pericio,  
como queda allá El Rey?  
eu com saude ó deyxey  
alegre de Joaõ, e Chico.

10

Para gloria dos vindouros  
sopray, Senhora Thalia,  
a nova sargentaria  
do famoso Joaõ de couros:  
ey lo vay entre os estouros  
formando merecimentos,  
tanto, que a sussurros lentos

lhe chamaõ os capitães  
/407/ sargento dos Escrivães,  
sendo Escrivão dos Sargentos.

11

Alterou tanto a função  
com a tenda da campanha,  
que era força haver façanha,  
onde sobrava a razão:  
deo ao Povo hum alegraõ  
na pipa da cortezia,  
alem da muyta alegria  
fez os pedestres crescer,  
porque a pipa veyo a ser  
o ramo da companhia.

12

Tam sonoramente soa  
de Joaõ a tarde bella,  
que de Joaõ a capella  
serve à Joaõ de coroa:  
quando hum calla o outro atroa,  
este corre, aquelle cança,  
e athe quiz entrar na dança,  
como entrou, certo Manaaõ  
so eu neste Sam Joaõ

naõ pude fazer mudança.

/408/ **Ao Capitão**

da Guarda

Luiz Ferreyra de Noronha

lhe dá os agradecimentos

Thomaz Pinto Brandaõ

de ó livrar da prizaõ,

em que estava.

### **Decimas**

1

Ja que nas minhas tragedias  
quereis deligar-me os laços,  
quero louvar-vos os passos  
a titulos de comedias:  
e assim ja soltando as redeas  
ao Pegaso Aganipano,  
quero sem visões de engano  
representar à Bahia,  
lo que puede la por fia  
del capitan Lusitano.

2

Se a maõ me viestes dar  
para da prizaõ me erguer,

/409/ foy este baque a meu ver

caer para levantar:

os olhos hey de quebrar,

à quem na prizaõ me poz,

e por pagar-vos à vos

o beneficio rendido,

dou de ser agradecido

El juramento ante Dios.

3

Para em titulo metter

ao nosso amigo Honoratos,

seja o passo de Pilatos,

pois outro no puede ser:

porfiar hasta vencer

quero pelo ver vencido,

e juntamente abatido

este Fidalgo barbado

por força ha de ser chamdo

El Privado perseguido

### **/410/ Mandou**

este mesmo Author  
estando prezo  
pedir huma esmolla  
à certo cavalheyro desta terra.

### **Texto**

Deste inferno dos viventes,  
desta masmorra infernal,  
deste lugar dos percitos,  
em que assisto por meu mal,  
vos mando, senhor, pedir  
pelo alto Sacramento  
o soccorro de huma esmolla  
para ajuda do sustento.

### **Gloza**

1  
Se quem sabe, o que he amor,  
e quem sabe, o que he render-se,  
he facil compadecer-se,  
de quem padece hum rigor,  
do mesmo modo, Senhor,



/411/ se dóe das penas urgentes,  
de quem ao som das correntes  
faz sua afflição notoria,  
ou escreve a sua historia  
Deste inferno dos viventes.

2

Eu pois, que sem intervallo  
nas penas, em que tropeço,  
callo tudo, o que padeço,  
padeço tudo, o que callo,  
por dar à meu mal aballo  
com estilo artificial  
vos quero contar meu mal  
desta lobrega prizaõ,  
deste caos de escuridaõ,  
Desta masmorra infernal.

3

Quero contar-vos a historia  
da minha tam triste vida,  
mais fallada, que sabida,  
mais publica, que notoria:  
quero, que tenhais a gloria  
de saber dos requisitos  
de meus sentidos afflictos,

/412/ que ha tanto, que eu sey sentir,  
se a gloria póde sair  
Deste lugar dos percitos.

4

Neste lugar, onde estou  
por decreto da desgraça,  
a gloria efeyto da graça  
ja mais se cõmunicou:  
mas quem sempre vos amou  
com affecto tam leal,  
tirá gosto immortal  
de seu pezar mais interno,  
e a gloria do mesmo inferno,  
Em que assisto por meu mal.

5

Mas pois de hum pobre lugar,  
onde a mesma natureza,  
o que produz, he tristeza,  
o que alimenta, he pezar,  
naõ póde hum pobre mandar  
senaõ meyos de affligir;  
vos deveis-vos persuadir,  
que entre tanto desprazer,  
se vos naõ mando offercer,

/413/ Vos mando, Senhor, pedir.

6

Prço-vos por ter supposto  
de hum fidalgo coração,  
que quem de dar dá occasiaõ,  
esse lhe dá mayor gosto:  
mas não só no presupposto  
da nobreza, e do talento  
vay fundado o meu intento,  
pelo qual mando rogar-vos,  
senà por mais obrigar-vos,  
Pelo alto Sacramento.

7

Desta petiçaõ vaõ sós  
dous pontos ao mesmo fim,  
huma esmolla para mim,  
huma gloria para vos:  
pois he igual entre nos  
hum fim, que à ambos consola,  
e o nobre mais se acrisola,  
quando ao pobre soccorreis,  
espero, que me mandeis  
o soccorro de huma esmolla.

8

/414/ Espero me soccorrais  
quasi por obrigaçãõ,  
porque de huma petiçãõ  
me consta, que vos pagais:  
e pois de antemaõ estais  
pago del futuro cuento,  
por ser cabal pagamento  
a lizonja recebida,  
deytay fora esta partida  
Para ajuda do sustento.

Segue-se o

# INDEX

dos assumptos que se contem neste  
livro e o

# ALFABETO

das obras